PLACAR

Jô
O MVP 2017

Uma seleção de jornalistas, comentaristas e os 20 capitães do Brasileirão elegem os Mais Valiosos da Placar

+

O MELHOR GOLEIRO, DEFENSOR, MEIO-CAMPISTA, ATACANTE E TÉCNICO

BRASILEIRÃO
O melhor das séries A, B, C e D

RENATO GAÚCHO
O herói em 7 atos

SÃO PAULO
Por que o tricolor encolheu?

Abril
7 893614 109862
ED.1434 DEZ 2017 R$ 19,90

O NETO DE GARRINCHA QUE VIROU JOGADOR NA INGLATERRA + RANKING PLACAR ATUALIZADO

STAR WARS™
Disney
© & ™ Lucasfilm Ltd.
LUCASFILM

PRELEÇÃO

Um ano bom

Caro leitor, chegamos ao fim de 2017 com muita coisa para comemorar. Os corintianos da redação comemoram dobrado. O Timão acertou o time e superou críticas do início da temporada para se firmar como o grande destaque do ano, conquistando seu sétimo Brasileirão e tornando-se o maior campeão desde 1971.

Aqui na revista ficamos muito felizes com nossas conquistas. Completamos um ano redondo de volta à Editora Abril, com uma nova proposta para a marca PLACAR. Somos multiplataforma, com forte presença digital, incluindo aí o destaque da temporada, *Placar ao Vivo* no Facebook, uma *live* comandada por Rodrigo Rodrigues e que trouxe para os estúdios da Placar dezenas de craques, ex-jogadores, jornalistas, colaboradores e gente que ama o futebol. Nosso site, agora dentro de Veja.com, se fortaleceu, com ampla cobertura do cenário do futebol brasileiro e internacional.

No impresso, saímos da mesmice e valorizamos o jornalismo, com uma revista focada em quem gosta de ler e saber sobre o futebol atual e sua história. Lançamos nosso tradicionais Guias, como o do Brasileirão e o inédito Guia de Games de futebol, além de anteciparmos uma primeira edição sobre a Copa 2018, em novembro, com os prognósticos e o cenário dos classificados para o mundial da Rússia. Lançamos edições temáticas, os dossiês dos anos 80 e dos anos 90, que atingiram na mosca o coração dos saudosistas do futebol sem mimimi.

Além de tudo isso, foram lançados dois livros: *Brasil – Celeiro de Craques*, com fotos dos nossos ídolos quando ainda sonhavam em ser jogador de futebol, e as *17 Grandes Polêmicas do Futebol Brasileiro*, de um dos nossos mais queridos placardianos de todos os tempos: Sérgio Xavier.

Em 2018 tem mais!

PLACAR 2017: edições de colecionador

© CAPA JÓ: ALEXANDRE BATTIBUGLI
© CAPA RENATO GAÚCHO: LEMYR MARTINS

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Arnaldo Figueiredo Tibyriçá

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da CASACOR: Livia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor Editorial - Estilo de Vida: Sérgio Gwercman

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues (texto), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa (foto) e Renato Bacci (revisão)
Controle Administrativo: Cristiane Pereira
Atendimento ao Leitor: Sandra Hadich
CTI: André Luiz, Marcelo Tavares e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Júlio Tortorello (Beleza, Higiene, Varejo, Indústria, Pet, Mídia e Cultura), Renata Miolli (Alimentos, Bebidas e Turismo), Rafael Ferreira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), Francisco Britto (Colaboração em Regionais – Contas Governamentais), André Beck (Colaboração em Direção de Publicidade - Rio de Janeiro), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações), George Fauci (Colaboração em Direção de Publicidade - Brasília) ABRIL BRANDED CONTENT Patrícia Weiss ASSINATURAS E VAREJO Daniela Vada (Atendimento e Operações), Ícaro Freitas (Varejo), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patrícia Frangiosi (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos), Wilson Paschoal (Canais de Vendas) MARKETING DE MARCAS Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas), Thais Rocha (Veja e Vejinhas) ESTRATÉGIA DIGITAL Edson Ferrão MERCADO/BI Rafael Gajardo OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE DIGITAL Renata Guimarães SEO Isabela Sperandio PARCERIAS E TENDÊNCIAS Airton Lopes PRODUTO Leandro Castro e Pedro Moreno VÍDEO André Walsman (Colaboração em Direção de vídeo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Poran (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) MARKETING CORPORATIVO Maurício Panfilio (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril BigData), Gloria Porteiro (Licenças), Thiago Barros (Relações com o Mercado) DEDOC E ABRILPRESS Valter Sabino PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES Adriana Favilla, Adriana Kazan, Emiliene Pires e Renata Antunes RECURSOS HUMANOS Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH) e Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios), RELAÇÕES CORPORATIVAS Douglas Centu (Gerente de Relações Públicas).

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1434 (EAN 789 3614 10986 2), ano 47, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112
www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145 Demais localidades: 0800-775-2145
www.assineabril.com.br

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens acesse: www.abrilstock.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

Presidente AbrilPar: Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Arnaldo Figueiredo Tibyriçá

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia

www.grupoabril.com.br

HÁ 16 ANOS
FAZENDO O ROCK
MUITO MAIS DO QUE
UM ESTILO MUSICAL.

CONFIRA O VÍDEO
DO LIVRO DO ROCK DA KISS
EM NOSSO CANAL NO YOUTUBE.
kissfm.com.br

SUMÁRIO

Não teve pra ninguém em 2017. Fazer um primeiro turno perfeito e segurar a onda no segundo garantiram ao Corinthians seu sétimo Brasileirão

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

MAIS VALIOSO PLACAR

Num ano de superação, o centroavante Jô comandou o Corinthians nos títulos paulista e, principalmente, brasileiro, e foi eleito o craque da competição por um seleto grupo

por Tadeu Inácio / foto Alexandre Battibugli

Em 2017, o tradicional prêmio da revista Placar vem agora com um novo nome. Dividido em seis categorias, o MVP – Mais Valioso Placar – oferece justas homenagens aos principais destaques, cada um em seu setor, do Brasileirão 2017: goleiro, defensor, meio-campista, atacante, técnico e craque.

Como de costume, a conta é baseada nos votos de um seleto grupo. Neste ano, o júri foi composto por 55 jornalistas e comentaristas, além dos 20 capitães da Série A. A escolha dos melhores do Campeonato Brasileiro 2017 refletiu o domínio do futebol paulista, que acumula três títulos nacionais consecutivos, com Corinthians (2015 e 2017) e Palmeiras (2016). Na disputa pelo posto de destaque entre os goleiros, tivemos a briga mais acirrada das seis categorias, com Cássio, do Corinthians, e Vanderlei, do Santos, brigando voto a voto. Entre os defensores, destaque absoluto para os zagueiros, com os dois mais votados: Balbuena, do Corinthians, e Geromel, do Grêmio. No meio de campo, num confronto direto entre experiência e juventude, Hernanes, do São Paulo, mesmo tendo atuado pouco mais da metade da competição, não deu chances para a revelação Arthur, do Grêmio. Nos prêmios para ataque e craque, Jô, do Corinthians, e Luan, do Grêmio, tiveram dois embates, com vitórias para o corintiano, campeão e artilheiro. A mesma rivalidade não aconteceu entre os técnicos. O campeão paulista e brasileiro Fábio Carille atropelou os concorrentes e faturou o MVP com a maior diferença registrada nas seis categorias.

Jô: o atacante fez a diferença e levou o Corinthians a muitas vitórias no Brasileirão

MVP CRAQUE E ATACANTE JÔ

A consagração final: Jô ergue a taça do Campeonato Brasileiro

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Superação. Líder fora e referência dentro das quatro linhas. Vencedor e artilheiro de uma reviravolta. Aos 30 anos, João Alves de Assis Silva, ou simplesmente Jô, cria do terrão do Parque São Jorge, é a cara do hepta-campeão Corinthians. Desacreditado, o centroavante – o mais jovem jogador a ter vestido a camisa do Timão em um jogo oficial, aos 16 anos – desembarcou no alvinegro no fim de outubro do ano passado, vindo do chinês Jiangsu Suning. Fora de forma – e sem alarde –, optou por treinar. O foco era a missão a ser realizada neste ano. No Paulistão, a "quarta força" superou os adversários e conquistou o 28º campeonato estadual de sua história. Com seis gols em 18 jogos, Jô foi o artilheiro da equipe, que já começava a embalar. No primeiro turno do Campeonato Brasileiro, com mais bolas na rede e protagonismo do camisa 9, o "Rei dos Clássicos", um rendimento histórico: liderança invicta, com 47 pontos conquistados, seis gols sofridos e assombrosos 83% de aproveitamento.

Na segunda metade da competição, após algumas derrotas e a temida queda de rendimento, o Corinthians começava a ser testado. A vantagem caía a cada rodada. Até que, para muitos numa espécie de final antecipada, diante do tradicional arquirrival que começava a incomodar na tabela, Jô foi novamente decisivo. Em tarde inspirada, com grande atuação técnica e tática, marcou um gol, de pênalti, na vitória por 3 x 2 diante do Palmeiras, em Itaquera, para encaminhar a conquista.

Faltava apenas saber em qual rodada o Timão levantaria o terceiro caneco da competição apenas nesta década (além de 2011 e 2015). E a festa aconteceu em grande estilo: vitória de virada, contra o Fluminense, por 3 x 1, em Itaquera, no feriado da Proclamação da República. Mais dois tentos na conta do centroavante, que com 18 gols é o primeiro artilheiro da história do Corinthians no Campeonato Brasileiro. De desacreditado, há pouco mais de um ano, para a consagração, o eterno carinho da Fiel Torcida e, quem sabe, ainda se manter vivo numa disputa do comando de ataque da seleção para a Copa do Mundo da Rússia. Jô, parabéns pela reviravolta na carreira. Fique sabendo que o Mais Valioso Placar está em boas mãos.

Jô foi técnica e raça no Brasileirão

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

“SEMPRE PENSEI DE FORMA POSITIVA, EM TER UMA BOA TEMPORADA, MAS DESSA MANEIRA, FOI UMA COISA DIVINA MESMO”

Em entrevista à PLACAR, Jô revela seu inesperado sucesso, conta como e quando virou a chave para voltar a jogar bem e fala dos seus planos futuros

por Rodolfo Rodrigues

Um dos mais queridos pelo elenco e comissão técnica

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Jô, de verdade, você imaginou ter uma temporada tão perfeita?
Conversei com a minha esposa, Cláudia, após o título, e fui muito sincero, dizendo imaginar que, do jeito que foi, era impossível. Sempre pensei de forma positiva, em ter uma boa temporada, mas dessa maneira, é uma coisa divina, mesmo. No início do ano tracei o objetivo de brigar por títulos e, com dedicação, sabia que os gols poderiam aparecer. No Brasileirão, nosso pensamento era ficar entre os quatro para poder conquistar uma vaga na Libertadores, e felizmente acabamos com o título. Não gosto muito de cravar no começo de cada ano quantos gols pretendo fazer. Vou deixando acontecer.

No fim de 2016, você tinha saído da China e, com 29 anos, quando estava parado, era tido por algumas pessoas já como aposentado. Como foi isso?
Fiquei triste, como qualquer ser humano. Comentava isso com meus pais, em casa. Eu não queria ter que mostrar para ninguém minha capacidade. Teria que fazer apenas meu trabalho. Quem me conhece há mais tempo sabe do meu potencial. Mas o que te entristece também acaba servindo de combustível. Peguei isso e acabei transformando em bom futebol, em gols, e deu no que deu. Agora, no fim do ano, as pessoas estão aí me elogiando. Mas isso faz parte da profissão. Você tem que mostrar o seu melhor o tempo todo, e quando não acontece, surgem as críticas – e você precisa respeitá-las também.

No início do ano, não só o Corinthians era tratado como quarta força do estado. Diziam que você também estava bem abaixo dos centroavantes dos rivais (Ricardo Oliveira, artilheiro do Brasileiro, Borja, o melhor jogador da América do Sul, e Pratto, uma das contratações mais caras do São Paulo). Como foi lidar com isso e reverter esse quadro?
A minha história se juntou com a do Corinthians de ser a quarta força. Falavam que o time não ia ganhar nada este ano, que ia sofrer. Havia uma desconfiança grande também comigo, por estar seis meses parado. Falavam que o Palmeiras trouxe o fulano, o São Paulo o sicrano, e assim foi essa história no começo do ano. Mas a gente se fortaleceu junto. Tanto eu quanto o grupo. Começamos o ano com resultados não muito bons, mas com certeza após o clássico contra o Palmeiras, em fevereiro, foi quando nós ganhamos força. Aquele gol no finalzinho foi demais. A torcida passou a nos apoiar mais. Dali foi nossa arrancada até o fim do ano. Mas foi difícil. O bom foi que o grupo soube pegar essas informações e transformá-las para o lado positivo.

Como foi também para vocês alcançar resultados tão expressivos rapidamente (título paulista, pri-

A alegria do time: comandante das vitórias corintianas

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

meiro turno do Brasileirão com campanha recorde e 34 jogos de invencibilidade) e depois ter uma queda tão brusca no returno, antes de ganhar o Brasileiro?
Nós até nos assustamos um pouco com aquela campanha. Fomos ganhando os jogos aos poucos e a coisa foi tomando uma proporção muito grande. Nossa equipe foi a mais falada depois daquela sequência no primeiro turno. Isso gerou uma pressão extra e acabou nos preocupando também. Mas depois daquelas derrotas para Vitória e Atlético Goianiense passamos a ser uma equipe considerada "normal". Isso voltou a nos dar uma certa tranquilidade. Mas também não esperávamos uma queda de rendimento tão grande. Foi difícil. Esse grupo é jovem, tivemos que controlar a ansiedade. Muitos queriam resolver logo. Mas felizmente fizemos o suficiente no início para chegarmos ao fim do campeonato com vantagem, e isso foi o mais importante.

Você foi o jogador mais jovem a estrear pelo Corinthians, em 2003, com 16 anos. Tem como comparar aquela temporada com esta atual? Qual foi mais marcante para você?
O começo é sempre mais difícil. Você não sabe se vai ter êxito na carreira. Na época tive respaldo de muita gente, do Geninho, meu primeiro treinador, do próprio Fabinho, que estava aqui e que hoje trabalha na comissão técnica, do Vampeta. Todos me apoiavam, dizendo que se eu fizesse as coisas certinhas eu seria bem-sucedido. Agora, 11 anos depois, o legal é voltar e saber que está tudo igual. Não em termos de estrutura, já que o clube tem um CT novo, tem estádio. Mas de ambiente, mesmo. As pessoas te apoiam. Mas acho que o meu momento hoje é melhor. Tenho uma responsabilidade maior, sou um dos líderes da equipe. É mais gostoso, você se sente mais importante. E com certeza esse título brasileiro vai ficar como o mais importante da minha carreira.

Você se arrepende de ter saído tão cedo do Corinthians para a Rússia, com 18 anos?
Não, ainda mais pela forma como tudo aconteceu lá. Foi bom para a minha família também no lado financeiro. Fiz boas temporadas na Rússia e isso acabou me levando para o futebol inglês, que era o meu grande sonho. Sempre acompanhava a Premier League e queria muito jogar lá. Então não me arrependo da decisão na época.

Você já teve vários companheiros de ataque renomados por onde passou, como Tévez, Robinho, Ronaldinho Gaúcho, Neymar, Agüero, Vágner Love e Balotelli. É mais fácil jogar ao lado deles ou você se sente melhor atuando num grupo onde você é a estrela, como aqui no Corinthians?
Atuar ao lado de jogadores consagrados tem seus prós e contras. Sua responsabilidade aumenta. Você tem que fazer igual ou melhor do que eles, e isso se torna uma grande pressão. E aqui é diferente. Tirando o Jadson, que já tem certa bagagem, o Cássio e o Danilo, são jogadores que ainda buscam o seu espaço. Então, de certa forma, é mais tranquilo. Eles até compreendem algumas atitudes e opiniões. É sempre bom jogar ao lado de jogadores que têm nome e qualidade, mas é mais difícil nesse aspecto de pressão.

Na sua carreira, você passou muito por altos e baixos, tendo problemas extracampo com baladas, bebida. Quando você virou a chave para essa mudança de comportamento?
Eu acredito muito que, a partir do momento em que eu coloquei Deus como guiador da minha vida e passei a ser evangélico, ela mudou. Não tenho como não acreditar numa coisa assim tão bacana. Isso foi no fim de 2014. Fiquei seis meses sem marcar um gol e achava normal. Coisas que eu fazia no passado, hoje não passaram nem perto. Percebi tudo isso e resolvi mudar. Consegui encontrar um caminho desde então e as coisas realmente mudaram. Fiz o gol do título mineiro de 2015 depois de quase um ano sem marcar. Fui para os Emirados Árabes, China e voltei ao Corinthians e tive esse ano maravilhoso.

No jogo contra o São Paulo, no Morumbi, o técnico Dorival Júnior passou por você e houve uma rápida conversa, com risos. O que vocês falaram? Algo da sua dispensa do Internacional?
[risos] Mais ou menos isso. Como sempre frisei, nunca critiquei a postura que ele teve na época, porque foi merecida mesmo pelas coisas erradas que fiz. Agora, nesse jogo contra o São Paulo, ele veio me parabenizar e, devido ao meu momento, disse que se pudesse voltar atrás, ele não me mandaria embora do Inter e acreditaria em mim. Mas em tom de brincadeira, mesmo. Isso é legal porque consegui demonstrar que todo ser humano merece uma segunda chance.

O que espera para 2018?
Acho que 2018 promete! Pode até ser um ano melhor do que o de 2017, tem Copa do Mundo pela frente de novo. Mas tenho que pensar passo a passo. Por tudo o que conquistei em 2017, quero ficar aqui no Corinthians. Existem especulações, mas meu pensamento está aqui.

Seleção está nos seus planos?
Sim, faz parte. Sei que falta pouco tempo, mais duas convocações, mas quero, sim, estar lá. Sei também que existem outros jogadores buscando seus espaços, mas pelo ano que fiz, eu fico muito entusiasmado e confiante para estar novamente entre os 23.

Já teve alguma conversa com o técnico Tite?
Não, não houve nada ainda. Vejo muito a imprensa falando de merecimento. Sei que o Tite é um cara coerente e tenho certeza de que ele está me observando.

Como é para você ser escolhido o melhor jogador do Brasileirão e receber esse prêmio da Placar?
Engraçado que até comentei isso com a minha esposa nesta semana. O atacante sempre ganha destaque pelos gols e nem sempre concorre para ser o craque do campeonato. Isso é uma coisa muito forte. Nunca imaginei passar por essa situação na minha carreira. Mas hoje vivo uma alegria que não tem tamanho. Ser reconhecido por tudo o que fiz, pela maneira como jogo, chamar a atenção de tanta gente. Fico feliz de ganhar esse prêmio e pode ter certeza que vai ficar guardado num lugar especial, lá na minha prateleira.

Jô comemora o gol do título

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

GOLEIRO **VANDERLEI**

Na disputa mais apertada entre as categorias, Vanderlei superou Cássio e, pelo segundo ano consecutivo, leva o troféu de melhor goleiro do Brasileirão. Ágil, preciso e com reflexo apurado, o goleiro paranaense de 33 anos e 1,95 m repetiu a dose ao enfileirar defesas difíceis e liderar a equipe que, se não manteve o Santos vivo na disputa pelo título até as últimas rodadas, conseguiu assegurar a vaga no G4 e a participação na fase de grupos em mais uma Copa Libertadores. Até aqui o Santos tem a segunda melhor defesa da competição, com 32 gols, atrás apenas do Corinthians.

Vanderlei, o goleirão do Santos, se destacou e deu seguranca para a equipe santista

© GETTY IMAGES

Balbuena foi sinônimo de segurança e força da defesa corintiana

© GETTY IMAGES

ZAGUEIRO **BALBUENA**

Um dos legados da era vitoriosa do Corinthians dos últimos anos é, certamente, a defesa – desde os tempos de Mano Menezes, na reestruturação da equipe em 2008, na segunda divisão, com William e Chicão. Depois, passaram Leandro Castán, Gil, Felipe. Alto nível mantido em diferentes equipes, todas vencedoras. E se depender de Fabián Balbuena, de 26 anos e 1,88m, o setor se manterá bem representado por mais tempo. Veloz na cobertura, com botes precisos e bom senso de colocação, o paraguaio, revelado no Cerro Porteño, e no Timão há duas temporadas, foi destaque no controle da defesa menos vazada da competição, com 30 gols em 38 rodadas. O rendimento fez o zagueiro, roqueiro assumido e nome constante nas convocações da seleção paraguaia, superar Pedro Geromel, do Grêmio (campeão da Libertadores). A vaga na Copa do Mundo não veio, mas o camisa 4 marcou seu nome na conquista alvinegra. Bem entrosados, Balbuena e Pablo formaram uma dupla de respeito, que parou os atacantes mais habilidosos do campeonato. E, se não bastasse barrar o sistema ofensivo adversário, Balbuena ainda subiu em direção à área adversária para marcar alguns gols de cabeça, uma de armas mais letais – tanto na bola defensiva quanto ofensiva. Foram quatro no total, um deles no clássico diante do Palmeiras que marcou a retomada da equipe rumo à taça.

MEIO-CAMPISTA **HERNANES**

Técnica apurada, passe preciso e muita personalidade. Poucas vezes um reforço conseguiu se encaixar tão rápido e assumir o protagonismo em uma equipe nacional. Assim podemos resumir a atuação do pernambucano Anderson Hernanes de Carvalho Viana Lima. Em julho deste ano, aos 32 anos, Hernanes voltou ao Morumbi emprestado pelo Hebei China Fortune. Missão? Assumir o meio de campo do São Paulo e ajudar a equipe a sair de uma situação pra lá de desconfortável. Num momento político e técnico conturbado, que culminou na queda do técnico-ídolo Rogério Ceni, o time acumulou derrotas e o risco real de rebaixamento começou a atormentar a torcida. E foi justamente aí que o "Profeta" da camisa 15, bicampeão brasileiro pelo Tricolor em 2007 e 2008, entrou em ação. Mesmo já conhecendo o talento do ambidestro, seja com a bola rolando ou parada, nas cobranças de falta e pênalti, os torcedores não sonhavam com reestreia melhor. Em 29 de julho, ainda no turno, dez dias após ter o retorno confirmado, Hernanes marcou um gol e distribuiu assistências na épica virada contra o Botafogo, no Engenhão, por 4 x 3. De lá para cá, atuações seguras, liderança, faixa de capitão, respeito dos adversários, mais nove gols em 19 jogos consecutivos, que ajudaram o clube a se afastar de vez do temido Z4. (Há quem diga que se não fosse o talento do Profeta a história poderia ser outra.) Por ironia do destino, a longa sequência foi quebrada, por suspensão, contra o mesmo Botafogo no returno, no 0 x 0 do Pacaembu. Enfim, o conjunto da obra deu a Hernanes o MVP entre os meio-campistas, com mais que o dobro de votos do jovem Arthur, do Grêmio. Os anos distante do Morumbi, quando também desfilou talento no futebol italiano com as camisas de Lazio, Inter de Milão e Juventus, não fizeram Hernanes perder a identidade e o carinho da torcida tricolor. O sentimento, aliás, parece maior depois dessa verdadeira "prova de fogo" no clube.

Hernanes foi metade do time são-paulino no Brasileirão: com ele a história mudou

© GETTY IMAGES

TÉCNICO FÁBIO CARILLE

O técnico Carille fez de um limão uma limonada, e com um futebol pragmático levou o Corinthians ao título

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Diga-me com quem andas e te direi quem és. Parece que Fábio Carille, 44, levou a célebre frase à risca. Com fala mansa e timidez fora de campo, o técnico campeão paulista e brasileiro pelo Corinthians nesta temporada teve a chance, como auxiliar técnico, de aprender, evoluir com alguns treinadores. Em 2009, quando foi braço direito de Mano Menezes, o ex-zagueiro e lateral esquerdo iniciou a trajetória no Timão. De lá para cá, Adilson Baptista, Osvaldo de Oliveira, Cristóvão Borges e, principalmente, Tite, ícone de um ciclo vitorioso, que resultou na sonhada Libertadores e no bicampeonato mundial, em 2012. Mas tudo tem seu tempo. E paciência e caldo de galinha não fazem mal a ninguém (ainda mais no futebol brasileiro). E, depois de alguns jogos como interino na reta final da campanha no Brasileirão do ano passado, num momento ruim da equipe, a grande chance foi dada. Com desconfiança da torcida, Carille aceitou o desafio e assumiu o posto. Era mais um nome da nova geração a ganhar espaço. E, pouco a pouco, a temporada 2017 foi deixando a torcida esperançosa, bem diferente dos prognósticos dos pessimistas de plantão e, ao mesmo tempo, (muito) além das próprias expectativas iniciais. Se o poder de investimento não era parelho frente aos rivais, o jeito foi encontrar a melhor forma de encaixar a equipe. Adepto de um futebol consistente, de defesa sólida e ataque letal, Carille imprimiu sua forma de jogar o jogo e tirar de cada atleta o máximo de rendimento. Os adversários passaram a sofrer com o posicionamento corintiano em campo, com linhas próximas, encurtando os espaços, com tomadas de bola e saídas rápidas, quase sempre optando por jogadas apoiadas nas laterais, nas famosas e desejadas triangulações. Assim, o jovem treinador foi "ganhando corpo" junto à equipe, tachada de "quarta força do futebol paulista". Nos chamados confrontos diretos, o Corinthians dominou. E, depois de um primeiro turno assustador, com aproveitamento histórico de 83%, a equipe não conseguiu manter o altíssimo nível. Nas vitórias e nas derrotas o tom do discurso era o mesmo: pés no chão. Demonstração de experiência daquele considerado "novato". Com essa mentalidade, o time administrou a larga vantagem na segunda metade da disputa. A corda apertou, mas o time correspondeu em partidas cruciais. Nem sempre foi na técnica, mas organização e concentração não faltaram. Retrato de um comandante que leva consigo os mesmos adjetivos. E o resultado não poderia ser outro: a conquista da sétima taça do Brasileirão do clube. O feito fez de Carille o MVP entre os técnicos na maior diferença da votação. Com 58 dos 75 votos computados.

QUEM VOTOU EM QUEM

JORNALISTAS E COMENTARISTAS

Arnaldo Ribeiro, comentarista e chefe de Redação dos Canais ESPN
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Oscar Ulisses, narrador da Rádio Globo/CBN
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Fábio Carille
MVP: Balbuena

Jota Junior, narrador do SporTV
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campista: Diego
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Jair Ventura
MVP: Luan

Neto, comentarista da TV Bandeirantes
Goleiro: Cássio
Defensor: Guilherme Arana
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Juca Kfouri, comentarista nos canais ESPN; colunista da *Folha de S.Paulo* e do UOL
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Luan
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Casagrande, comentarista da TV Globo
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Cláudio Zaidan, comentarista na Rádio Bandeirantes
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Cleber Machado, narrador da TV Globo
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

André Gallindo, repórter TV Globo (PE)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Jair Ventura
MVP: Hernanes

Jorge Luiz Rodrigues, produtor no Sportv (RJ)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Thiago Neves
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Fábio Carille
MVP: Thiago Neves

Eric Faria, repórter da TV Globo
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Hernanes

Gabriela Moreira, repórter dos canais ESPN
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Luan
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Juliana Cabral, comentarista nos canais ESPN; ex-jogadora da seleção
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Mauro Beting, comentarista no canal Esporte Interativo e colunista no UOL
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Balbuena
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Lívia Laranjeira, repórter do SporTV
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

André Hernan, repórter do SporTV
Goleiro: Cássio
Zagueiro: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Fabrício Carpinejar, escritor e jornalista, colunista do UOL, *Zero Hora* e Globo, com programa diário na Rádio Itatiaia (RS)
Goleiro: Fábio
Zagueiro: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Mauro Naves, repórter da TV Globo
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Fábio Carille
MVP: Bruno Henrique

Sérgio Xavier, comentarista do SporTV
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Balbuena
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Jair Ventura
MVP: Hernanes

Sérgio Gwercman, diretor editorial da Revista Placar
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

André Henning, narrador e apresentador do Esporte Interativo
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Hernanes

Vladir Lemos, apresentador do *Cartão Verde*
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Ricardo Rocha, comentarista do SporTV
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Luan
Técnico: Abel Braga
MVP: Luan

Maurício Noriega, comentarista do SporTV
Goleiro: Fábio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Arthur

Rafael Ribeiro, comentarista nos canais ESPN
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Bruno Silva
Atacante: Jô
Técnico: Carille
MVP: Jô

Mário Marra, comentarista das Rádios Globo/CBN e da ESPN
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Luan
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Téo José, narrador da TV Bandeirantes
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Geromel
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Jair Ventura
MVP: Jô

Héverton Guimarães, apresentador da TV Bandeirantes (MG)
Goleiro: Vanderlei
Zagueiro: Geromel
Meio-campo: Thiago Neves
Atacante: Jô
Tecnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Junior Brasil, comentarista da Rádio Itatiaia (MG)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Thiago Neves
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Marcela Rafael, apresentadora da ESPN (PE)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Arthur

Paulo Bonfá, apresentador das Rádios Globo/CBN
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Guilherme Arana
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Renato Gaúcho
MVP: Luan

Thomaz Rafael, apresentador da Rádio Transamérica
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Vitor Vilar, repórter do Jornal Correio (BA)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Andrei Kampff, repórter da TV Globo (RS)
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Artur
Atacante: Luan
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Léo Gomide, repórter da Rádio Inconfidência (MG)
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Artur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Mayra Siqueira, repórter da Rádio Globo/CBN
Goleiro: Cássio
Defensor: Lucas Veríssimo
Meio-campo: Bruno Silva
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Bruno Henrique

Fernando Fernandes, repórter da TV Bandeirantes
Melhor goleiro: Fábio
Defensor: Pablo
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Juninho Pernambucano, comentarista dos canais Globo e SporTV
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Zé Rafael
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Junior, comentarista dos canais Globo e SporTV
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Bruno Silva
Atacante: Jô
Técnico: Jair Ventura
MVP: Jô

Alex, participante do Resenha ESPN
Goleiro: Wilson
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

PVC, comentarista do FOX Sports, blogueiro do UOL e colunista da *Folha de S.Paulo*
Goleiro: Cássio
Defensor: Pablo
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Bruno Henrique
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Daniel Dórea, editor de esportes do jornal *A Tarde* (BA)
Goleiro: Jean
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

André Rizek, apresentador do SporTV
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Bruno Silva
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Isabelly Morais, repórter da Rádio Inconfidência e do portal VAVEL Brasil (MG)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Diogo Barbosa
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Roger Flores, apresentador do SporTV
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Pablo
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Jair Ventura
MVP: Jô

Breiller Pires, editor de esportes do *El País* e comentarista da ESPN
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Herbem Gramacho, editor de esportes do jornal *Correio de Salvador* (BA)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campista: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Luiz Prota, narrador do SporTV
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Lucas Lima
Atacante: Dudu
Técnico: Renato Gaúcho
MVP: Dudu

Anselmo Caparica, repórter da Globo/SporTV
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Charlie Pereira, coordenador de Esportes e comentarista da Rádio 730 (GO)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

José Silvério, narrador da Rádio Bandeirantes
Goleiro: Cássio
Defensor: Rodrigo Caio
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Renato Gaúcho
MVP: Hernanes

Paula Parreira, editora de esportes do jornal *O Popular* (GO)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Hernanes

Umberto Ferreti, repórter da Rádio Bandeirantes
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Bruno Henrique
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Antero Greco, apresentador dos canais ESPN e colunista do *Estadão*
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Rodolfo Rodrigues, editor da Revista Placar
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

CAPITÃES DOS 20 CLUBES DA SÉRIE A

Geromel (Grêmio)
Goleiro: Cássio
Defensor: G. Arana
Meio-campo: Rodriguinho
Atacante: Luan
Técnico: Renato Gaúcho
MVP: Luan

Dudu (Palmeiras)
Goleiro: Fernando Prass
Defensor: Edu Dracena
Meio-campo: Thiago Santos
Atacante: Willian Bigode
Técnico: Alberto Valentim
MVP: Dudu

Leonardo Silva (Atlético-MG)
Goleiro: Cássio
Defensor: Réver
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Wallace (Vitória)
Goleiro: Cássio
Defensor: Fagner
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Fágner (Corinthians)
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Luan
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Réver (Flamengo)
Goleiro: Victor
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Henrique (Cruzeiro)
Goleiro: Fábio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Luan
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Jô

Wellington Paulista (Chapecoense)
Goleiro: Fábio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Rodriguinho

Werley (Coritiba)
Goleiro: Wilson
Defensor: Geromel
Meio-campo: Luan
Atacante: Roger
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Tiago (Bahia)
Goleiro: Jean
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Luan
Atacante: Bruno Henrique
Técnico: Fábio Carille
MVP: Bruno Henrique

Gilvan (Atlético-GO)
Goleiro: Cássio
Defensor: Diogo Barbosa
Meio-campo: Éverton Ribeiro
Atacante: Luiz Fernando (Atlético-GO)
Técnico: João Paulo Sanches (Atlético-GO)
MVP: Jô

Ricardo Oliveira (Santos)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Henrique (Fluminense)
Goleiro: Marcelo Grohe
Defensor: Pablo
Meio-campo: Hernanes
Atacante: Henrique Dourado
Técnico: Fábio Carille
MVP: Hernanes

Joel Carli (Botafogo)
Goleiro: Gatito
Defensor: Kanemann
Meio-campo: Thiago Neves
Atacante: Roger
Técnico: Jair Ventura
MVP: Luan

Marquinhos (Avaí)
Goleiro: Cássio
Defensor: Geromel
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Sport (jogador pediu para não ser mencionado)
Goleiro: Cássio
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Reinaldo Rueda
MVP: Jô

Weverton (Atlético-PR)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Pablo
Meio-campo: Luan
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Anderson Martins (Vasco)
Goleiro: Marcelo Grohe
Defensor: Balbuena
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Técnico: Fábio Carille
MVP: Luan

Hernanes (São Paulo)
Goleiro: Cássio
Defensor: Juan
Meio-campo: Jucilei
Atacante: Jô
Técnico: Dorival Júnior
MVP: Thiago Neves

Wendel (Ponte Preta)
Goleiro: Vanderlei
Defensor: Geromel
Meio-campo: Arthur
Atacante: Jô
Tecnico: Fábio Carille
MVP: Luan

OS ESCOLHIDOS NA ELEIÇÃO DOS CAPITÃES

GOLEIRO
9 nomes citados
CÁSSIO 8
Vanderlei 3
Fábio 2
Grohe 2
Wilson 1
Victor 1
Prass 1
Jean 1
Gatito 1

DEFENSOR
10 nomes citados
BALBUENA 6
Geromel 5
Pablo 2
Edu Dracena 1
Réver 1
Guilherme Arana 1
Fagner 1
Diogo Barbosa 1
Kanemann 1
Juan 1

MEIO-CAMPO
8 nomes citados
ARTHUR 8
Luan 5
Hernanes 2
Rodriguinho 1
Thiago Santos 1
Éverton Ribeiro 1
Thiago Neves 1
Jucilei 1

ATACANTE
7 nomes citados
JÔ 13
Roger 2
Luan 1
Henrique Dourado 1
Bruno Henrique 1
William Bigode 1
Luiz Fernando 1

TÉCNICO
7 nomes citados
FÁBIO CARILLE 14
Renato Gaúcho 1
Rueda 1
Jair 1
Valentim 1
João Paulo 1
Dorival Júnior 1

MVP
7 nomes citados
LUAN 10
Jô 5
Dudu 1
Rodriguinho 1
Bruno Henrique 1
Thiago Neves 1
Hernanes 1

PLACAR
AO VIVO

Rodrigo Rodrigues ao vivo com o craque Grafite

PLACAR AO VIVO

Apresentado por Rodrigo Rodrigues, o programa da Placar no Facebook, com transmissão ao vivo de segunda a sexta, recebeu ilustres boleiros e jornalistas durante o período do Brasileirão

por Rodolfo Rodrigues / foto Alexandre Battibugli

Mesa redonda é um clássico dos programas futebolísticos, mas que é difícil todo mundo se entender quando a discussão pega fogo e todos falam ao mesmo tempo, ah, isso é. Por isso o formato do *Placar ao Vivo* (transmitido de segunda a sexta-feira, por volta das 12h30, no Facebook da revista Placar) funciona tão bem. "Tem menos gente pra falar, então fica mais fácil tratar dos assuntos com o tempo que eles merecem. A participação da galera nos comentários é indispensável também. Já aconteceu de pilotar o programa sozinho algumas vezes e fui salvo pela audiência", diz o apresentador Rodrigo Rodrigues.

O programa começou em maio, praticamente junto com o Brasileirão. O primeiro convidado foi o ex-jogador e centroavante Luizão. "Para mim, o grande barato do programa é ter acesso ao histórico arquivo da Placar. Só de rever as fotos, a boleirada já sai contando histórias automaticamente", conta Rodrigo.

Mas nem só de acervo vive o programa: Dorival Júnior e Rodrigo Caetano foram entrevistados no auge das crises de São Paulo e Flamengo, respectivamente. Elano também foi um dos convidados, um pouco antes da queda do técnico Levir Culpi no Santos. E, na época das minimetas do Cuca, Rodrigo falou com Fernando Prass por quase uma hora, provando que dá para ser ao vivo e ser quente ao mesmo tempo.

Confusão na editora

No *Placar ao Vivo*, acontece de tudo: Vampeta foi parar no prédio errado da Abril e foi preciso remarcar. Vários ex-jogadores já se perderam na editora e precisaram ser resgatados pela produção. E, quando Zé Maria e Edu Bala foram ao programa, faltou luz no prédio logo depois e Rodrigo teve que descer 23 andares de escada com os dois, que, segundo ele, provaram estar em forma ainda. Para receber Joel Santana, foi preciso montar um palco com uma poltrona no estúdio, já que "papai Joel" não aguentaria uma hora no banquinho. "Fora isso, é muito legal poder receber os colegas jornalistas de todas as emissoras de rádio e TV em certos encontros que só acontecem no ambiente da internet", diz.

Além do "ao vivo" no estúdio, que fica no último andar do prédio da Editora Abril, em Pinheiros, São Paulo, há o *Placar na Rua*, gravado dentro do carro de Rodrigo, que dá uma carona para os jogadores. A ideia veio para conseguir levar ao programa convidados que não poderiam comparecer ao vivo por questões de agenda.

Como bastam um tripé, um celular e um microfone, *Placar ao Vivo* foi ao Rio de Janeiro entrevistar Zico, Bebeto e Valdir Espinosa. "A vantagem de fazer 'live' é a portabilidade: com o kit posso entrar ao vivo de qualquer lugar onde meu 4G funcionar", explica Rodrigo.

www.facebook.com/RevistaPlacar/
www.youtube.com/user/revistaplacar

Edu Bala e Zé Maria: a dupla estava em forma para descer 23 andares de escada

A visita do ex-jogador Elano, agora técnico, antes de assumir o time do Peixe

Pensa num cara gente fina: o nome dele é César Sampaio

O ex-centroavante Luisão estreou nosso *Placar ao Vivo*

Rodrigo Rodrigues ao lado da divindade Ademir da Guia

Ronaldão (para os íntimos) marcou presença na nossa 'live'

Tinga participou da 'live' e deu uma força pro livro do Sérgio Xavier

Ninguém sabe, mas o Dorival Júnior está segurando o Rodrigo pra não cair na foto

Placar ao Vivo é espaço reservado aos heróis. Valeu, Basílio!

Sálvio Espínola não deu moleza e distribuiu cartão ao vivo

O ex-jogador Paulo Sérgio contou muitas histórias para nossos internautas

É o Biro-Biro, sem lero-lero e nem vem cá que eu também quero

Prass no estúdio: o cara é alto, porque o Rodrigo não é baixinho

Sérgio Xavier, nosso Serginho, aprendeu tudo em Placar pra gastar na Sportv

Olha o Müller! Ele sempre esteve presente nas páginas da Placar. Craque!

Não foi só craque na bola, também teve craque jornalista. Não é, Juarez?

O Rodrigo foi very well, for de right, for de left, e fez uma interview com o teacher Joel

Bota craque nesta foto: na esquerda Djalminha, na direita Alex, e tem o Rodrigo

O cartaz oficial da Copa do Mundo da Rússia 2018: Lev Yashin, a lenda retratada

DE BOM TAMANHO

Brasil se livrou de ex-campeões logo na fase de grupos, pegou adversários sem tanta tradição e tem tudo para passar na primeira colocação. Possível confronto com a Alemanha já nas oitavas, porém, é um sinal de alerta

por Rodolfo Rodrigues

Os critérios adotados pela Fifa para o sorteio da Copa do Mundo da Rússia em 2018 acabaram com os chamados "grupos da morte". Com as 32 seleções divididas em quatro potes, ordenadas pelo ranking da Fifa, e com a regra de não haver dois países do mesmo continente no mesmo grupo (exceto os Europeus, ainda assim limitados a dois por grupo), o sorteio realizado no último dia 1º de dezembro, em Moscou, acabou sendo justo. A seleção brasileira, que poderia cair num grupo com os ex-campeões Espanha e Inglaterra, acabou tendo sorte ao pegar adversários com pouca tradição em Copas: Suíça, Sérvia (ex-Iugoslávia) e Costa Rica. Os suíços, que estão na 8ª colocação no ranking da Fifa, pintam como o principal rival do Brasil nessa primeira fase. Eliminados na última Copa nas oitavas de final para a Argentina, a Suíça vem se mostrando uma seleção difícil de ser batida nos últimos anos. Em 2006, surpreendeu ao ficar na primeira colocação na primeira fase, à frente da França. Em 2010, também na fase de grupos, venceu a Espanha, que depois se tornaria campeã. Agora, nas Eliminatórias, os suíços venceram nove dos dez jogos (perderam apenas para Portugal na última partida) e depois tiveram que garantir a vaga na Copa pela repescagem, quando eliminou a Irlanda do Norte. Entre os destaques do time do técnico Vladmir Petkovic, estão o meia Shaqiri, do Stoke City, o volante Xhaka, do Arsenal, o lateral esquerdo Ricardo Rodríguez, do Milan, e o experiente capitão Liechsteiner, da Juventus. Já a Sérvia, atual 37ª no ranking da Fifa, vive um período de renovação. O técnico Slavoljub Muslin assumiu a seleção após a desclassificação do time para a fase final da Euro 2016 e conseguiu a classificação para a Copa do Mundo após deixar para trás

Irlanda, País de Gales e Áustria nas Eliminatórias. Ausente no mundial de 2014, a Sérvia caiu na primeira fase na Copa de 2010 e foi a última colocada em 2006, quando jogou como Sérvia e Montenegro. Já a Costa Rica, grande zebra na Copa do Brasil, quando terminou na primeira colocação no grupo que tinha Itália, Inglaterra e Uruguai, chega como a 26ª no ranking da Fifa. Treinados por Óscar Ramírez, os Ticos confirmaram a boa fase com uma classificação tranquila nas Eliminatórias da Concacaf (superando os Estados Unidos, que ficaram de fora da Copa). O goleiro Keylor Navas, titular do Real Madrid, é a grande estrela do time que deve brigar pela segunda vaga do grupo.

Grande favorita, a seleção brasileira, caso confirme seu primeiro lugar no Grupo E, pegará nas oitavas de final o segundo colocado do Grupo F, que tem Alemanha, Suécia, México e Coreia do Sul. Caso fique na segunda posição, a seleção brasileira enfrentará o primeiro do Grupo F. Na sequência do chaveamento da Copa, caso passe como primeira do Grupo E, a seleção brasileira poderá então pegar Suécia ou México nas oitavas, Bélgica ou Inglaterra nas quartas, Espanha, Portugal ou França na semifinal e Alemanha ou Argentina na decisão. Isso, claro, se esses outros favoritos avançarem como primeiros em seus grupos e passarem pelos mata-matas.

Nos demais grupos, quem também se deu bem no sorteio foi o Uruguai, que caiu no grupo A, da anfitriã Rússia, atual 65ª colocada no ranking da Fifa, além de Egito e Arábia Saudita. A Celeste, porém, já deverá pegar nas oitavas uma pedreira: Espanha ou Portugal, que estão no Grupo B, ao lado dos fracos Marrocos e Irã. No Grupo C, a favorita França tem pela frente Dinamarca, Austrália e Peru. Os sul-americanos (11º lugar no ranking) deverão travar um duelo contra os dinamarqueses (12º) pela segunda vaga. No Grupo D, a Argentina pegou adversários complicados, como a surpreendente Islândia, a sempre complicada Nigéria, além da Croácia, de Rakitic e Modric. No Grupo G, a Bélgica, cabeça de chave, pegou Inglaterra, Tunísia e o estreante Panamá. Bom para os ingleses, que poderão brigar pelo primeiro lugar do grupo. Já no Grupo H, talvez o mais equilibrado, a disputa pelas duas vagas está bem aberta para Polônia, Colômbia, Japão e Senegal, talvez o africano com mais chances de avançar às oitavas.

CURIOSIDADES DA COPA

- A seleção brasileira vai percorrer 7378 km da concentração, em Sochi, para as três cidades onde joga pelo Grupo E. A distância supera em 412 km a percorrida na primeira fase de 2014
- Das 32 seleções, apenas duas são estreantes em Copas (Islândia e Panamá)
- A Copa da Rússia será realizada em 11 cidades e 12 estádios (dois deles em Moscou)
- A Arábia Saudita será a primeira seleção asiática a fazer um jogo de estreia em Copas
- A África do Sul foi o único país-sede a não passar da primeira fase em 20 edições das Copas
- A Europa conquistou 11 títulos mundiais, ante nove da América do Sul
- A Alemanha pode ser bicampeã mundial e repetir o feito do Brasil de 1958/62
- Nas duas últimas edições, os campeões mundiais foram eliminados na primeira fase (Itália em 2010 e Espanha em 2014)

A Costa Rica esteve no caminho do Brasil em 2002: seria um bom presságio?

© RICARDO CORRÊA

O grupo do Brasil reunido: Suíça, Sérvia e Costa Rica

Histórico

Em Copas do Mundo, Brasil e Suíça jogaram apenas uma vez, em 1950, na primeira fase, quando empataram em 2 x 2, no Pacaembu. Já a Sérvia, que joga com esse nome desde 2006, nunca enfrentou o Brasil nas últimas Copas. Como Iugoslávia, porém, foram quatro confrontos em mundiais. O primeiro deles justamente na estreia do Brasil em Copas, em 1930, no Uruguai, com vitória dos iugoslavos por 2 x 1. Em 1950, vitória do Brasil por 2 x 0, no Maracanã. Depois disso, mais dois empates: 1 x 1 na Copa de 1954 e 0 x 0 na de 1974. Já a Costa Rica foi adversária do Brasil duas vezes, ambas na primeira fase. E nas duas deu Brasil: 1 x 0 em 1990, na Itália, e 5 x 2 em 2002, na Coreia do Sul.

TABELA

GRUPO A

Rússia

Arábia Saudita

Egito

Uruguai

14/6 – Quinta-feira
Olímpico Lujniki (Moscou)
12h Rússia x Arábia Saudita

15/6 – Sexta-feira
Central (Ecaterimburgo)
9h Egito x Uruguai

19/6 – Terça-feira
Krestovsky (São Petersburgo)
15h Rússia x Egito

20/6 – Quarta-feira
Arena Rostov (Rostov)
12h Uruguai x Arábia Saudita

25/6 – Segunda-feira
Arena de Samara (Samara)
11h Uruguai x Rússia

25/6 – Segunda-feira
Arena Volgogrado (Volgogrado)
11h Arábia Saudita x Egito

GRUPO C

França

Austrália

Peru

Dinamarca

16/6 – Sábado
Arena Kazan (Kazan)
7h França x Austrália

16/6 – Sábado
Arena Mordovia (Saransk)
13h Peru x Dinamarca

21/6 – Quinta-feira
Arena de Samara (Samara)
9h Dinamarca x Austrália

21/6 – Quinta-feira
Central (Ecaterimburgo)
12h França x Peru

25/6 – Segunda-feira
Olímpico Lujniki (Moscou)
11h Dinamarca x França

25/6 – Segunda-feira
Olímpico de Fisht (Sochi)
11h Austrália x Peru

GRUPO E

Brasil

Suíça

Costa Rica

Sérvia

17/6 – Domingo
Arena de Samara (Samara)
9h Costa Rica x Sérvia

17/6 – Domingo
Arena Rostov (Rostov)
15h Brasil x Suíça

22/6 – Sexta-feira
Krestovsky (São Petersburgo)
9h Brasil x Costa Rica

22/6 – Sexta-feira
Estádio Kaliningrado (Kaliningrado)
15h Sérvia x Suíça

27/6 – Quarta-feira
Arena Spartak (Moscou)
15h Sérvia x Brasil

27/6 – Quarta-feira
Estádio Nizhny Novgorod (Nizhny Novgorod)
15h Suíça x Costa Rica

GRUPO G

Bélgica

Panamá

Tunísia

Inglaterra

18/6 – Segunda-feira
Olímpico de Fisht (Sochi)
12h Bélgica x Panamá

18/6 – Segunda-feira
Arena Volgogrado (Volgogrado)
15h Tunísia x Inglaterra

23/6 – Sábado
Arena Spartak (Moscou)
9h Bélgica x Tunísia

24/6 – Domingo
Estádio Nizhny Novgorod (Nizhny Novgorod)
9h Inglaterra x Panamá

28/6 – Quinta-feira
Estádio Kaliningrado (Kaliningrado)
15h Inglaterra x Bélgica

28/6 – Quinta-feira
Arena Mordovia (Saransk)
15h Panamá x Tunísia

GRUPO B

Portugal

Espanha

Marrocos

Irã

15/6 – Sexta-feira
Krestovsky (São Petersburgo)
12h Marrocos x Irã

15/6 – Sexta-feira
Olímpico de Sochi (Sochi)
12h Portugal x Espanha

20/6 – Quarta-feira
Olímpico Lujniki (Moscou)
9h Portugal x Marrocos

20/6 – Quarta-feira
Arena Kazan (Kazan)
15h Irã x Espanha

25/6 – Segunda-feira
Arena Mordovia (Saransk)
15h Irã x Portugal

25/6 – Segunda-feira
Kaliningrado (Kaliningrado)
15h Espanha x Marrocos

GRUPO D

Argentina

Islândia

Croácia

Nigéria

16/6 – Sábado
Arena Spartak (Moscou)
10h Argentina x Islândia

16/6 – Sábado
Estádio Kaliningrado (Kaliningrado)
16h Croácia x Nigéria

21/6 – Quinta-feira
Estádio Nizhny Novgorod (Nizhny Novgorod)
15h Argentina x Croácia

22/6 – Sexta-feira
Arena Volgogrado (Volgogrado)
12h Nigéria x Islândia

26/6 – Terça-feira
Krestovsky (São Petersburgo)
15h Nigéria x Argentina

26/6 – Terça-feira
Arena Rostov (Rostov)
15h Islândia x Croácia

GRUPO F

Alemanha

México

Suécia

Coreia do Sul

17/6 – Domingo
Olímpico Lujniki (Moscou)
12h Alemanha x México

18/6 – Segunda-feira
Estádio Nizhny Novgorod (Nizhny Novgorod)
9h Suécia x Coreia do Sul

23/6 – Sábado
Arena Rostov (Rostov)
12h Coreia do Sul x México

23/6 – Sábado
Olímpico de Fisht (Sochi)
15h Alemanha x Suécia

27/6 – Quarta-feir
Arena Kazan (Kazan)
11h Coreia do Sul x Alemanha

27/6 – Quarta-feira
Central (Ecaterimburgo)
11h México x Suécia

GRUPO H

Polônia

Senegal

Colômbia

Japão

19/6 – Terça-feira
Arena Mordovia (Saransk)
9h Colômbia x Japão

19/6 – Terça-feira
Arena Spartak (Moscou)
12h Polônia x Senegal

24/6 – Domingo
Central (Ecaterimburgo)
12h Japão x Senegal

24/6 – Domingo
Arena Kazan (Kazan)
15h Polônia x Colômbia

28/6 – Quinta-feira
Arena Volgogrado (Volgogrado)
11h Japão x Polônia

28/6 – Quinta-feira
Arena de Samara (Samara)
11h Senegal x Colômbia

OITAVAS DE FINAL

30/6 – Sábado
Arena Kazan
(Kazan)
Oitavas 1
11h 1º do Grupo C
x
2º do Grupo D

30/6 – Sábado
Olímpico de Fisht
(Sochi)
Oitavas 2
15h 1º do Grupo A
x
2º do Grupo B

2/7 – Segunda-feira
Arena de Samara
(Samara)
Oitavas 3
11h 1º do Grupo E
x
2º do Grupo F

2/7 – Segunda-feira
Arena Rostov
(Rostov)
Oitavas 4
15h 1º do Grupo G
x
2º do Grupo H

SEMIFINAIS

QUARTAS DE FINAL

6/7 – Sexta-feira
Estádio Nizhny Novgorod
(Nizhny Novgorod)
Quartas 1
11h Vencedor das Oitavas 2
x
Vencedor das Oitavas 1

10/7 – Terça-feira
Krestovsky
(São Petersburgo)
Semifinal 1
15h Vencedor das Quartas 1
x
Vencedor das Quartas 2

6/7 – Sexta-feira
Arena Kazan
(Kazan)
Quartas 2
15h Vencedor das Oitavas 3
x
Vencedor das Oitavas 4

DISPUTA DO 3º LUGAR

14/7 – Sábado
Krestovsky
(São Petersburgo)
11h Perdedor da Semifinal 1
x
Perdedor da Semifinal 2

FINAL

15/7 – Domingo
Olímpico Lujniki
(Moscou)
15h Vencedor da Semifinal 1
x
Vencedor da Semifinal 2

7/7 – Sexta-feira
Olímpico de Fisht
(Sochi)
Quartas 3
15h Vencedor das Oitavas 5
x
Vencedor das Oitavas 6

11/7 – Quarta-feira
Olímpico Lujniki
(Moscou)
Semifinal 2
15h Vencedor das Quartas 3
x
Vencedor das Quartas 4

7/7 – Sexta-feira
Arena de Samara
(Samara)
Quartas 4
11h Vencedor das Oitavas 7
x
Vencedor das Oitavas 8

1/7 – Domingo
Olímpico Lujniki
(Moscou)
Oitavas 5
11h 1º do Grupo B
x
2º do Grupo A

1/7 – Domingo
Estádio Nizhny Novgorod
(Nizhny Novgorod)
Oitavas 6
15h 1º do Grupo D
x
2º do Grupo C

3/7 – Terça-feira
Krestovsky
(São Petersburgo)
Oitavas 7
11h 1º do Grupo F
x
2º do Grupo E

3/7 – Terça-feira
Arena Spartak
(Moscou)
Oitavas 8
15h 1º do Grupo H
x
2º do Grupo G

P

Henrik Johansson, neto de Garrincha, se apresenta ao Brentford, seu clube na Inglaterra

© DIVULGAÇÃO

O NETO SUECO DE GARRINCHA

Sucessor de Garrincha sobrevive à sina dos herdeiros do craque e começa uma carreira já marcada por coincidências e conexões com o avô

por Lucas Ayres

Não é segredo para ninguém que Manuel Ferreira dos Santos, o Garrincha, nosso maior ponta-direita de todos os tempos e provável do mundo, acumulou mais do que troféus e dribles desconcertantes, descomunais, quase demoníacos. Somou também mulheres, amores e filhos.

Se em campo Garrincha corria demais, fora dos gramados era onde mais mostrava essa habilidade – mas atrás das moças, nas concentrações, hotéis e prostíbulos por onde passava com o Botafogo e a seleção brasileira, entre outras camisas que vestiu.

Espalhou seu amor livremente e colheu os frutos. Com a primeira mulher, Nair Marques, teve Tereza, Edenir, Marinete, Judiara, Denízia, Maria Cecília e Cíntia, além de Márcia, com a amante Iraci, e Lívia, com a terceira mulher, Vanderléia. Percebeu algum padrão? Os jornais da época certamente perceberam, e armaram uma pequena novela sobre o jogador que era louco por um filho, para quem iriam seus dribles e cruzamentos, mas que só "produzia" meninas.

Em *Garrincha – A Estrela Solitária*, biografia do craque escrita por Ruy Castro, o autor relata que à época do nascimento de Maria Cecília, a sexta filha, a tradicional revista *O Cruzeiro* fez uma matéria sobre o caso, com direito a foto em escadinha das meninas e tudo.

Depois da reportagem, vieram ao mundo mais quatro meninas. Além da sina, duas terríveis tragédias matariam seus dois únicos herdeiros homens, nascidos depois de todo esse quiproquó. Garrinchinha, único fruto do casamento do ponta com Elza Soares, morreu num acidente de carro, em 1986, com apenas 9 anos de idade. Em 1992, Neném, seu filho com Iraci, também viria a falecer em um acidente de carro em Portugal, em 1992. Ele tinha 31 anos.

Mas o que (quase) ninguém sabia era que Garrincha tinha um outro filho, o sueco Ulf, resultado de uma escapada amorosa em Umea, cidade ao norte da Suécia, durante uma excursão do Botafogo ao continente europeu em 1959. A mãe de Ulf acabou por entregar o filho para a adoção.

A existência de Ulf Lindberg foi revelada ao público em 1977, pelo próprio Garrincha, quando o rapaz já tinha 17 anos. Aos 6 anos de idade, a mãe adotiva de Ulf, Margareth Lindberg, lhe revelou toda a sua origem, a adoção e o parentesco. Só não conseguiu reunir informações sobre sua mãe biológica. Ulf diz que ela chamava-se Bloon, algo como "flor" em sueco.

Ulf felizmente continua vivo, está com 57 anos, mas não escapou da maldição dos filhos nosso maior ponta-direita. Como a Placar apurou na edição de julho de 1999, na matéria de capa "O filho perdido de Garrincha", uma doença óssea o impedia de exercer qualquer atividade física séria por mais de 15 minutos. Aos 14 anos, teve interrompido seu sonho de se tornar jogador de futebol, assim como seu pai.

O destino, porém, ainda que teimoso, quis que no sangue dos Francisco dos Santos corresse a adrenalina descarregada por um jogo de futebol. Henrik Johansson, de 19 anos, caçula de Ulf e portanto neto de Garrincha, decidiu seguir a profissão do avô. Melhor: em janeiro deste ano, foi contratado pelo Brentford, da Inglaterra, dando um passo firme rumo a uma carreira sólida e, quem sabe, ao coração de todos os brasileiros.

O neto de Garrincha

Henrik nasceu no dia 23 de fevereiro de 1998, em Halmstad, cidade de 77 000 habitantes, na Suécia. Ele tem uma irmã gêmea, Linnea Johansson, que divide com ele até o talento boleiro. Ela joga pelo Cettern, clube feminino local, e tem na brasileira Marta, vencedora de cinco prêmios da Fifa de melhor do mundo, seu grande ídolo.

Os dois são os filhos mais novos de Ulf, do casamento com Anette Johansson. Ulf não chegou aos números amorosos do pai, casado três vezes e pai de 13 filhos, muito menos do avô Amaro, que segundo o livro de Ruy Castro teria pelo menos 25

Garrincha e parte de suas admiradoras suecas, em 1959

rebentos na região de Pau Grande, cidade natal de Garrincha – fora os nove do casamento. Mas Ulf já está namorando sério novamente, nunca se sabe.

Henrik, por outro lado, nem namorada tem, só quer saber de jogar bola. É o que sempre quis. "Eu amo futebol, é a coisa mais divertida que eu conheço", diz o jovem atleta. Interessou-se por futebol devido à paixão do pai, mas principalmente ao ver os irmãos mais velhos, Jonas e Martin, jogando. Não demorou a pegar gosto pela coisa no Frennarp, pequeno clube de sua cidade, presidido por sua mãe e administrado por seu pai.

Não demorou também para mostrar que levava jeito. Atacante veloz, com boa técnica no drible e no jogo pelas beiradas (lembra alguém?), logo chamou a atenção do Halmstad, time homônimo da cidade, que o chamou para suas categorias de base.

No dia 4 de abril de 2015, Henrik fez sua primeira partida como titular da equipe sub-19 do Halmstad, contra o Lund. Jogando como ponta-direita, ficou 80 minutos em campo, marcou um gol e deu duas assistências. O placar terminou em 6 x 1 para seu time.

Segundo o site Trasfermarkt, no decorrer de um ano e meio atuou em outras 52 partidas oficiais, entre a equipe sub-19 e a sub-21. Marcou 16 gols e distribuiu 11 assistências. Antes mesmo de atingir a marca de uma participação direta em gol a cada dois jogos, foi convocado para a seleção sub-19 da Suécia, a fim de disputar um torneio contra os selecionados da Eslováquia, Noruega e Portugal, ainda em 2015.

Em seu segundo jogo, contra a Eslováquia, marcou seu primeiro gol por seu país, que saiu vencedor da partida e do torneio também. Os números e as boas exibições pela base do Halmstad e da seleção sueca chamaram a atenção de Robert Rowan, diretor de futebol do Brentford FC, centenário clube inglês, atualmente na segunda divisão.

Henrik em ação. Uma contusão atrapalhou o primeiro ano do jogador no Brentford

© DIVULGAÇÃO

"O Henrik nos impressionou. Ele é um atacante de lado que é inteligente com a bola no pé, rápido, objetivo e bom finalizador", elogiou Robert em declaração ao site oficial do clube, em janeiro. "Mas há certos aspectos de seu jogo que ele e a comissão técnica terão de trabalhar para ele se desenvolver melhor", ressalva.

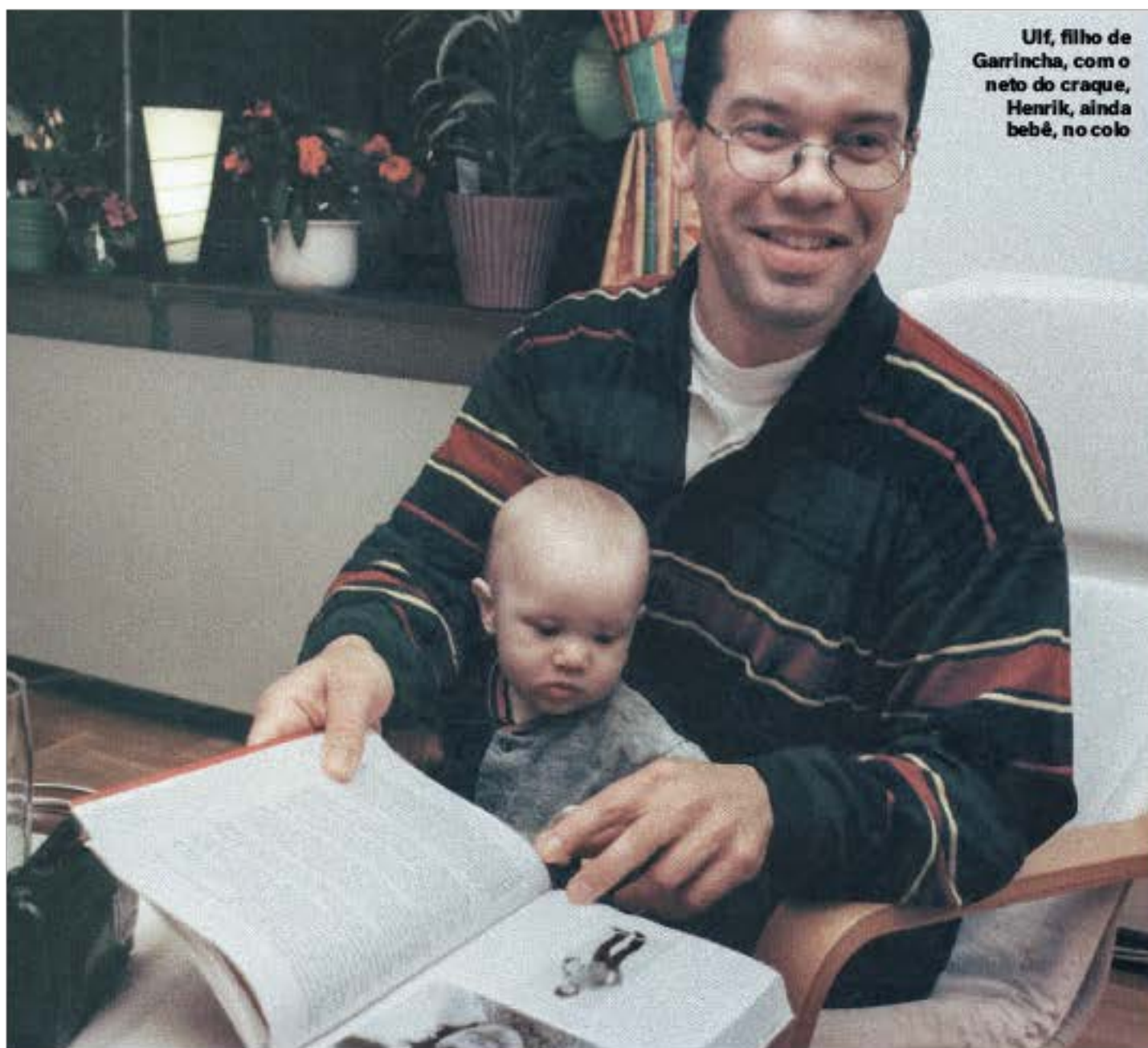
O primeiro contato veio ao fim da temporada de 2016, com um convite para uma semana de treinos. "Minha ida ao Brentford aconteceu muito rápida. Eu não sabia muito sobre o clube na época, mas quando eu cheguei, tive uma boa impressão, foi uma boa semana. Uma semana depois, eu estava de férias na Espanha e meu agente me ligou falando que o Brentford queria me contratar", relata Henrik.

Com o apoio de seu agente e acompanhamento de seus pais, Henrik se juntou ao time londrino um mês após o primeiro contato, situação completamente diferente da vivida por Garrincha, que assinou seu primeiro contrato com o Botafogo, com os valores em branco, um ano e três meses depois de ser descoberto pelo lateral-direito botafoguense Araty.

Trauma de família

Diferente do avô, do pai e do irmão, Martin, Henrik não herdou nenhuma condição óssea. Ulf, que tem as pernas ligeiramente tortas, não pode exercitar-se por mais de 15 minutos; Martin parou de jogar depois de uma séria lesão no joelho; uma série de operações no mesmo local foi o que encurtou a carreira de Garrincha.

No entanto, os problemas físicos perseguiram o mais jovem dos Johansson. Na sua primeira viagem com o Brentford, numa pré-temporada na Dinamarca, Henrik rompeu os músculos isquiotibiais, a parte posterior da coxa direita, e perdeu não somente os confrontos contra o Bayern de Munique e Hamburgo como todos os outros, pelo resto do ano.

"Foi um ano muito difícil. Não pude jogar, fiz duas cirurgias delicadas no mesmo local", lamenta. "Mas eu estarei completamente recuperado em janeiro." Um agravante é o estilo de jogo inglês, que "é muito mais rápido e físico do que a Suécia", analisa Henrik. Mas as diferenças entre o

Ulf, filho de Garrincha, com o neto do craque, Henrik, ainda bebê, no colo

©ALAN AZAMBUJA

futebol nórdico e o bretão não param por aí. “Aqui na Inglaterra tudo é muito mais profissional. É muito diferente o jeito que os técnicos e a comissão técnica cuidam de você como jogador”, explica Henrik. “Os jogadores também são mais profissionais, se cuidam melhor, tomam cuidado com o que fazem dentro e fora do campo.”

O cenário descrito é também bastante diferente do futebol brasileiro nos anos 50 e 60. Tanto que Botafogo e Garrincha negligenciaram a constatação feita pelo ortopedista da CBD, o doutor Nova Monteiro, de que o craque das pernas tortas sofria de artrose nos joelhos, um desgaste na articulação entre o fêmur e a tíbia. Era necessário operar e descansar. Isso em 1959.

Em seu livro, Ruy Castro conta que tanto Mané não comparecia nos dias marcados para as cirurgias, como o Botafogo não lhe dava o repouso necessário, arrastando o atacante para diversas excursões pela Europa, América e Brasil afora. Garrincha foi submeter-se à cirurgia somente em 1964, com seus joelhos agônicos e muito longe de sua primazia física e técnica, que poderia ter sido estendida, caso o jogador e o clube tivessem sido mais profissionais.

A alegria do povo

Desde pequeno, Henrik soube quem era seu avô. O pai, muito orgulhoso do parentesco e da ascendência brasileira, sempre fez questão de não só contar a identidade do avô como tentar mensurar seu tamanho no futebol, para o Brasil e para o mundo, até hoje. “Meu pai me manda muita coisa sobre o Garrincha. Quase todo dia ele me manda fotos, notícias, tudo o que vai surgindo ele vai me mandando. Ele é louco”, diverte-se, Henrik.

Desde a primeira vez que soube que era filho do maior ponta da história, Ulf se encheu de orgulho, o que ainda demonstra hoje em dia. Sua casa é repleta de referências a Mané Garrincha, com qua-

Garrincha e seus filhos brasileiros em Pau Grande, Rio de Janeiro

dros, retratos e um lugar especial na estante para a biografia do pai, em português.

Suas redes sociais também são cheias de conteúdo sobre o craque, além de interações com seus parentes e outros brasileiros. "No Facebook, ele está sempre disponível para pessoas do Brasil", afirma Gomes, técnico e historiador do Pequeninos do Jóquei, tradicional clube de juniores da cidade de São Paulo, que revelou jogadores do naipe de Edu Manga e Zé Roberto e que todos os anos vai à Europa para disputar campeonatos.

Numa dessas viagens, em 1998, Gomes foi a Gotemburgo para disputar a Gotya Cup, competição com a chancela da Fifa. Lá, encontrou Ulf, que também viajou com o Frennarp para disputar o troféu. Os dois ficaram amigos e mantêm contato até hoje. "Ele é o sueco mais brasileiro que tem", conta Gomes. "Ele gosta tanto do Brasil que fez lá em Umea uma espécie de clube de brasileiros, com bar, música brasileira, feijoada, café brasileiro. Quando tem jogo da seleção, é lá com ele", descreve o treinador.

A admiração de Ulf pela figura do pai e a cultura brasileira contrasta com sua relação com ele. Nunca se encontraram, trocaram apenas algumas cartas nos anos 1970, em que Garrincha encorajava Ulf a tornar-se jogador de futebol. As correspondências, que Ulf diz não saber onde estão, por fim cessaram, assim como os breves planos de Garrincha de trazer "Johny" – modo como se referia ao filho – para o Brasil, como o próprio revelou em entrevista no fim da década de 70.

Ainda assim, Ulf manteve a idolatria para com o pai e perpetuou a mítica figura aos filhos. "Sei que ele foi um craque e que muitas pessoas o amam e o admiram no Brasil, e que é preciso estar lá para saber seu real tamanho", diz Henrik. Ulf chegou a fazer duas viagens ao Rio de Janeiro em meados dos anos 2000. Foi a Pau Grande, conheceu suas irmãs, sobrinhos e até companheiros de equipe do pai, como o lateral-esquerdo Nilton Santos. Mas não levou os filhos.

Além das coisas que o pai lhe envia, Henrik procura assistir aos vídeos do avô, por ser uma "grande referência". "Eu acho que há semelhanças entre nossos estilos de jogo", observa o atacante sueco. "Eu vejo muito de mim no que assisto dele, sua velocidade, seu jeito de driblar. Eu acho também que nós dois gostamos de ir para o um contra um", completa Henrik, que, diferentemente do "vovô" brasileiro, prefere o lado esquerdo do campo, mesmo sendo destro.

E como se sente o único jogador profissional da linhagem de Garrincha? "Quando eu estou jogando eu não penso muito nele, não. Eu não penso em muita coisa, na verdade, mas eu acho que me ajuda, sim. É como um incentivo para eu fazer o meu melhor, porque eu quero deixar minha família orgulhosa", reflete o jovem jogador.

Outra semelhança com Garrincha é a aparente frieza em campo. "Nunca me senti pressionado por ser neto do Garrincha, eu acho que só tirei coisas boas dessa situação", diz Henrik. Mané também não aparentava sentir pressão alguma em campo, o que às vezes se confundia com apatia. Ruy Castro relata em seu livro um episódio na final da Copa do Mundo de 1962 que ilustra essa situação. Nela, o ponta era um dos mais tranquilos do grupo nas vésperas da final contra a Tchecoslováquia. Até demais.

– Qual é mesmo a Tchecoslováquia? – perguntou Garrincha.

– É aquela que empatou com a gente, Mané. Foi o jogo em que o Pelé se machucou – respondeu um companheiro.

– Ah... é aquele São Cristóvão cheio de Paulo Amaral – concluiu o ponta, tirando sarro do rival do Botafogo, de uniforme semelhante aos europeus, e do preparador físico da CBD, conhecido pelo seu grande porte físico.

Henrik quer seguir os passos do avô, com maior reconhecimento dos seus feitos dentro de campo, e menos dos fora dele. "Eu quero poder honrar a imagem de Garrincha. Seria um sonho ser tão grande como ele, tanto na Suécia como no Brasil."

Apesar de não saber uma frase sequer em português, Henrik tem grande carinho pela terra natal do avô e grande admiração por nossos craques. "Conheço alguns dos grandes clubes e os melhores jogadores brasileiros", gaba-se. "O Neymar é hoje meu jogador favorito, assim como o Ronaldinho (Gaúcho). Gosto muito do Gabriel Jesus, também", afirma Henrik, que garante conhecer bem o Botafogo. "Sei que foi o time em que meu avô fez história, e que é um clube muito grande", ele explica, revelando sua vontade de conhecer a sede de General Severiano, todo o Rio de Janeiro e, quem sabe, Pau Grande. "Eu tenho o plano de ir no meio do ano que vem, quero muito conhecer o Brasil."

Jogaria num clube brasileiro? "Se quando chegar a hora eu sentir que é a melhor coisa para mim, eu atuaria com o maior prazer num clube brasileiro." Se atente, Botafogo!

RENATO EM 7 ATOS

Genial e genioso, solidário e solitário. Conquistador e tímido, egocêntrico e generoso. Renato Gaúcho é tudo isso e mais um pouco, e tudo ao mesmo tempo. Na incapacidade de traçar um perfil coerente do técnico tricampeão da Libertadores, PLACAR conta sete histórias do homem que vai virar estátua

por Sérgio Xavier

© AFP

Renato é carregado pelos jogadores após a conquista do título da Libertadores: paizão

1º ATO, O ABRAÇO

Era para ser uma noite tranquila, daquelas sem tensão, sem riscos, sem sofrimento. A classificação para as quartas de final da Copa do Brasil 2017 havia sido definida no primeiro jogo em Porto Alegre. O Grêmio passeou diante do Atlético-PR com um 4 x 0 definitivo. O jogo da volta era protocolar, portanto. Renato escalou um time misto, aproveitou para fazer algumas experiências. Uma delas era o retorno de Marcelo Oliveira na lateral-esquerda após uma longa parada de três meses. Cortez havia ganhado a posição, já era o titular absoluto, Marcelo tinha a chance de começar a partida e voltar a ser uma opção gremista. Com 15 minutos de jogo, o atleticano Douglas Coutinho entrou pela direita, colocou na frente e passou por Marcelo, que sentiu uma fisgada na coxa. O atacante cruzou para Pablo marcar o primeiro gol atleticano. Com um gol tão cedo, o confronto que parecia resolvido poderia ter outro final. Para piorar a situação gremista, Renato precisou gastar cedo uma primeira substituição. Marcelo, que estava voltando, teria, sim, é que voltar ao departamento médico por sabe-se lá quanto tempo.

O lateral gremista se encaminhou deprimido para o banco de reservas com um saco de gelo na coxa. O treinador mal orientou o substituto Cortez e largou o jogo. Por vários minutos, sentou-se no banco com o comandado e se pôs a falar. Abraçou o jogador e, pelo gestual, metralhou Marcelo com frases otimistas. Só depois da longa conversa, voltou a se preocupar com a partida. O Grêmio logo empataria e viraria o jogo. Mais do que o resultado e a classificação, a noite passou uma outra mensagem ao grupo de jogadores. Vitórias eram importantes, claro, mas seres humanos estão na frente da fila. O gesto de Renato Portaluppi com Marcelo deixava claro que o comandante não abandonava feridos pela estrada. A cena não foi mostrada por nenhuma câmera, a torcida não tomou conhecimento. Os jogadores, porém, não esqueceram.

O jovem Renato partia pra cima dos seus marcadores

© NICOLES TEVES

2º ATO, O CIRCO

Era uma farra, acima de tudo. Valia a pena chegar mais cedo ao Estádio Olímpico para assistir ao time juvenil do Grêmio na preliminar. A equipe, em si, não tinha nada de especial. Todos iam para ver o camisa 7, esse sim, uma figura. O ponta-direita parecia um quarto de milha entre os pôneis. Bem mais rápido do que todos, mais forte e ainda mais habilidoso. A torcida tricolor, sempre avessa a frescuras como dribles e toques de letra, abria uma exceção para aquele debochado. Renato driblava a defesa inteira, ficava na cara do gol e parecia se arrepender. Dava uma guinada e recomeçava as fintas. Muitas vezes o gol era perdido, a torcida xingava o moleque, mas, no domingo seguinte, chegava cedo de novo ao estádio para a preliminar.

Claro que isso durou pouco. O clube logo percebeu que Renato tinha corpo e talento para estar entre os profissionais já aos 17 anos. O ponta-direita titular era simplesmente um patrimônio tricolor. Tarciso foi um dos heróis da campanha de 1977, quando o Grêmio quebrou jejum de oito anos sem título estadual. Também foi fundamental na conquista do primeiro Campeonato Brasileiro, em 1981, diante do São Paulo. Mas, para acomodar aquele garoto que veio da serra gaúcha e mais parecia um Garrincha criado a galeto e polenta, valia uma reengenharia no time. Tarciso topou voltar à posição em que tinha iniciado a carreira e ficou com a camisa 9, como centroavante. A 7 tinha novo dono, o encantador e arruaceiro Renato. Genial e genioso, Renato aprontava desde a infância. Brigava dia sim e dia também nas peladas de Bento Gonçalves. Foi demitido da padaria em que trabalhava porque chutava até a massa do pão. No Campeonato Gaúcho, chutou um gandula que segurava demais a bola. Pior mesmo foi na final do Gauchão de 1982, quando empilhou xingamentos ao juiz até ser expulso no primeiro tempo. Apesar de contar com uma equipe melhor, o Grêmio viu o Internacional levantar a taça no Estádio Olímpico. Era preciso indenizar o torcedor. Renato resolveria esse assunto já no ano seguinte.

3º ATO,

Os uruguaios conheciam bem Renato Portaluppi. Sabiam que ele fazia a diferença. Na primeira partida, em Montevidéu, dobraram a marcação nele. E o provocaram, o tempo todo. Pavio curto, o atacante gremista poderia perder a cabeça, ser expulso e desfalcar o Grêmio na final no Estádio Olímpico. Orientado por Valdir Espinosa, o treinador que seria o bom amigo pelo resto da vida, Renato aguentou calado as pancadas e resistiu. A marcação seguiu dobrada e forte na segunda partida, o jogo estava empatado até o minuto 32 da etapa final. Encurralado na bandeira de escanteio, Renato fez uma embaixada e deu um balão como se fosse o goleiro no tiro de meta. A bola chegou à segunda trave para a cabeçada certeira do centroavante César. O Grêmio era pela primeira vez campeão da América, a metade azul de Porto Alegre passou dias fazendo festa. Renato, que já reinava no clube, também não tirou o pé da farra.

Quando faltava um mês para a decisão do Mundial contra o Hamburgo, Renato se atrasou para um treino e acelerou. Entrou no pátio do Estádio Olímpico cantando pneus. O presidente gremista Fábio Koff se assustou com o barulho e perguntou ao eterno supervisor do clube Antônio Carlos Verardi quem tinha sido. "Foi o Renato?" Acostumado a resolver com panos quentes as crises, Verardi não teve como aliviar. "Sim, foi ele, presidente." Renato foi multado em 40% de seu salário e não aceitou a situação. Na véspera de embarcar para o Japão, avisou que só iria se a multa fosse retirada. Koff bateu o pé e disse que não poderia voltar atrás. "Então eu não vou", disse o jogador.

O jeito foi marcar uma nova reunião com o presidente. Ninguém cedia, até o próprio Renato vir com uma proposta. "O senhor mantém então minha multa, mas, se formos campeões, tiramos a multa. Se eu meter um gol e formos campeões, eu ganho um reajuste." O presidente concordou com o trato, mas, antes de sair da sala, Renato bolou um adendo. "E se

O LIBERTADOR

eu marcar dois gols, o senhor dobra o meu salário", arriscou o jogador. Um aperto de mãos selou o acordo. Renato embarcou, enfim.

Para o jogo de Tóquio, contra o complicado Hamburgo, o Grêmio tinha duas novidades. Sem Tita, o principal nome do meio-campo na Libertadores, que havia sido vendido, o veterano Mário Sérgio foi contratado a pedido de Espinosa. O mais veterano ainda Paulo César Caju também foi recrutado para engrossar a casca ao time. Caju já tinha atuado uma temporada em 1979 com a camisa gremista e havia se identificado com a torcida. Os dois foram fundamentais na história de um confronto que ficou marcado como "o jogo de Renato". Caju, famoso na Europa desde a Copa de 70, causava preocupação na defesa alemã. Jogou aberto e carregou sempre a marcação adversária, aliviando a barra de Renato. Mário, desconhecido fora do Brasil, armou sem ser importunado e várias vezes achou Renato com seus passes surpreendentes.

Num delas, Renato foi lançado na direita e avançou na área contra o lateral Schroder. O alemão foi recuando, recuando, até Renato propor um balé esquisito. Corte para lá, corte para cá, Renato ajeitou para a perna direita, imaginando o cruzamento para Tarciso. No último instante, percebeu que o goleiro arrumou o corpo para tentar interceptar a bola e arriscou o tiro direto. Era o gol do título, ou parecia que era. Apesar de controlar a partida, o Grêmio sofreu o gol de empate aos 33 do segundo tempo. Prorrogação, e problemas... A equipe gremista pregou em campo. A correria do tempo normal estava cobrando um preço. O volante China tinha torcido o tornozelo. O outro volante, Bonamigo, não aguentava mais correr. Renato precisou de massagem fora de campo para acalmar as câimbras. Na prorrogação, os jogadores combinaram segurar a partida para os pênaltis. Era o que dava para o momento. Isso até a bola chegar novamente aos pés de Renato. Mais um corte seco, agora para o meio, e o chute de esquerda. O Grêmio era campeão do mundo. Na comemoração, Renato abraçava a todos, mas procurava com os olhos o presidente Fábio Koff, que fugia do jogador. Não teve jeito. A multa foi devolvida e o salário de Renato foi dobrado. Trato era trato.

Parecia que seria um cruzamento, mas foi um balaço na direção do gol: o gol do título mundial

4º ATO, O EGOCÊNTRICO

Renato tinha tudo para ser o segundo brasileiro Rei de Roma. O colorado Falcão havia sido o primeiro: desembarcou em 1980 e tirou o clube da inanição de títulos, liderando e encantando com seu jogo de cabeça erguida. A conquista do *scudetto* de 1982 livrou a Roma de um jejum de 41 anos sem um Campeonato Italiano. Um jornal veio com o trocadilho na manchete: "Re nato" (rei natural, em italiano). Renato já carregava um italiano Portaluppi no nome, era habilidoso como os atacantes sul-americanos que desembarcavam na Europa e forte como um defensor italiano. Não podia dar errado – e deu. Muito errado. Sua contratação aparece frequentemente em listas das piores da história do *Calcio*. Basicamente porque o brasileiro não conseguiu entender a cultura local. Ele desafiou a hierarquia e não foi capaz de aceitar orientações táticas. No fundo, Renato se considerava muito melhor do que todos, não estava nem um pouco disposto a concessões. Com dinheiro no bolso, pagou para ver. Achou que o clube iria se dobrar ao seu talento. Rapidamente se desentendeu com o treinador sueco Nils Liedholm, não conseguiu formar vínculos com os companheiros. Foi para o banco e forçou seu retorno ao Brasil. A aventura italiana durou apenas 12 meses. A recuperação, no entanto, seria rápida. No ano seguinte ele levantaria o Campeonato Brasileiro e receberia a Bola de Ouro da Placar como o melhor jogador da Copa União.

O curioso é que por pouco o genioso craque não se afunda pelas mesmas razões que fracassou na Europa. Renato voltou para jogar em um grande Flamengo, que em um primeiro momento nem parecia ser tão incrível assim. Era uma equipe composta por craques já no terço final de carreira (Zico, Leandro, Edinho, Andrade) e por jogadores que viriam a ser grandes depois (Jorginho, Aldair, Leonardo, Aílton e Zinho). Entre o passado e o futuro, o presente. Bebeto e Renato estavam física e tecnicamente no auge, eram os craques do momento. Renato sabia e se aproveitava disso. Queria que a equipe se moldasse em torno dele. Abusava do individualismo e não estava nem um pouco disposto a ajudar na marcação.

O que começou como um desconforto se transformou em crise logo após o empate com o Corinthians, na segunda fase. O grupo de jogadores se queixou do gaúcho para o treinador Carlinhos, que convocou uma reunião com o time. Os jogadores falavam, um a um, sobre o que pensavam do seu individualismo e exigiam que Renato acompanhasse o lateral adversário. No meio da reunião, Zico pediu a palavra: "Deixa o Renato lá na frente que ele decide as partidas. Deixa comigo, eu acompanho as subidas do lateral". Mais do que um gesto magnânimo, foi um recado para todos. O maior ídolo do clube, que não aguentava nem terminar as partidas pelas dores nos joelhos, deixava clara a importância do atacante marrento. A partir dali, o time passou a reconhecer que Renato ganhava jogos e merecia algum privilégio. E o jogador passou a jogar de forma mais solidária.

É possível que o episódio tenha sido determinante depois na carreira de treinador de Renato. Entender a psiquê boleira, conciliar objetivos coletivos com vaidades individuais pode render canecos. O fato é que, a partir da reunião, o Flamengo arrancou mesmo para o título. Na semifinal, o Flamengo enfrentou o Atlético-MG, a equipe de melhor campanha até então. No jogo decisivo, no Mineirão, o rubro-negro esteve a ponto de ser eliminado. Apesar de ter aberto vantagem em um gol de Zico e outro de Bebeto, após jogada de Renato, o Flamengo parou de jogar e viu os mineiros empatarem no segundo tempo, mesmo com um a menos. O Atlético quase marcou o terceiro, o Flamengo já estava esgotado. Foi aí que Renato Portaluppi arrancou do meio do campo, sofreu uma daquelas faltas de cartão vermelho e seguiu. Foi abalroado pelo goleiro e seguiu em pé. Seu gol garantiu o Flamengo na final contra o Internacional e encheu de confiança o time que ficara mais forte após a crise de vestiário. Bebeto marcou o gol do título e jogou demais na temporada. Mas Renato, infernal e decisivo, foi o nome do campeonato. O fracasso italiano ficara definitivamente para trás.

Renato no Flamengo: forte individualismo e alguns privilégios

Para Renato, dinheiro gasto com carros e mulheres era um dinheiro bem gasto

© LEMYR MARTINS

5º ATO, O INQUIETO

Uma frase, uma única frase, talvez sintetize a forma como Renato Portaluppi direcionou sua carreira quando jogador. Em 1984, preocupado com as extravagâncias financeiras do craque que gastava fortunas em carros, mulheres e noitadas, o amigo jornalista João Bosco Vaz resolveu aconselhá-lo. Lembrou que a vida útil do jogador era curta, que era preciso fazer um pé de meia para o futuro. Renato ouviu tudo com atenção e soltou:

– Obrigado por tudo, mas sou muito jovem ainda. Posso gastar tudo o que tenho até os 24 anos e depois começo a juntar tudo de novo.

A história, resgatada recentemente pelo repórteres Luiz Henrique Benfica e Leonardo Oliveira, da *Zero Hora*, conta mesmo a carreira de Renato, que começou no Grêmio em 1982 e terminou em 1999 no Bangu. Sua trajetória profissional foi uma montanha-russa com picos de grandes conquistas e baixios nas confusões em que se envolvia. Gastou mesmo nas farras, pagou a conta de amigos, trocou de carros como quem troca a camisa no armário. Ao mesmo tempo, jamais deixou de amparar a família. Deu uma casa para cada irmão que não tinha imóvel próprio – e olha que eram 13 irmãos... Ajudou amigos e desconhecidos, deu uma boa educação para a filha Carol, que tanto sucesso faz cada vez que aparece ao lado do pai, sustentou Maristela, a mulher de infinita paciência que tolera a vida solta do marido.

No final das contas, Renato tinha mesmo razão lá em 1984. Se gastava realmente muito, sua capacidade para juntar dinheiro era muito maior. Afinal, jogava como um craque e lutava feito um cabeça de bagre, tudo aquilo que qualquer torcedor mais quer. No Grêmio, levantou uma Libertadores e um Mundial. Pelo Flamengo, o Campeonato Brasileiro de 1987. No Cruzeiro, em 1992, venceu uma Supercopa, um Mineiro e se tornou ídolo da torcida. Em 1995, fez que o Fluminense tirasse a barriga da miséria: Renato foi o herói da improvável conquista quando seu time derrotou o time de estrelas do Flamengo, que contava com Romário, Edmundo e Sávio.

Renato poderia ter sido como jogador mais vencedor, ter sido grande no futebol europeu. Tinha talento, força e sangue nos olhos. Mas optou por viver se divertindo. Nunca abriu mão do chopinho, das resenhas com os amigos e, principalmente, das mulheres. Não se pode dizer que estava totalmente errado.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Talvez a maior dor do treinador Renato Portaluppi: rebaixamento com o Fluminense, em 1996, que graças a virada de mesa acabou por não acontecer

6º ATO, O BOLEIRÃO

O Renato treinador nasceu quase por acaso, em uma emergência. O ano era 1996 e o Fluminense andava numa draga. Se encaminhava a trote para seu primeiro rebaixamento da história. O clube trocava de técnicos, tentava de tudo. No desespero, uma dessas tentativas foi entregar ao jogador Renato o comando do time. Na base do vamo-que-vamo de vestiário, ele tentou evitar o pior. Não conseguiu: o Fluminense não foi para a Série B por força de uma virada de mesa de cartolas.

A carreira de técnico só foi, de fato, iniciar em 2000, no Madureira. Era quase um estágio remunerado. Renato tentava entender como se comunicar com atletas, agora tendo a autoridade para tomar todas as decisões. Voltou ao Fluminense em 2002 e seguiu buscando uma identidade como comandante. Apenas em 2005 obteve seus primeiros resultados significativos, no Vasco, com o vice da Copa do Brasil e um sexto lugar no Brasileirão. O primeiro título viria em 2007 com o Fluminense, campeão da Copa do Brasil diante do Figueirense. Renato tinha classificado o time para a Libertadores, e 2008 se revelaria uma temporada muito doida, para dizer o mesmo. Aos trancos e barrancos, misturando jogos opacos com vitórias heroicas, o Fluminense deixou os grandes São Paulo e Boca Juniors pelo caminho e disputou a final contra a LDU, do Equador. Derrota por 4 x 2 em Quito, vitória por 3 x 1 no Maracanã e título perdido nos pênaltis. No Brasileiro, foi um sufoco, o time não caiu por um ponto.

Quem trabalhou com ele conta que no vestiário fazia o estilo chefe-boleirão. Conhecia como poucos a cabeça dos jogadores, sabia de seus desejos, medos, malandragens. E dava um jeito de se mostrar compreensivo ao mesmo tempo que conseguia exigir desempenho. Não há registros de grandes sacadas táticas do Renato treinador até então. Renato ainda rodou por Vasco, Fluminense, mais uma vez, e Bahia até chegar ao Grêmio em agosto de 2010. Aí recomeçava a relação de amor com o torcedor do clube que o formou. O treinador pegou o time na zona de rebaixamento e entregou na zona de classificação da Libertadores. Acabou demitido no ano seguinte e passou quase dois anos no ostracismo, sendo mais visto nas redes de futevôlei de Ipanema do que em estádios de futebol. Seu retorno ao Grêmio mostraria que o melhor ainda estava por vir.

7º ATO, O GESTOR

Aos 55 anos, o treinador atencioso campeão da Libertadores da América 2017 nem parece ser aquele mesmo garotão explosivo que surgiu no Grêmio no início dos anos 80. Abusado, Renato Portaluppi queria ser o centro das atenções. A qualquer custo. Não estava preocupado com quem estava ao seu lado. O Renato de hoje só lembra o Renato de ontem nas entrevistas. Talvez por saber que interpreta o próprio personagem, cumpre o script e solta frases de efeito. A diferença é que o discurso atual é menos provocativo e mais divertido. Brinca com os rivais colorados, mas sem a agressividade do passado. Diz que o Corinthians vai despencar e depois se corrige. Solta que o mundo é "dos espertos" e retifica a expressão com "dos inteligentes".

Basicamente, Renato amadureceu. "Ele nos escuta, quer saber o que a gente pensa do jogo. E protege o jogador que está sendo questionado", conta o capitão Maicon em uma conversa com gravadores desligados. Renato retornou ao Grêmio em meados de 2016 com uma missão espinhosa. Estava sucedendo Roger Machado, que encantou o Brasil com um jogo bonito... e ineficiente. O Grêmio fazia grandes jogos, mas não vencia os realmente importantes. Como melhorar isso sem perder o que já existia de bom? Renato começou pelo que mais entende, o conhecimento da alma boleira. Assumiu a equipe já em uma emboscada, as quartas de final da Copa do Brasil. Não poderia nem pensar em tropeçar. O Grêmio de Roger tinha conseguido importante vantagem na primeira partida em Curitiba, com o 1 x 0 fora de casa. E não é que, com um frango de Marcelo Grohe, o time não perde em casa por 1 x 0 também? Nos pênaltis, Grohe salvou a pele do time e, por tabela, de Renato. O que veio a seguir todos já sabem: título da Copa do Brasil e depois a Libertadores.

Mas o primeiro desafio de Renato foi mesmo humano. O Grêmio tinha uma equipe forte que perdia a confiança nos momentos-chaves. Tinha um grupo que desempenhava funções mecanicamente, talvez sem a alegria que grupos de futebol exigem. Roger aboliu o rachão da rotina gremista, até em véspera de jogo programava treino tático. Exigia mais e mais, não se conformava com os erros. Renato baixou o nível de exigência, buscou o relaxamento. Trouxe de volta o rachão e algumas vezes até participa dele. Trocou reprimenda por incentivo. Conversou. Assim recolocou Ramiro no time e resolveu o problema do meio--campo. Apostou em renegados: Cortez, Leonardo Moura, Jael, Cícero e Cristian. À exceção de Cristian, todos deram alguma resposta em campo.

Apesar de ser a "cara" do Grêmio campeão da Libertadores, Renato nunca esteve sozinho. Pelo contrário. Foi mais gestor do que treinador. Abriu espaço para seu escudeiro Alexandre Mendes, que o acompanha desde os tempos do Fluminense, trabalhar a parte tática. As perfeitas entradas em diagonal de Pedro Rocha foram fruto de treinamentos comandados por Alexandre. O auxiliar também teve grande papel no aproveitamento de Arthur, que estava sendo emprestado para o Fortaleza. Alexandre foi ver um treino dos garotos e se impressionou. "Vem cá, Renato, ver o que estou vendo", avisou. Arthur foi o principal nome nas partidas do Engenhão e em Lanús. Dois dos jogos mais importantes da campanha gremista na Libertadores. Além de Alexandre, Renato deu voz aos fisiologistas e aos médicos, que praticamente escalaram alguns times gremistas na reta final das competições, poupando quem precisava ser poupado. No vídeo que mostra os bastidores da conquista tricolor em Lanús, Renato é um dos que menos falam. Ele escuta atento a pregação de Grohe e as frases guerreiras de Edílson, Geromel e Kannemann.

Renato foi, sim, protagonista em um outro episódio. O craque da Libertadores Luan é também o craque da lua cheia. Gosta da noite, da zoeira, a Porto Alegre boêmia conhece a fera. Nas vésperas da partida contra o Guaraní, no Paraguai, Luan estava especialmente animado no campeonato da descontração. Renato tomou então uma estranha decisão: levou titulares e reservas para Assunção e deixou os titulares no banco. Era um recado a todos. O time inteiro estava pagando pelo erro de um. Daquele momento em diante, não houve mais problemas nesse sentido. Se existe alguém capaz de entender perfeitamente a cabeça de Luan, esse homem se chama Renato Portaluppi.

Com seu estilo conciliador, Renato trouxe todos de volta ao time – e jogando por ele

© GETTY IMAGES

O ANO DO SUFOCO NO MORUMBI

Agora que o torcedor são-paulino respira aliviado, é hora de descobrir o que quase levou o clube a seu primeiro rebaixamento na história

por Lucas Sposito

A duas rodadas do encerramento do Brasileirão, uma grande faixa estendia-se no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, com os dizeres: "Time Grande Não Cai". Orgulhando-se de ser o único clube da cidade a jamais amargurar a segunda divisão, o São Paulo finalmente mostrava controle sobre a situação.

Desde então, o torcedor diverte-se com o que aconteceu. Mas por um bom tempo viu que o risco de rebaixamento era real, já que foram longas 14 rodadas dentro do Z4, do qual eles saíram apenas em outubro. Porém, um bom segundo turno fez com que o time de Dorival Júnior respirasse aliviado, tentando esquecer a tensão pela qual passou.

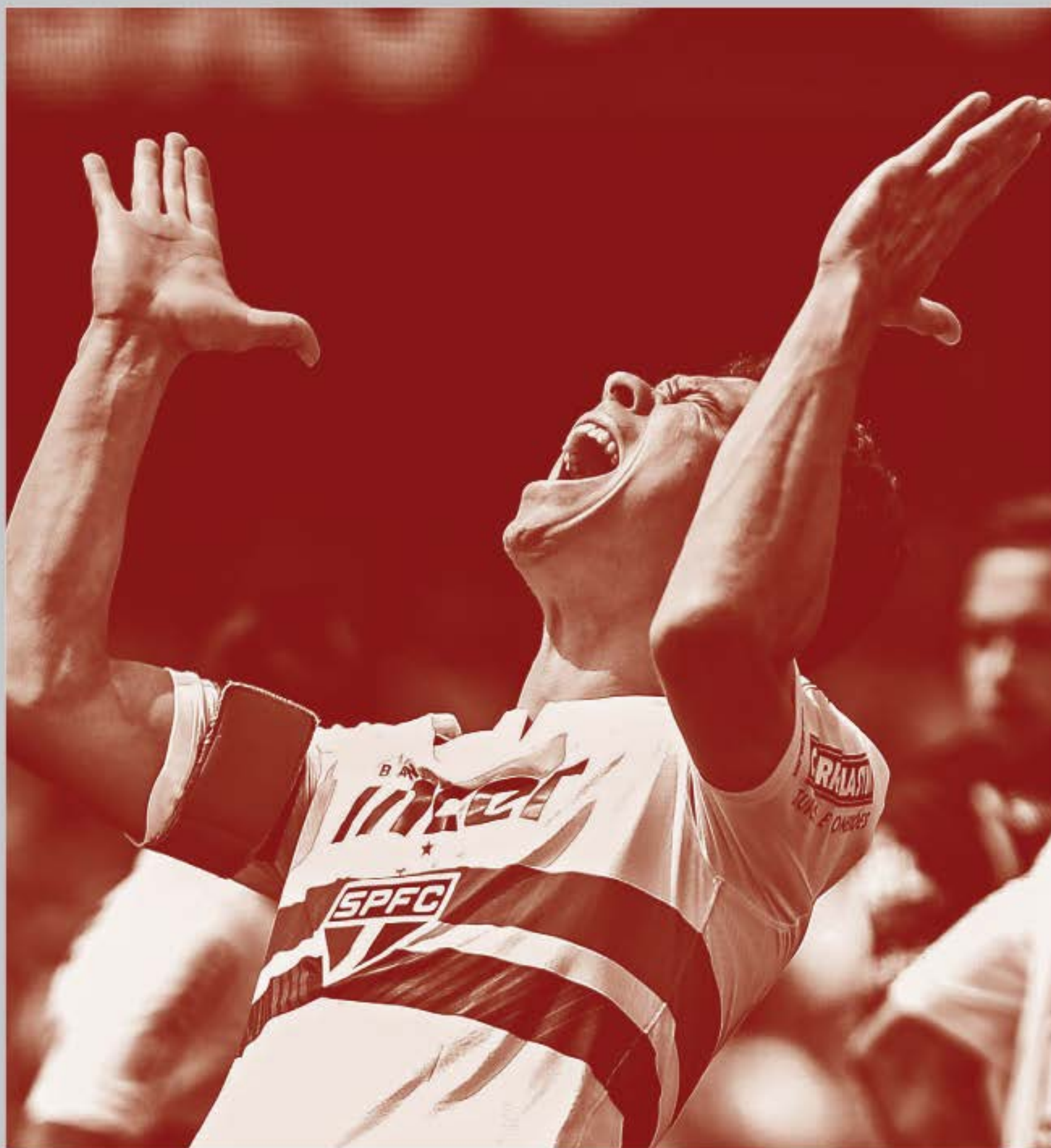
Mas o que levou o Tricolor a essa situação? Com apenas um título nos últimos nove anos (a desprestigiada Copa Sul-Americana de 2012), o São Paulo Futebol Clube não dá nem indícios de que em breve repetirá o sucesso das décadas de 1990 e 2000. É isso que a Placar analisa após mais um ano conturbado no Morumbi.

CONQUISTAS DE UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE

Soberano. Foi assim que o São Paulo passou a ser chamado pelos próprios torcedores em 2008, logo após ganhar seu sexto Campeonato Brasileiro, o terceiro seguido (único tri na história do Brasileirão desde 1971). Foram tempos de glória no Morumbi, onde, em um espaço de apenas quatro anos, o Tricolor venceu nada menos que uma Libertadores, um Mundial de Clubes e três campeonatos nacionais.

Foi inevitável comparar a sequência aos tempos de Telê Santana no início na década de 1990, pouco mais de dez anos antes, quando a equipe de Raí e companhia conquistou um Brasileirão, duas Libertadores, dois Mundiais, dois Paulistas e uma Supercopa Libertadores.

Esses dois períodos vitoriosos moldaram o São Paulo como o clube mais vitorioso no Brasil, e justificando tal apelido. Mas o sucesso no futebol é passageiro, e essas épocas hoje são vistas pelo torcedor são-paulino como vaga lembrança.

"Eu acho que tinha coerência e conhecimento na hora de contratar", lem-

Não fosse Hernanes, dificilmente o São Paulo reagiria no Brasileirão 2017: o craque fez a diferença

bra Paulo Vinícus Coelho, comentarista da Fox Sports. "O Juvenal era muito rápido para contratar no sentido de conhecer jogador, de saber a relação com o empresário... E para trazer o jogador certo para a montagem do time que tinha uma característica definida. Hoje, como é que joga o São Paulo? Hoje você contrata porque contrata um jogador com nome importante, legal, mas para qual estilo?", completa PVC.

Agora alcançado por Santos e Grêmio em número de Libertadores, empatado com o Flamengo e ultrapassado pelo Corinthians em Campeonatos Brasileiros, e há 12 anos sem vencer o Paulistão, seu maior jejum na competição, a certeza de soberania já não é mais a mesma. Dos 12 grandes clubes do Brasil, o São Paulo é hoje o que está há mais tempo sem ganhar um título – cinco anos, desde 2012. E a campanha ruim no Brasileirão de 2015 e o risco de rebaixamento em 2017 trouxeram ainda mais com o que se preocupar e refletir.

O ANO DO M1TO

O cenário para 2017 não era perfeito, mas ainda sim otimista. Lenda do clube, Rogério Ceni havia se aposentado um ano antes, e usou seu tempo livre preparando-se para ser técnico, inclusive com cursos na Europa.

Era esperado um trabalho inovador do ídolo tricolor, que, unido a auxiliares estrangeiros e bons produtos formados na base, poderia finalmente sair da mesmice do futebol brasileiro e entregar algo novo. Sem dúvida, um trabalho para longo prazo.

A expectativa para a chegada de Ceni como técnico era tão grande que seu anúncio foi feito pelo candidato a presidente Leco antes mesmo da eleição. Por mais que muitos acusem o cartola de usar a contratação como jogada política, estava claro que ter o ex-goleiro no comando era tudo que os torcedores tricolores queriam.

Mas a empolgação durou pouco tempo. Apesar do título da Florida Cup, o São Paulo foi eliminado nas semifinais do Paulistão pelo Corinthians, caiu na primeira fase da Copa Sul-Americana para o Defensa y Justicia, além de ficar de fora da fase decisiva da Copa do Brasil ao perder para o Cruzeiro na quarta fase, antes das oitavas de final.

Durante seu tempo no comando, Rogério Ceni sofreu também com as vendas feitas pelo clube. Os titulares David Neres, Luiz Araújo e Thiago Mendes eram todos jovens promissores, mas tiveram que se despedir para equilibrar as contas do tricolor.

Ainda com maus resultados, a campanha ruim também era vista no Brasileirão, e com seis derrotas em apenas 12 rodadas, Ceni teve que dar adeus ao São Paulo antes do esperado, sendo demitido por Leco.

"Eu acho que teve muita culpa da diretoria. Sem dúvida, indiscutivelmente", diz PVC. "Você monta um time, desmonta um time. E aí, quando vai parar na zona de rebaixamento, você demite. Não tem coerência no trabalho nem compromisso com quem você contratou."

"Não sei se ele volta, porque não sei como vai ser a carreira como técnico. Tem que se provar como técnico", diz o jornalista sobre o possível retorno ao clube do ídolo Ceni, que acertou contrato com o Fortaleza para dirigir o time na Série B de 2018.

Após a saída de Ceni, Pintado comandou o time por uma partida, e Dorival Júnior, recém-demitido do Santos, ficou com a tarefa de desatolar o time da zona de rebaixamento.

O trabalho de Dorival demorou a engrenar, mas deu certo. Com o impacto inquestionável de Hernanes, que só chegou por empréstimo no fim de julho, o tricolor conseguiu uma sequência de vitórias importantes e se viu livre do rebaixamento razoavelmente antes de o campeonato acabar.

A CULPA VEM LÁ DE CIMA

As fracas temporadas do São Paulo têm grande relação com a má gestão, que vem decepcionando há anos. Juvenal Juvêncio, Carlos Miguel Aidar e Leco tiveram problemas para formar elencos competitivos, somando uma série de frustrações com diferentes mandatários.

"Na verdade, são presidentes e pessoas que pertencem ao mesmo grupo. Não houve renovação", diz Arnaldo Ribeiro, chefe de redação e comentarista da ESPN. "Todos eles têm sua parcela de culpa. A continuidade de Juvenal, pós-mudança de estatuto, foi um tiro no pé. O próprio Juvenal foi um excelente diretor de futebol, mas não necessariamente um bom presidente. Faltou reciclagem, modéstia, novas ideias, ousadia...

UMA SEQUÊNCIA DE MÁS GESTÕES LEVOU O TRICOLOR PARA BAIXO

O mito Rogério Ceni chegou como a solução e saiu chamuscado em sua estreia como treinador

© GETTY IMAGES

Dorival Júnior veio para ajeitar o time e afastar o rebaixamento

Com a fase ruim do tricolor, mesmo bons jogadores, como Lucas Pratto, não renderam o suficiente

© GETTY IMAGES

O CLUBE VENDE JOGADORES PARA EQUILIBRAR O CAIXA

Sobrou acomodação, vícios, marasmo."

"Um pouco porque o Juvenal ficou doente", afirma PVC. "A parte de baixo não foi preparada para sucessão de uma maneira adequada. O terceiro mandato criou uma discussão política que tirou apoio e passou a ter uma discussão de uma maneira que não existia dentro do clube. Isso tirou concentração para você fazer os melhores negócios e ver as melhores opções. Acho que passa por aí."

Desde o Brasileirão de 2008, o São Paulo contratou 14 treinadores. Isso sem contar com os interinos Milton Cruz e Pintado, que foram responsáveis por segurar a barra entre essas demissões. O único que teve certa estabilidade foi Muricy Ramalho, que após sua volta em 2013, quando também teve que tirar o time da zona do rebaixamento, conseguiu sustentar-se até 2015, quando precisou sair para cuidar da saúde.

"A saída de Muricy rompeu uma continuidade que dava resultado", diz Arnaldo. "Mais do que isso: acabou com uma identidade que dava padrão ao time, independentemente dos jogadores. A identidade da qual o Corinthians usufrui hoje, por exemplo – mudando jogadores, mas nem tanto os treinadores –, mantendo uma linha mestra. O desafio do São Paulo agora é manter um treinador, custe o que custar. Até um cone mantido por uma temporada renderia melhor que esse rodízio insano no comando."

DINHEIRO E FUTEBOL

Além das constantes trocas de comandantes, a questão das vendas prematuras também incomoda o torcedor são-paulino. Principalmente por ser uma situação repetida ao longo dos anos, e vir de um clube que se orgulha tanto do trabalho feito em Cotia.

Arnaldo concorda que algumas transferências são necessárias, mas deveriam ser selecionadas com mais cuidado: "Base serve também para aliviar as finanças do clube. Ok? É muito difícil emplacar jogadores de base em times grandes, sob pressão, como São Paulo, Palmeiras e Corinthians".

"Mas outra vez falta olho clínico para diferenciar o joio do trigo. Alguns jovens são para vender; outros, para jogar por um mínimo de tempo que seja. Foi o caso de Lucas Moura. Deveria ter sido o caso de Casemiro e David Neres. Teria de ser o caso de Militão. Jogadores jovens, mas acima da média. Não apenas tecnicamente, mas mentalmente falando".

Amir Somoggi, consultor de marketing e administração no futebol, explica que essa é a forma que o clube encontra para se sustentar financeiramente. "Isso garante o ano do São Paulo, compõe o que faltava de patrocínio, de bilheteria, de marketing no geral, de sócio-torcedor. Essa é a realidade. Você vê o Palmeiras, por exemplo. O Palmeiras faz 110 milhões entre sócio-torcedor e ingresso. E o São Paulo, nesses dois quesitos, não chega a 40."

"Isso é um problema. O São Paulo tem um patrocínio muito baixo. O marketing do São Paulo é muito baixo. O sócio-torcedor é baixo. A bilheteria é baixa. Então só sobram a televisão e a venda de jogador. Então, nos anos em que a venda de jogador é alta, o clube consegue se equilibrar. Nos anos que não tem venda..."

Mas a questão de renda de bilheteria e sócio-torcedor nem sempre joga a culpa para o Morumbi. Mesmo sendo considerado distante e antigo, o estádio tricolor ainda tem sua importância por pertencer totalmente ao clube. "O Corinthians, por exemplo, não tem a receita da Arena, confiscada pela Justiça, e não pode usar o dinheiro da bilheteria. O São Paulo está na metade do caminho, e o Palmeiras está no topo", conclui o consultor Amir.

O Morumbi, na verdade, foi aliado do São Paulo na luta contra o rebaixamento. A torcida abraçou o time e resolveu apoiar ao invés de puramente protestar. O tricolor fechou o Brasileirão 2017 com mais de 30 mil pessoas de média de público.

Alguns momentos, como a festa na saída do CT antes do clássico contra o Santos, também marcaram o apoio da massa são-paulina. Todos se lembram da invasão para cobrar jogadores no meio de 2016, mas, desta vez, o torcedor entendeu que era hora de estar ao lado da equipe, abandonando a força bruta.

Para 2018, o lema nos corredores do Morumbi é claro: "Não passaremos mais sufoco". Por isso a ideia é planejar-se com antecedência e em breve ter um time pronto para competir por títulos. Afinal, para voltar a ser soberano, o tricolor precisa não apenas sobreviver na primeira divisão, mas também reencontrar as grandes conquistas. P

I WANT YOU (EU QUERO VOCÊ)

Em sua quarta edição, a Florida Cup se torna atraente e lucrativa para clubes brasileiros, além de uma nova experiência para o torcedor de futebol

por Ricardo Corrêa

Final brasileira na Florida Cup 2017: São Paulo campeão em cima do Corinthians

© DIVULGAÇÃO

Destino dos sonhos para brasileiros, Orlando, no estado da Flórida, Estados Unidos, abriga inúmeras atrações para seus turistas. Mas há muito mais que Mickey e toda sorte de personagens nos diversos parques temáticos e aquáticos espalhados pela cidade, que também é sinônimo de paraíso das compras com seus shoppings e outlets. Agora, quem quiser curtir um futebol na vibe do entretenimento tem seu espaço garantido nas férias americanas.

Em sua quarta edição (de 10 a 20 de janeiro de 2018), a Florida Cup se consolida como uma ótima opção para pré-temporada de clubes brasileiros e sul-americanos e meia temporada para clubes europeus. Para a torcida brasileira, torna a experiência de ir a um jogo de futebol mais próxima dos eventos americanos, com diversão pré e pós-jogos, acessos e estacionamentos adequados, banheiros limpos, boa oferta de alimentação e segurança, tudo o que faz falta no nosso futebol. Nada lembra o martírio de ir a uma partida daqui, a começar da extorsão para estacionar o seu carro, passando por banheiros imundos, filas imensas para fast-foods duvidosos e o constante risco de violência dentro e fora dos estádios. Para dar uma ideia, nunca houve uma ocorrência de briga em toda a história do torneio americano.

A edição de 2018 da Florida Cup vai contar com o campeão brasileiro de 2017, o Corinthians, além dos brasileiros Atlético Mineiro e Fluminense. Outros clubes de fora que disputarão o torneio são Atlético Nacional (Colômbia), Barcelona de Guayaquil (Equador), Legia Varsóvia (Polônia), Rangers FC (Escócia) e, com maior expressão no cenário internacional, PSV Eindhoven (Holanda).

Para os brasileiros, é uma bela pré-temporada. O torneio será disputado numa espécie de "micropontos corridos", ou seja, sem uma final. Cada clube joga apenas duas vezes, algo inusitado, mas o que está valendo é a preparação para o ano.

O CEO da Florida Cup, o brasileiro Ricardo Villar, garante que os clubes contam com locais de alta excelência para treinamento. "É uma ótima oportunidade de ter confrontos internacionais exclusivos", afirma o empresário, que é ex-jogador de futebol. Villar iniciou sua carreira nas categorias de base do São Paulo e depois trilhou um caminho internacional na Europa e na MLS, a liga americana de futebol, atuando pelo FC Dallas.

Em 2017, a Florida Cup já teve mais penetração na audiência dos torcedores brasileiros. O São Paulo estreava seu treinador, o mito (para são-paulinos) Rogério Ceni, no comando da equipe que foi a campeã do torneio. Os tricolores se animaram, já que a conquista foi em cima do rival Corinthians. Mas esse entusiasmo inicial nos Estados Unidos se dissipou aqui no Brasil. Ceni não durou como treinador e o São Paulo passou o restante do ano lutando contra o rebaixamento.

O torneio em Orlando, nos Estados Unidos, já é transmitido ao vivo para 140 países e atinge 50 milhões de espectadores

Fora de campo, a Florida Cup se mostra bem interessante. É uma ótima oportunidade de internacionalização das marcas dos clubes brasileiros. Os jogos da edição 2017 foram transmitidos ao vivo para 140 países, com uma audiência superior a 50 milhões de espectadores. Uma outra novidade anima ainda mais os amantes de futebol. A bola oficial da edição 2018 é a mesma da Copa do Mundo da Rússia, sendo o primeiro torneio oficial a utilizá-la.

Para Villar, a excelência do trabalho de *branding* é o melhor caminho para os clubes e suas ligas e campeonatos. "O modelo associativo, vigente no futebol brasileiro, é pouco eficiente e impede o crescimento de clubes e ligas", diz. Sua referência é a liga alemã, a Bundesliga, muito eficiente na gestão da marca, atingindo fãs globais.

Alguns questionamentos de Villar nos fazem pensar: "Qual é o logotipo do campeonato brasileiro?". Difícil alguém responder a essa pergunta, muito menos se há um hino ou música como a da

Parceria com os americanos rende frutos. O Fluminense estampou patrocínio da Universal

© GETTY IMAGES

A Fan Fest da Florida Cup se realiza dentro do Universal Studios, em Orlando, na Flórida, Estados Unidos

Champions League, entre outros itens para serem trabalhados no *branding* em nível mundial.

Os executivos da Florida Cup fazem a lição de casa com a internacionalização do torneio e buscam valorizar o espetáculo, além do resultado, típico da cultura esportiva americana. Mas gostariam de mesclar mais os aspectos emocionais e passionais, características dos torcedores sul-americanos. Com uma parcela importante dos tíquetes vendidos aos moradores locais, a diferença de comportamento para os torcedores turistas é bem grande. Mas a mistura tem dado bons resultados. Os americanos adoram a participação dos argentinos e brasileiros, por exemplo, com seus cantos e batucadas. Por outro lado, esses turistas se beneficiam da convivência harmoniosa com torcedores adversários e da ótima infraestrutura para acompanhar as partidas.

Com o conceito de entretenimento claro, a Florida Cup tem muita diversão fora dos estádios. As fans fests, a exemplo das festas da Fifa na Copa do Mundo, são momentos de muita diversão, com a presença de astros internacionais da música. Nesse sentido, o torneio tem como seu principal patrocinador a Universal Studios. Os interessados em assistir aos jogos podem comprar pacotes que incluem hospedagem em hotéis do complexo da Universal, bem como ingressos para os parques. Essa proximidade já rendeu frutos por aqui. O Fluminense estampou em alguns jogos do Brasileirão o patrocínio da Universal em sua camisa. Em 2017, grandes artistas se apresentaram nas festas dentro do Universal Studios Florida, como Alok, Zeeba e o cantor Daniel. Em 2018, estão confirmados Fernando e Sorocaba, acompanhados do grupo de country music americano Chris Weaver Band.

O Tio Sam quer você, e para isso agora usa futebol com qualidade e boa dose de entretenimento.

A ideia na Florida Cup é unir o estilo de torcer dos sul-americanos ao conceito de entretenimento dos eventos esportivos americanos

EM SUA 15ª EDIÇÃO, O BRASILEIRÃO DOS PONTOS CORRIDOS

COROOU O CORINTHIANS MAIS UMA VEZ. A EDIÇÃO DE 2017 FOI MARCADA, ALÉM DA HISTÓRICA ARRANCADA ALVINEGRA, PELO NÚMERO RECORDE DE VAGAS PARA A LIBERTADORES (9), PELO DESCASO DE ALGUNS FAVORITOS QUE PRIORIZARAM A LIBERTADORES, PELA DISPUTA EMOCIONANTE PELA PERMANÊNCIA NA SÉRIE A, PELA BRIGA PELA ARTILHARIA E POR DESPEDIDAS

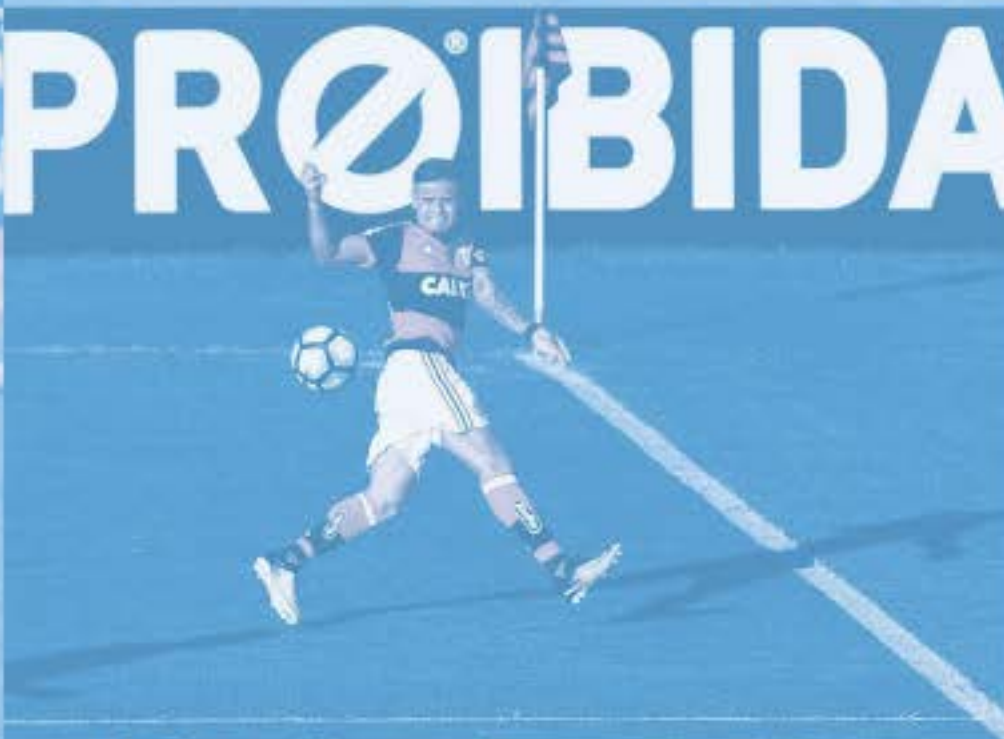
por Rodolfo Rodrigues

CAIXA

CAIXA
3
T. KELVEN
17

PRØIBIDA

CAIXA
crefisa
CAIXA

CAIXA

FEZ POR MERECER

Após um primeiro turno incrível, com uma campanha histórica, o Corinthians fez o suficiente no returno e se tornou o maior vencedor do Brasileirão desde 1971, da era dos pontos corridos e da década

Carille é jogado para cima por seus jogadores: líder discreto e eficiente

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Desde que retornou à Série A, em 2009, sob o comando de Mano Menezes, o Corinthians adotou um padrão tático bem definido, priorizando a defesa. Time difícil de ser batido, o alvinegro melhorou ainda mais nas mãos de Tite nos anos seguintes. No período, ganhou um Mundial de Clubes, uma Libertadores, uma Recopa, dois Brasileiros, uma Copa do Brasil e dois Paulistas, antes da chegada de Fábio Carille, no início de 2017.

Após um ano ruim em 2016, com o desmanche da forte equipe campeã de 2015, o Corinthians se preparou até para o pior, pensando, antes de tudo, em fazer uma temporada tranquila, sem ameaça de rebaixamento e buscando, se possível, uma vaga na Libertadores. Mas sob o comando de Carille, ex-auxiliar de Mano e Tite, o alvinegro superou suas próprias expectativas, atuando ao melhor estilo dos vencedores antecessores. Assim, faturou o Paulistão vencendo todos os rivais nos clássicos e chegou embalado ao Brasileirão.

Mesmo sem grandes reforços, o Corinthians entrou em vantagem sobre os adversários por dois aspectos: entrosamento e foco. Com uma equipe bem ajeitada no Estadual e eliminado da Copa do Brasil, o Corinthians teve pela frente só o Brasileirão, já que a Copa Sul-Americana não estava nos planos. Dessa forma, apesar do empate inesperado com a Chapecoense na estreia, o time foi ganhando pontos e confiança e abrindo vantagem. Com Jô em grande fase, o goleiro Cássio mostrando muita segurança, uma zaga forte, com Pablo e Balbuena, dois laterais atravessando um grande momento (Fágner e Guilherme Arana), dois talentosos meias (Rodriguinho e Jadson), uma dupla afinada de volantes (Gabriel e Maycon) e um atacante polivalente, Romero, que executava função de lateral e meia durante as partidas, o Corinthians conseguiu aniquilar seus principais rivais no primeiro turno. Da segunda à sexta rodada, venceu todos os jogos, incluindo os clássicos contra Santos e São Paulo. Na quinta rodada, goleou o Vasco no Rio de Janeiro (5 x 2), quando assumiu a liderança e não largou mais.

Já na décima rodada, contra o Grêmio, no confronto contra o vice-líder e apontado por muitos como favorito ao título, o Corinthians mostrou força de campeão. Em Porto Alegre, saiu na frente (gol de Jadson) e calou a Arena do Grêmio após a defesa do pênalti de Cássio, na cobrança de Luan, no fim da partida. Pouco depois, na 13ª rodada, o Corinthians venceu o rival e atual campeão Palmeiras, no Allianz Parque, por 2 x 0, com superioridade. Em seguida, fechou o primeiro turno invicto (um recorde desde 2003), com 47 pontos, oito a mais do que o vice-líder Grêmio, que estava envolvido com a Copa do Brasil e a Copa Libertadores. Naquele momento, o time de Fábio Carille estava também invicto havia 34 partidas na temporada, sua segunda maior marca na história. Na virada do turno, porém, o time desandou. Nas quatro primeiras partidas, três derrotas, sendo duas para times da zona do rebaixamento e em casa: Vitória e Atlético-GO. Até a 12ª rodada do returno, foram apenas três vitórias, três empates e seis derrotas. Na 31ª rodada, após perder para a Ponte Preta, o Corinthians viu o rival Palmeiras diminuir a diferença para cinco pontos. Assim, na rodada seguinte, contra o arqui-inimigo, o clássico passou a ser crucial. Nele, para delírio da torcida corintiana (que bateu recorde de público no Brasileirão – veja quadro ao lado), o alvinegro se impôs, venceu por 3 x 2 e deu uma arrancada rumo ao hepta, emendando mais três vitórias seguidas – Atlético-PR, Avaí e Fluminense. Contra o tricolor carioca, aliás, na 35ª rodada, garantiu o título com antecipação numa bela virada (3 x 1), com dois gols de Jô. O iluminado centroavante, o maior artilheiro do Corinthians nos pontos corridos, se tornou artilheiro do Brasileirão, sendo o primeiro corintiano a alcançar tal façanha desde 1971.

Melhor campanha de um campeão do 1º turno, desde 2006 (20 clubes)

Ano/Clube	Pontos
2017 Corinthians	47 (82,5%)
2012 Atlético-MG	43 (75,4%)
2014 Cruzeiro	43 (75,4%)
2008 Grêmio	41 (71,9%)
2013 Cruzeiro	40 (70,2%)
2015 Corinthians	40 (70,2%)
2007 São Paulo	39 (68,4%)
2008 Internacional	39 (68,4%)
2006 São Paulo	38 (66,7%)
2010 Fluminense	38 (66,7%)
2011 Corinthians	37 (64,9%)
2016 Palmeiras	36 (63,2%)

Maiores artilheiros do Corinthians nos pontos corridos

Gols	Jogador
31 gols	Jô
25 gols	Tévez
23 gols	Guerrero
23 gols	Jadson
23 gols	Liédson
20 gols	Paulinho
19 gols	Elias
18 gols	Ronaldo

Maiores médias de público do Corinthians na era dos pontos corridos

Média	Ano
40 007	2017
34 188	2015
29 387	2011
29 031	2014
28 764	2016
27 542	2010
27 330	2005
25 222	2012
24 441	2013

Classificados para a fase de grupos da Libertadores

2º PALMEIRAS

Campeão brasileiro de 2016, o Palmeiras entrou no Brasileirão como grande favorito ao bicampeonato após investir pesado em contratações no início da temporada e buscar de volta o técnico Cuca para o lugar de Eduardo Baptista. Do time campeão do ano passado, o Verdão segurou os goleiros Prass e Jailson, os zagueiros Mina e Edu Dracena, os laterais Zé Roberto e Egídio, os volantes Tchê Tchê, Jean, o meia Moisés e o atacante Dudu. E, para a temporada de 2017, chegaram os laterais Mayke e Michel Bastos, os zagueiros Luan e Juninho, os meias Guerra e Raphael Veiga e os atacantes Borja, Willian, Keno e Deyverson. No papel, um elenco muito superior ao dos rivais. Na prática, porém, um time que pouco teve entrosamento, padrão tático e resultados. Eliminado pelo Barcelona-EQU nas oitavas de final da Libertadores e pelo Cruzeiro nas quartas da Copa do Brasil, o Palmeiras viu ainda o rival Corinthians abrir grande vantagem no Brasileirão enquanto priorizava essas duas competições. E, como em toda a temporada, o time acabou pecando pelas oscilações. Quarto colocado no primeiro turno do Brasileirão com 32 pontos, 15 a menos do que o Corinthians, o Palmeiras entrou no returno já desanimado. Assim, perdeu ainda pontos bobos, como nas derrotas para Atlético-PR e Chapecoense, em casa. Pouco depois, após a derrota para o Santos e o empate com o Bahia, o técnico Cuca deixou o time. Em seguida, com o interino Alberto Valentim, o Verdão venceu Ponte, Atlético-GO e Grêmio e viu de perto a chance de ultrapassar o Corinthians. Para isso, precisava vencer o Cruzeiro em casa e depois o rival em Itaquera. Mas o time voltou a oscilar e desperdiçou a chance ao empatar com o time mineiro e perder para o Corinthians. No final, o Palmeiras ainda conseguiu terminar como vice, mas sem motivo para celebrar a boa colocação.

A hora da despedida: Zé Roberto é homenageado pelos companheiros

© PALMEIRAS OFICIAL

O habilidoso Bruno Henrique

© GETTY IMAGES

3º SANTOS

Como em 2016, o Santos entrou no Brasileirão sem grandes expectativas e acabou numa posição melhor do que a esperada. Com as mudanças na comissão técnica, saída de jogadores no caminho e quedas inesperadas nas outras competições, o Santos, de modo geral, terminou o ano satisfeito pelo terceiro lugar no Brasileirão e pela vaga direta na fase de grupos da Libertadores. Eliminado na semifinal do Paulistão, pela Ponte Preta, e sem Thiago Maia, o Peixe começou mal o Brasileirão, sendo derrotado três vezes nas quatro primeiras rodadas. Assim, trocou o técnico Dorival Júnior, que estava havia quase dois anos no comando do time, pelo experiente Levir Culpi. Com o novo técnico, a equipe santista melhorou seu rendimento, porém mudou completamente sua característica, deixando de ser ofensiva e passando a valorizar a defesa. Assim, da quinta à 23ª rodada, perdeu apenas um jogo e chegou a ficar 19 jogos invicto na temporada – porém, com muitos empates pelo caminho. Sem conseguir empolgar, o time de Levir perdeu o embalo após cair nas quartas de final de duas competições quase ao mesmo tempo: na Copa do Brasil, para o Flamengo, e na Libertadores, para o Barcelona-EQU. Sem o volante Thiago Maia, vendido ao Lille-FRA, e sem fôlego para alcançar o Corinthians, o Santos acabou demitindo Levir na 31ª rodada. Com o interino Elano, o time ainda sofreu com a saída de Zeca, que entrou na Justiça contra o clube, e com a ausência de Lucas Lima nas rodadas finais, quando o meia já negociava sua ida ao Palmeiras.

O craque do time, Luan, foi o grande nome do Grêmio em 2017

©GETTY IMAGES

4º GRÊMIO

Considerado por muitos como o melhor time da temporada antes mesmo do título da Copa Libertadores, no fim de novembro, o Grêmio fez por merecer esse rótulo com seu bom e eficiente futebol ofensivo. Mesmo sem contar com grandes jogadores no elenco, com exceção de Luan, Arthur, Geromel e Marcelo Grohe, que fizeram uma temporada incrível, o tricolor gaúcho mostrou muita força. Nomes como o lateral direito Edílson, o zagueiro Kannemann, o lateral-esquerdo Bruno Cortez, o volante Michel e os atacantes Fernandinho e Lucas Barrios tiveram também um grande ano, muito também em função do ótimo trabalho feito pelo técnico Renato Gaúcho, que já havia levado o time ao título da Copa do Brasil em 2016. Focado na Libertadores e também no bi da Copa do Brasil, o Grêmio, ainda assim, fez um ótimo primeiro turno, com 39 pontos e 68,4% de aproveitamento. E olhe que em algumas rodadas o time entrou com time misto em campo, como nas derrotas para Atlético-PR e Palmeiras. A ótima fase fez com que o técnico Renato Gaúcho acreditasse no título, apostando na queda de rendimento do Corinthians – o que acabou acontecendo. Mas o Grêmio, por sua, acabou sofrendo da mesma sina, por causa do avanço nas outras competições. Assim, no returno, o tricolor gaúcho fez apenas 23 pontos (40,4% de aproveitamento) e teve a quinta pior campanha. Dessa forma, o Campeonato Brasileiro acabou virando apenas um laboratório em que o time se preparou para a Libertadores. Ou, como diziam os torcedores, o Grêmio "brincou" no Brasileirão, deixando a sensação de que, se tivesse levado a sério, teria total condição de desbancar o Corinthians.

Thiago Neves viveu grande fase, com 11 gols

©GETTY IMAGES

5º CRUZEIRO

Depois de conquistar o bi do Brasileirão em 2013/14, o Cruzeiro amargou dois campeonatos ruins na sequência, sendo apenas oitavo colocado em 2015 e 12º em 2016. Nesses dois anos, nem sequer esteve por uma rodada no G4. No ano passado, a Raposa ainda precisou de uma grande campanha no returno para chegar à posição intermediária na tabela. E o técnico Mano Menezes, responsável pelo crescimento do time no segundo semestre de 2016, puxou também o time para a boa temporada em 2017. Com um bom elenco, apesar da falta de um time-base, o Cruzeiro fez um bom Estadual (ficou invicto até a decisão, quando foi derrotado para o rival Atlético) e brilhou na Copa do Brasil. Resgatando seus melhores times copeiros, a Raposa deixou pelo caminho São Paulo, Chapecoense e os favoritos Palmeiras e Grêmio, e ganhou o título sobre o Flamengo, nos pênaltis. Tranquilo com o importante título e a vaga na Libertadores, a equipe melhorou seu rendimento no Brasileirão no segundo turno, após terminar o primeiro na oitava posição. Contando com a grande fase do meia Thiago Neves, artilheiro do time com 11 gols e líder em assistências (7), e nomes importantes como o goleiro Fábio, os volantes Henrique e Hudson e os meias-atacantes Rafinha, Alisson e Arrascaeta, além do lateral Diego Barbosa, a Raposa por pouco não terminou como o melhor time do returno.

A turma do G8 ou G9

© GETTY IMAGES

Diego: altos e baixos na temporada

6º FLAMENGO

O presidente do Flamengo, Eduardo Bandeira de Mello, tem um plano para dominar o futebol brasileiro até 2020, tanto em termos financeiros quanto em taças. Na primeira parte, o planejamento já vem funcionando, com o time sendo o de maior receita no país (embora ainda tenha uma das maiores dívidas). No âmbito esportivo, porém, o time ainda está patinando e ficando para trás. O título carioca deste ano, invicto, sob o comando do técnico Zé Ricardo, teve pouco valor, com os desprestigiados estaduais. Eliminado na fase de grupos da Libertadores, o rubro-negro teve outra grande decepção no ano ao perder a final da Copa do Brasil para o Cruzeiro. Para piorar, no Brasileirão, onde fez uma boa campanha em 2016, o Flamengo nem chegou perto do campeão Corinthians – mesmo considerando que o investimento no elenco foi bem maior. Além de manter bons nomes da temporada passada, como Diego, Réver, Willian Arão e Guerrero, o time trouxe para esta temporada Diego Alves, Rhodolfo, Rômulo, Éverton Ribeiro, Conca, Berrío, Leandro Damião e Geuvânio. Além disso, em agosto, buscou ainda o técnico colombiano Reinaldo Rueda, campeão da Libertadores de 2016 pelo Atlético Nacional, para o lugar do criticado Zé Ricardo. Com ele, o time chegou à final da Copa do Brasil e da Copa Sul-Americana, mas pouco fez no Brasileirão, onde terminou na sexta colocação, garantindo uma vaga direta para a Libertadores apenas na última rodada, com um gol nos acréscimos, de pênalti, na partida contra o Vitória. Jogando na Ilha do Governador, no estádio Luso-Brasileiro, apelidado depois de Ilha do Urubu, o Flamengo teve uma média de público ruim no Brasileirão (14 556).

7º VASCO

Grande que mais vezes caiu para a Série B do Brasileiro (três), o Vasco começou o Brasileirão temendo uma nova queda, logo um ano após retornar à primeira divisão. Sob o comando do técnico Milton Mendes, o time estreou sendo goleado pelo Palmeiras (4 x 0), na sequência levou de 5 x 2 do Corinthians, em casa, e após perder para o Flamengo na 12ª rodada (1 x 0), viu seu estádio, São Januário, ser interditado por seis jogos por causa de uma briga de sua torcida. Com alguns veteranos em má fase ou fora de forma, como Luis Fabiano, Wagner, Breno, o time fechou o primeiro turno na 12ª posição, mais próximo da zona do rebaixamento. Pouco depois, na 21ª rodada, após cinco jogos sem vitória, Eurico Miranda demitiu Milton Mendes e apostou em Zé Ricardo, que havia saído do rival Flamengo 20 dias antes. E deu certo. Com o novo técnico, com Nenê voltando a jogar bem, e os jovens Mateus Vidal e Paulinho entrando bem no time, o Vasco cresceu na competição, ficou 11 rodadas sem perder e subiu na tabela de classificação. No segundo turno, fez 32 pontos e teve a segunda melhor campanha, atrás apenas da Chapecoense no saldo de gols (2 contra 7). Na última rodada, após a vitória sobre a Ponte Preta, o time terminou na sétima colocação, garantiu vaga para a fase preliminar da Libertadores, torneio que não disputa desde 2012, e fechou a temporada comemorando bastante.

Nenê: veterano que deu certo

© GETTY IMAGES

Alan Ruschel voltou a jogar menos de um ano após tragédia da Chape: herói

©GETTY IMAGES

8º CHAPECOENSE

Há um ano, o mundo se comoveu com a tragédia da Chapecoense e seu terrível acidente aéreo. No início de 2017, contando com o apoio de vários clubes, que emprestaram jogadores, a Chape começou seu processo de reconstrução e, contando com a ajuda de sua torcida, o time teve uma temporada brilhante. No Estadual, ganhou o título sobre o rival Avaí. Na Libertadores, só não passou da fase de grupos, eliminando o Lanús, que viria a ser vice-campeão, por causa da escalação irregular do zagueiro Luiz Otávio. No Brasileirão, a Chape, apontada como favorita ao rebaixamento devida à falta de entrosamento da equipe e de todo seu momento, acabou conseguindo uma superação incrível. No primeiro turno, o time teve um ótimo início, empatando com o Corinthians em São Paulo e sendo líder na terceira e na quarta rodadas. Na sequência, porém, caiu de rendimento. Na 11ª rodada, quando estava na 15ª posição, o clube resolveu demitir o técnico Vágner Mancini e colocou Vinícius Eutrópio como seu sucessor. Mas com o novo treinador o time caiu ainda mais, chegando à 18ª posição, na zona do rebaixamento. Assim, na 23ª rodada, Eutrópio também foi demitido. Em seguida, o interino Emerson Cris assumiu o time até a chegada de Gilson Kleina, que conseguiu levar a Chape à Libertadores com a melhor campanha do clube em Brasileiros, uma invencibilidade de dez jogos e o título simbólico do segundo turno. O meia Alan Ruschel, um dos sobreviventes da tragédia, conseguiu retornar ao clube durante o Brasileirão, fazendo cinco jogos. Na campanha, entre os destaques do time, figuraram os atacantes Arthur Cayke, Wellington Paulista e Túlio de Melo, o goleiro Jandrei e o lateral-esquerdo Reinaldo.

©CAM OFICIAL

O Galo de Valdívia e Fred não embalou o suficiente

9º ATLÉTICO-MG

Um dos times mais fortes do Brasil na década, com grandes elencos, o Atlético-MG nem sempre vem conseguindo fazer boas temporadas. Em 2012, após um grande primeiro turno, acabou perdendo o título para o Fluminense no Brasileirão. Em 2013, o Galo ganhou sua primeira Libertadores, atingindo um novo patamar. Em 2014, levou a Copa do Brasil. Já em 2015, quando também era favorito no Brasileirão, acabou perdendo a disputa para o Corinthians. Agora, em 2017, após ganhar o Mineiro sob o comando do então promissor técnico Roger Machado, o Galo chegou forte ao Brasileirão, contando com os atacantes Fred e Robinho, os bons gringos Otero e Cazares, além dos experientes Victor, Leonardo Silva, Fábio Santos e Elias. Mas, sem conseguir um padrão tático e também sem contar com a boa fase de seus principais jogadores, além de ter ainda Marcos Rocha e Luan machucados, o Galo teve um início ruim no Brasileirão, ficando para trás. Mal ainda no Independência (onde chegou a ser o pior mandante no primeiro turno), o time acabou na 15ª rodada. Para o lugar de Roger veio Rogério Micale, medalha de ouro com a seleção na Olimpíada. O novo treinador, porém, não convenceu, bateu de frente com Robinho, que virou reserva, e foi fritado após a eliminação para o Jorge Wilstermann, da Bolívia, nas oitavas de final da Libertadores. Numa última tentativa, o Atlético apostou no experiente Oswaldo de Oliveira e acabou se dando bem. Com ele, o time conseguiu 59% de aproveitamento, voltou a vencer em casa e recuperou a boa fase de Fred e Robinho, além do calibrado Otero, destaque nas últimas rodadas com seus gols de falta. Assim, fechou o Brasileirão sonhando com a vaga para a Libertadores, mas na dependência do título do Flamengo na Copa Sul-Americana para concretizar esse sonho.

OBSERVAÇÃO
Até o fechamento da edição, o Atlético-MG dependia do título do Flamengo na Copa Sul-Americana para garantir sua vaga na fase preliminar da Libertadores de 2018. O Vasco, com o título do Flamengo, poderia também garantir vaga direta na fase de grupos.

A turma da Sul-Americana

10º BOTAFOGO

Exterminador de campeões na Libertadores, depois de vencer Colo-Colo-CHI, Olímpia-PAR, Estudiantes-ARG, Atlético Nacional-COL e Nacional-URU, o Botafogo do técnico Jair Ventura conseguiu ser um dos times mais elogiados do país no início do segundo semestre. Semifinalista da Copa do Brasil, depois de passar por Sport e Atlético-MG, o alvinegro sonhava com conquistas inéditas, embalado pelos gols do centroavante Roger, pelas defesas de Gatito Fernández e pela grande fase do volante Bruno Silva. Mas aí vieram as eliminações para o Grêmio (nas quartas da Libertadores) e para o rival Flamengo (na Copa do Brasil), além da ausência do time de Roger, diagnosticado com tumor nos rins. O time chegou a ser o melhor do returno até a 27ª rodada, mas entrou numa descendente. Nos últimos dez jogos, venceu apenas dois e terminou a competição com cinco jogos sem vitória, caindo do sexto para o décimo lugar.

Roger: afastamento por problema de saúde foi sentido

© GETTY IMAGES

Ribamar, atacante do Atlético: um dos poucos destaques

© GETTY IMAGES

11º ATLÉTICO-PR

Em 2016, o Atlético terminou na sexta colocação do Brasileiro e garantiu vaga na Libertadores graças ao bom desempenho em casa, na Arena da Baixada, onde teve aproveitamento de 87% dos pontos. Em 2017, porém, o time não repetiu o desempenho. Em Curitiba, o rubro-negro obteve apenas 50,9% de aproveitamento. Fora, foram apenas 38,6%. Treinado por Paulo Autuori no início da competição e depois por Eduardo Baptista, o Furacão chegou a ficar seis jogos sem vitória, indo para a zona do rebaixamento no início da competição. Acabou se recuperando, terminando o turno no oitavo lugar. Mas após as eliminações na Libertadores (para o Santos, nas oitavas) e na Copa do Brasil (para o Grêmio, nas quartas), e com o técnico Fabiano Soares no lugar de Eduardo Baptista, o Atlético caiu de rendimento no Brasileirão. No time, foram poucos os destaques. Entre eles, o zagueiro Thiago Heleno, o meia Sidcley e os atacantes Guilherme e Ribamar.

Mendoza: destaque no ataque baiano

© MARCELO MALAQUIAS /EC BAHIA

12º BAHIA

A campanha do Bahia no Brasileirão não foi das melhores, mas, perto do que apresentou nos últimos anos, desde sua queda para a Série B em 2014, o balanço final acabou sendo positivo. Apoiado por sua grande torcida, que teve a quarta melhor média de público na Série A (de 21 545 pagantes), o tricolor baiano passou a reta final do Brasileiro flertando com uma vaga na Libertadores e longe da zona do rebaixamento. Com um time ofensivo, com destaque para os meias Zé Rafael, Régis e Allione, os atacantes Mendoza e Edigar Junio, além do bom volante Renê Júnior, o Bahia foi um dos melhores mandantes da competição. Não fosse o mau desempenho fora de casa (28,1%), o time poderia até sonhar em voltar para a Libertadores após 29 anos. Outro problema enfrentado pelo tricolor foi a troca de técnicos. Depois de Guto Ferreira, que foi para o Internacional na terceira rodada, passaram Jorginho Campos e Preto Casagrande, que não foram bem, e Carpegiani, que assumiu na 27ª rodada.

13º SÃO PAULO

Comandado pelo novato técnico Rogério Ceni no início da temporada, o São Paulo mostrou um time bem ofensivo, mas com muitas falhas na defesa. Eliminado no Paulistão e na Copa Sul-Americana, a equipe teve um péssimo início de Brasileiro, que acabou culminando na demissão do ídolo. Na 14ª rodada, o tricolor chegou a acumular nove partidas sem vitória. Depois, com Dorival Júnior, a equipe demorou para engrenar. Passou 14 rodadas na zona do rebaixamento, seu recorde na era dos pontos corridos. Com a saída de algumas peças, como David Neres, Luiz Araújo, Maicon, e a chegada de novos titulares, como Arboleda, Petros, Jucilei, Hernanes e Marcos Guilherme, além da troca de outros titulares, como Sidão, Éder Militão e Edimar, o São Paulo praticamente mudou seu time durante a competição. Para a sorte da apaixonada torcida (que teve os maiores públicos do campeonato e a segunda maior média), o tricolor escapou do rebaixamento com uma boa campanha no returno. Hernanes, em grande fase, artilheiro do time, foi o grande responsável pela virada do Tricolor.

Hernanes: ele marcou a virada do São Paulo

© GETTY IMAGES

Apesar do ano ruim do Flu, Dourado foi artilheiro do campeonato

© GETTY IMAGES

14º FLUMINENSE

Pela quarta vez nos últimos cinco anos, o Fluminense fez uma campanha ruim no Brasileirão. Campeão em 2012, o tricolor foi apenas o 15º em 2013, melhorou um pouco no ano seguinte (sexto colocado), mas depois foi 13º em 2015 e 2016 e agora ficou na modesta 14ª posição. Comandado por Abel Braga, último treinador campeão nacional pelo clube, o Flu foi caindo de produção durante o Brasileirão e, na reta final, até precisou lutar contra o rebaixamento – escapou matematicamente apenas na 36ª rodada. Com uma defesa ruim (que levou gol em 33 dos 38 jogos), o Fluminense teve poucos bons momentos no Brasileirão e foi ainda o time que mais vezes empatou (14). O meia Gustavo Scarpa, que jogou todas as 38 partidas e foi o líder em assistências (12), e o centroavante Henrique Dourado, artilheiro da competição ao lado de Jô, com 18 gols, foram raros destaques do time na temporada, assim como Richarlison, que deixou o time no fim do primeiro turno, após ser vendido ao Watford-ING.

15º SPORT

O torcedor do Sport vivenciou momentos distintos no Brasileirão várias vezes, saindo do inferno, no início do campeonato, para o céu ainda no fim do primeiro turno, quando o Leão chegou a ser o quinto colocado. No returno, porém, o time de Luxemburgo teve uma queda brusca, ficou nove jogos sem vitória e, após a eliminação na Sul-Americana, Luxa foi demitido. Daniel Paulista, recorrente técnico tampão, pegou o Sport num momento ruim e, após ficar oito jogos sem vitória, viu o time praticamente rebaixado. Porém, o Leão venceu seus últimos três jogos (Bahia, Fluminense e Corinthians), viu o Coritiba perder suas últimas três partidas e acabou escapando do rebaixamento, no ano em que seus rivais pernambucanos caíram da Série B para a Série C. O atacante André, artilheiro do time com 16 gols, e Diego Souza, convocado para a seleção brasileira, foram os grandes nomes do time na competição.

André: artilheiro com 16 gols

© GETTY IMAGES

O Vitória no limbo e quatro rebaixados

O colombiano Tréllez foi bem e marcou 10 gols pelo Vitória

© GETTY IMAGES

16º VITÓRIA

Salvo pelo gongo, ou mais especificamente por um gol de saldo (-8 a -9 do Coritiba), o Vitória escapou do rebaixamento pelo segundo ano consecutivo na última rodada, terminando na 16ª colocação novamente. Apesar de ter bons valores individuais, principalmente do meio para a frente, como Yago, David, Neilton e o bom colombiano Tréllez, autor de dez gols, o rubro-negro não conseguiu fazer uma campanha convincente na competição. Ainda mais em casa, onde foi o pior mandante com apenas três vitórias em 19 jogos e 24,6% de aproveitamento. Treinado no começo do campeonato pelo sérvio Petkovic e depois por Alexandre Gallo, o Vitória recorreu novamente a Vágner Mancini para escapar da degola – e deu certo. Visitante surpreendente, o Vitória chegou a vencer cinco jogos seguidos fora de casa, tirando inclusive a invencibilidade do Corinthians. E, em uma das partidas como visitante, conquistou uma heroica vitória, de virada, sobre a Ponte Preta (3 x 2), em Campinas, rival direto na briga pela permanência na Série A.

17º CORITIBA

Rebaixado em 2005 e 2009, o Coritiba voltou a cair para a segunda divisão após lutar contra a queda pelo sexto ano consecutivo. Desta vez, não houve uma superação na reta final e o time amargou seu quinto descenso na história – caiu também em 1989 e 1993. Na verdade, nas últimas rodadas, o Coxa fez algo que parecia impossível após uma sequência de sete jogos sem derrota, entre a 29ª e a 35ª rodada. Dirigido por Marcelo Oliveira, técnico campeão pelo Cruzeiro recentemente, em 2013 e 2014, o Coritiba perdeu seus últimos três jogos (Atlético-MG, fora; São Paulo, em casa; e Chapecoense, fora) e foi ultrapassado pelo Sport, que ganhou seus últimos três, e pelo Vitória, no saldo de gols. Contra a Chape, o Coxa ainda levou a virada no último jogo, levando gol nos acréscimos. Time que figurou no G4 até a oitava rodada, e que contou com os rodados Wilson, Werley, Carleto, Anderson, Rildo e Kléber, o Coxa decepcionou uma vez mais sua torcida.

Fim de jogo contra a Chape: o Coritiba caía para a Série B

Betão espana mais uma, mas o Avaí caiu

© GETTY IMAGES

18º AVAÍ

Time com um dos menores orçamentos e também com um dos elencos mais fracos da série A, o Avaí até que uma boa companha sob o comando do técnico Claudinei Oliveira, o responsável pelo acesso do clube na série B de 2016. Com um time base e jogando fechado, o Avaí chegou até a se recuperar no campeonato, ficar sete jogos sem derrota e pular para a 13ª posição no início do returno. Mas sem peças de reposição, o time não conseguiu escapar da degola outra vez. O veterano e ídolo meia Marquinhos, o experiente zagueiro Betão, o atacante Júnior Dutra e o goleiro Douglas fecharam o Brasileirão em alta. Já o lateral-direito Maicon, ex-seleção brasileira, acabou sendo uma das decepções da equipe que teve o pior ataque de competição.

19º PONTE PRETA

Vice-campeã paulista, a Ponte Preta, do técnico Gilson Kleina, não dava pinta de que iria passar sufoco no Brasileirão no início do primeiro turno. Contando com os gols do inspirado Lucca, a boa fase de Aranha e ainda o bom futebol do veterano Emerson Sheik, a Macaca ficou próxima até da zona de classificação para a Libertadores. Porém, no segundo semestre, a situação mudou, principalmente por problemas internos entre o técnico e jogadores, e se sustentou até a 25ª rodada, quando Kleina foi mandado embora após o time entrar pela primeira vez na zona do rebaixamento. Dali em diante a equipe rendeu ainda menos com o técnico Eduardo Baptista e acabou caindo após a inacreditável derrota para o Vitória, rival direto, em casa, na penúltima rodada. Depois de abrir 2 x 0, a Ponte sofreu a virada, tendo como grande culpado o veterano zagueiro Rodrigo, expulso ainda no primeiro tempo, de forma bisonha, após enfiar o dedo nas nádegas do atacante Tréllez.

Vilão: Rodrigo enterrou a chance de a Ponte não cair

© GETTY IMAGES

Walter: o destaque do Atlético, nem sempre por méritos

© ATLÉTICO-GO OFICIAL

20º ATLÉTICO-GO

Outro time que viveu o efeito ioiô, o Atlético, campeão da Série B de 2016, foi o saco de pancadas do Brasileirão de 2017. Com 20 derrotas, o time ficou 37 das 38 rodadas na zona do rebaixamento, sendo o lanterna desde a décima rodada. Embora tenha melhorado seu rendimento após as saídas dos técnicos Marcelo Cabo e depois Doriva, o Atlético não conseguiu pontos suficientes para brigar por sua permanência. Sob o comando de João Paulo Sanches (interino que foi efetivado) desde a 16ª rodada, o Dragão conseguiu até bons resultados, como a vitória sobre o Corinthians em Itaquera, tendo ainda a 15ª melhor campanha no returno. Mas nada pôde fazer com um elenco fraco, onde o grande nome era o atacante Walter, longe, mais uma vez, de sua forma física e técnica ideal.

Clubes mais vezes rebaixados na era dos pontos corridos

3 Avaí, Coritiba, Figueirense, Ponte Preta, Vasco e Vitória

2 América-MG, Atlético-GO, Bahia, Criciúma, Fortaleza, Goiás, Guarani, Náutico, Portuguesa, Santa Cruz e Sport

1 América-RN, Atlético-MG, Atlético-PR, Botafogo, Brasiliense, Ceará, Corinthians, Grêmio, Internacional, Ipatinga, Joinville, Juventude, Palmeiras, Paraná, Paysandu, Prudente, Santo André e São Caetano

Premiação do Brasileirão (em reais)

Clube	Valor
1º Corinthians	18 069 300,00
2º Palmeiras	11 373 030,00
3º Santos	7 759 170,00
4º Grêmio	5 633 370,00
5º Cruzeiro	4 092 165,00
6º Flamengo	2 763 540,00
7º Vasco	2 391 525,00
8º Chapecoense	2 072 655,00
9º Atlético-MG	1 806 930,00
10º Botafogo	1 594 350,00
11º Atlético-PR	1 381 770,00
12º Bahia	1 222 335,00
13º São Paulo	1 062 900,00
14º Fluminense	956 610,00
15º Sport	850 320,00
16º Vitória	744 030,00

RESUMO

PERÍODO..............13/5 a 3/12
CLUBES................20
JOGOS..................380
GOLS....................923

MÉDIA DE GOLS.............13/5 A 3/12
MÉDIA DE PÚBLICO........16355
RENDA MÉDIA.................R$ 550824,77

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	Clube	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	%CASA	%FORA	1º T	2º T
1º	Corinthians	71	38	21	9	8	50	30	20	71,9%	54,4%	1º	12º
2º	Palmeiras	63	38	19	6	13	61	45	16	68,4%	42,1%	4º	3º
3º	Santos	63	38	17	12	9	42	32	10	70,2%	40,4%	3º	8º
4º	Grêmio*	62	38	18	8	12	55	36	19	59,6%	49,1%	2º	16º
5º	Cruzeiro**	57	38	15	12	11	47	39	8	59,6%	40,4%	7º	6º
6º	Flamengo	56	38	15	11	12	49	38	11	63,2%	35,1%	5º	9º
7º	Vasco	56	38	15	11	12	40	47	-7	54,4%	43,9%	12º	2º
8º	Chapecoense	54	38	15	9	14	47	49	-2	52,6%	42,1%	16º	1º
9º	Atlético-MG	54	38	14	12	12	52	49	3	43,9%	50,9%	15º	4º
10º	Botafogo	53	38	14	11	13	45	42	3	52,6%	40,4%	11º	7º
11º	Atlético-PR	51	38	14	9	15	45	43	2	50,9%	38,6%	8º	11º
12º	Bahia	50	38	13	11	14	50	48	2	59,6%	28,1%	13º	10º
13º	São Paulo	50	38	13	11	14	48	49	-1	61,4%	26,3%	17º	5º
14º	Fluminense	47	38	11	14	13	50	53	-3	47,4%	35,1%	9º	17º
15º	Sport	45	38	12	9	17	46	58	-12	49,1%	29,8%	6º	19º
16º	Vitória	43	38	11	10	17	50	58	-8	24,6%	50,9%	18º	14º
17º	Coritiba	43	38	11	10	17	42	51	-9	45,6%	29,8%	10º	18º
18º	Avaí	43	38	10	13	15	29	48	-19	42,1%	33,3%	19º	13º
19º	Ponte Preta	39	38	10	9	19	37	52	-15	52,6%	15,8%	14º	20º
20º	Atlético-GO	36	38	9	9	20	38	56	-18	29,8%	33,3%	20º	15º

Classificados para a fase de grupos da Libertadores de 2018
* Classificado como campeão da Copa Libertadores
** Classificado como campeão da Copa do Brasil
Classificados para a fase preliminar da Libertadores de 2018
Classificados para a Copa Sul-Americana 2018
Rebaixados para a série B de 2018

PG: pontos ganhos; **V:** vitórias; **E:** empates; **D:** derrotas; **GP:** gols pró; **GC:** gols contra; **SG:** saldo de gols; **%Casa:** aproveitamento em casa; **% Fora:** aproveitamento fora de casa; **1º T:** colocação no 1º turno; **2º T:** colocação no 2º turno.

1633
CARTÕES AMARELOS
MÉDIA 4,30 POR JOGO

Quem menos levou

Grêmio	63
Atlético-PR e São Paulo	69

Quem mais levou

Chapecoense	98
Botafogo	97
Coritiba	96

MAIORES GOLEADAS

Bahia 6 x 2 Atlético-PR
Fonte Nova (Salvador)
14/5 (1ª rodada)

Atlético-PR 5 x 0 Avaí
Arena da Baixada (Curitiba)
3/8 (18ª rodada)

Grêmio 5 x 0 Sport
Arena do Grêmio (Porto Alegre)
3/9 (22ª rodada)

Palmeiras 5 x 1 Sport
Allianz Parque (São Paulo)
17/11 (35ª rodada)

OS TRÊS MAIORES PÚBLICOS

61 142
São Paulo 1 x 1 Corinthians
Morumbi (São Paulo)

60 485
São Paulo 1 x 1 Bahia
Morumbi (São Paulo)

56 025
São Paulo 3 x 2 Cruzeiro
Morumbi (São Paulo)

338
Atlético-GO 2 x 0 Sport
Olímpico P. Ludovico (Goiânia)

1 035
Atlético-GO 1 x 0 Coritiba
Olímpico P. Ludovico (Goiânia)

1 243
Atlético-GO 1 x 1 Chapecoense
Olímpico P. Ludovico (Goiânia)

OS TRÊS MENORES PÚBLICOS

MELHOR APROVEITAMENTO EM CASA

Corinthians	71,9%
Santos	70,2%
Palmeiras	68,4%

MELHOR APROVEITAMENTO FORA

Corinthians	54,4%
Atlético-MG	50,9%
Vitória	50,9%
Grêmio	49,1%

MAIOR SEQUÊNCIA DE VITÓRIAS

Corinthians	6

MAIOR INVENCIBILIDADE

Corinthians	19

MAIS JOGOS SEGUIDOS SEM LEVAR GOLS

Corinthians	7

MAIS JOGOS SEM LEVAR GOLS

Corinthians e Santos	18

MAIS VIRADAS A FAVOR

Atlético-MG	6

MAIS VITÓRIAS NOS 5 MINUTOS FINAIS

Santos	3

MAIS GOLS DE CABEÇA

Atlético-MG	18

MENOS PÊNALTIS COMETIDOS

Fluminense	1

RODADAS NA LIDERANÇA

Corinthians	34
Chapecoense	2
Bahia	1
Grêmio	1

PIOR APROVEITAMENTO EM CASA

Vitória	24,6%
Atlético-GO	29,8%
Avaí	42,1%

PIOR APROVEITAMENTO FORA

Ponte Preta	15,8%
São Paulo	26,3%
Bahia	28,1%

MAIOR SEQUÊNCIA DE DERROTAS

Atlético-GO	4
Coritiba	4
Sport	4
Vitória (2)	4

MAIOR JEJUM DE VITÓRIAS

Coritiba	9
Sport	9

MAIS JOGOS SEGUIDOS SEM MARCAR

Sport	5 jogos

MAIS JOGOS SEM MARCAR

Atlético-PR	15 jogos
Avaí	15 jogos
Ponte Preta	15 jogos

MAIS VIRADAS SOFRIDAS

Ponte Preta	4

MAIS DERROTAS NOS 5 MINUTOS FINAIS

Botafogo	6

MAIS GOLS SOFRIDOS DE CABEÇA

Ponte Preta	19

MAIS PÊNALTIS COMETIDOS

Avaí	11
São Paulo	11

RODADAS NA LANTERNA

Atlético-GO	33
Atlético-PR	2
Avaí	2
Vitória	1

MÉDIA DE PÚBLICO

MÉDIA DE RENDA

1º Corinthians R$ 2 303 940,35
2º Palmeiras R$ 1 742 094,88
3º São Paulo R$ 919 249,00
4º Flamengo R$ 698 751,21
5º Grêmio R$ 689 317,42
6º Bahia R$ 564 676,18
7º Vasco R$ 559 014,69
8º Santos R$ 388 578,16
9º Fluminense R$ 381 687,37
10º Cruzeiro R$ 353 519,53
11º Coritiba R$ 342 467,89
12º Atlético-MG R$ 333 606,42
13º Atlético-PR R$ 301 713,68
14º Chapecoense R$ 271 845,26
15º Botafogo R$ 259 641,84
16º Sport R$ 251 275,68
17º Avaí R$ 201 929,79
18º Vitória R$ 166 227,13
19º Atlético-GO R$ 159 088,95
20º Ponte Preta R$ 85 476,21

716 JOGADORES

atuaram no Campeonato Brasileiro

69 SÃO GRINGOS

Argentina 23; Colômbia 13; Equador 10; Chile 4; Paraguai 4; Peru 4; Uruguai 3; Venezuela 3; Alemanha 1; Bolívia 1; Camarões 1; Portugal 1; Turquia 1

14 DEFENDERAM DOIS CLUBES

75 DEIXARAM O TORNEIO

Série B 21; Série C 1; Rescindiram o contrato 3; Dispensados 11; Encerrou a carreira 1; França 5; Argentina 4; Portugal 4; Rússia 4; Japão 3; México 3; Turquia 3; China 2; Arábia Saudita 1; Catar 1; Chile 1; Equador 1; Espanha 1; Estados Unidos 1; Inglaterra 1; Itália 1; Suíça 1; Ucrânia 1

QUEM USOU MAIS JOGADORES

Grêmio	48
Santos	41
São Paulo	41

QUEM USOU MENOS JOGADORES

Avaí	29
Corinthians	32
Palmeiras	32

QUEM MAIS JOGOU

38 jogos

Jean (goleiro/Bahia)
Jandrei (goleiro/Chapecoense)
Wilson (goleiro/Coritiba)
Gustavo Scarpa (meia/Fluminense)

37 jogos

Aranha (goleiro/Ponte Preta)
Vanderlei (goleiro/Santos)

GOLEIROS MENOS VAZADOS*

jogador	gs	jogos	média
Jaílson (Palmeiras)	3	5	0,60
Marcelo Grohe (Grêmio)	14	23	0,61
Cássio (Corinthians)	29	35	0,83
Jefferson (Botafogo)	5	6	0,83
Vanderlei (Santos)	32	37	0,86

*** mínimo de 5 jogos**

GOLEIROS MAIS VAZADOS*

jogador	gs	jogos	média
Kléver (Atlético-GO)	16	9	1,78
Caíque (Vitória)	16	9	1,78
Diego Cavalieri (Fluminense)	24	16	1,50
Magrão (Sport)	52	35	1,49
Fernando Miguel (Vitória)	42	29	1,45

*** mínimo de 5 jogos**

QUEM MAIS DEFENDEU PÊNALTIS

Gatito Fernández (Botafogo)	4
Victor (Atlético-MG)	3
Wilson (Coritiba)	3
Vanderlei (Santos)	3
Marcos (Atlético-GO)	2
Cássio (Corinthians)	2

OS MAIS VELHOS DO BRASILEIRÃO

jogador	posição	idade	nascimento
Zé Roberto (Palmeiras)	LE	43	6/7/1974
Magrão (Sport)	G	40	9/4/1977
Fernando Prass (Palmeiras)	G	39	9/7/1978
Emerson (Ponte Preta)	A	39	6/9/1978
Leonardo Moura (Grêmio)	LD	39	23/10/1978

OS MAIS NOVOS DO BRASILEIRÃO

jogador	posição	idade	nascimento
Yuri Alberto (Santos)	A	16	18/3/2001
Rodrygo (Santos)	A	16	9/2/2001
Lincoln (Flamengo)	A	16	16/12/2000
Paulinho (Vasco)	A	17	15/7/2000
Vinícius Júnior (Flamengo)	A	17	12/7/2000

GOLS DE FALTA

jogador	posição	gols
Otero (Atlético-MG)	M	4
Tomás Bastos (Coritiba)	M	2
Edilson (Grêmio)	LD	2
Hernanes (São Paulo)	V	2
Marquinhos (Avaí)	M	2
Nenê (Vasco)	M	2

MAIS GOLS DE CABEÇA

jogador	posição	gols
Fred (Atlético-MG)	A	9
Túlio de Melo (Chapecoense)	A	6
Henrique Dourado (Fluminense)	A	5
Diego Souza (Sport)	M	4
Ricardo Oliveira (Santos)	A	4
Luis Fabiano (Vasco)	A	4
Arthur Cayke (Chapecoense)	A	4

MAIS ASSISTÊNCIAS

12 Gustavo Scarpa (Flu)

Bruno Henrique (Santos)	A	11
Rodrigo Pimpão (Botafogo)	A	8
Thiago Neves (Cruzeiro)	M	7
Reinaldo (Chapecoense)	LE	7
Keno (Palmeiras)	A	7

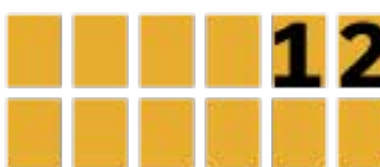
18 Gols

Henrique Dourado (Fluminense) Atacante / 32 jogos

Jô (Corinthians) Atacante / 34 jogos

André (Sport)	Atacante	16 gols / 35 jogos
Lucca (Ponte Preta)	Atacante	13 gols / 36 jogos
Fred (Atlético-MG)	Atacante	12 gols / 29 jogos

MAIS AMARELOS

12

Lucas Lima (Santos) M / 25 jogos
Wellington (Vasco) V / 26 jogos
Joel Carli (Botafogo) Z / 28 jogos
Romero (Corinthians) A / 30 jogos

MAIS VERMELHOS

2

Daniel Guedes (Santos) LD / 16 jogos
Fernando Bob (Ponte Preta) V / 19 jogos
Rodrigo (Ponte Preta) Z / 22 jogos
Naldo (Ponte Preta) V / 23 jogos
Elton (Ponte Preta) V / 28 jogos
Elias (Atlético-MG) V / 31 jogos

MAIS JOGOS SEM SOFRER GOL

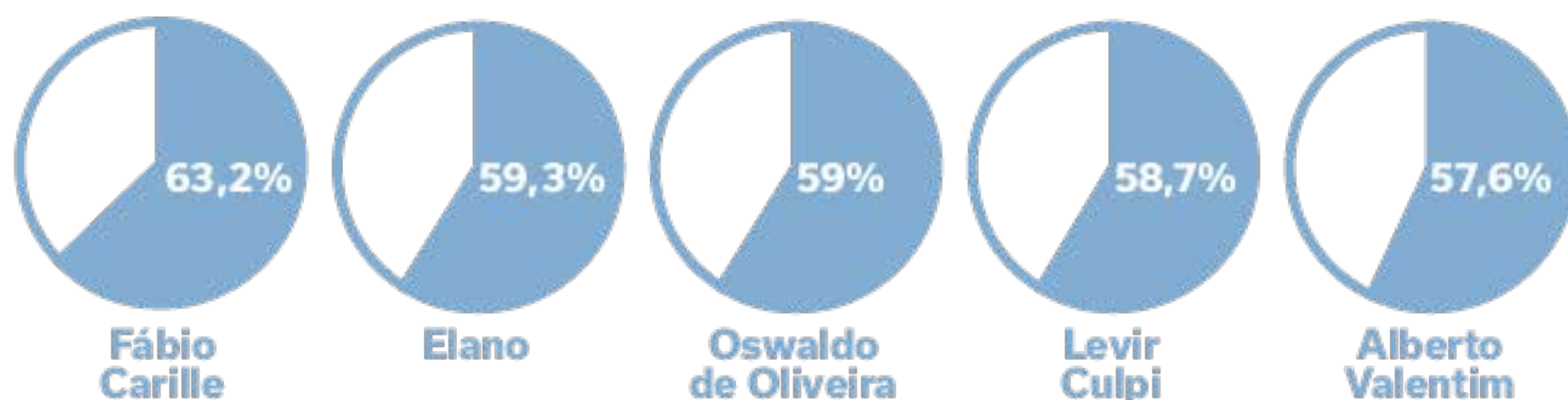
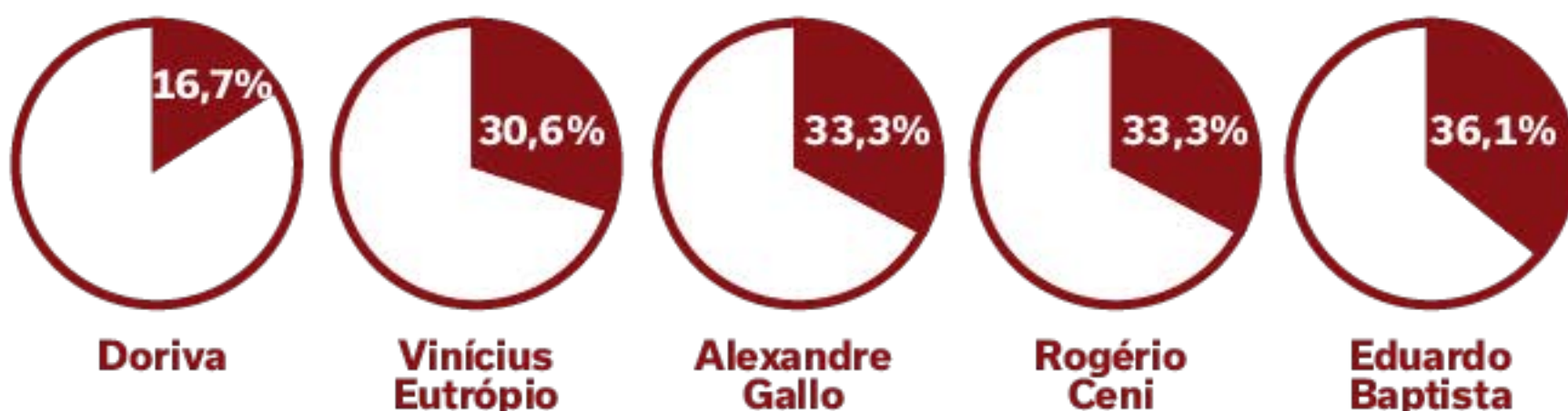
Vanderlei (Santos)	17
Cássio (Corinthians)	16
Aranha (Ponte Preta)	12
Marcelo Grohe (Grêmio)	12
Jandrei (Chapecoense)	11

MAIS PÊNALTIS COMETIDOS

Joel Carli (Botafogo)	Z
Douglas Friedrich (Avaí)	G

46 TÉCNICOS FORAM UTILIZADOS NO BRASILEIRÃO

13 DELES ATUARAM COMO INTERINOS

MELHOR APROVEITAMENTO
mínimo de 5 jogos

PIOR APROVEITAMENTO
mínimo de 5 jogos

TÉCNICOS QUE COMANDARAM MAIS CLUBES

QUEM TEVE MAIS TÉCNICOS

QUEM MANTEVE O TÉCNICO

43 ÁRBITROS APITARAM NO BRASILEIRÃO

11 NÃO APITARAM MAIS DO QUE TRÊS JOGOS

QUEM MAIS APITOU

21 Anderson Daronco (RS)

19 Ricardo Marques Ribeiro (MG)

18 Raphael Claus (SP)

ÁRBITROS QUE MAIS DERAM AMARELOS (MÉDIA)

5,7 Wagner Reway (MT) 85 cartões / 15 jogos
5,4 Elmo Alves R. Cunha (GO) 49 cartões / 9 jogos
5,4 Igor Junio Benevenuto (MG) 38 cartões / 7 jogos
5,4 Dewson F. Freitas da Silva (PA) 86 cartões / 16 jogos
5,2 Raphael Claus (SP) 93 cartões / 18 jogos

ÁRBITROS QUE MAIS EXPULSARAM (MÉDIA)

0,7
Wagner Reway (MT)
15 cartões / 7jogos

0,5
Eduardo Tomaz de Aquino Valadão (GO)
8 cartões / 4 jogos

0,4
Flávio Rodrigues de Souza (SP)
9 cartões / 4 jogos

0,4
Dewson Fernando Freitas da Silva (PA)
16 cartões / 6 jogos

0,4
Marcelo de Lima Henrique (RJ)
14 cartões / 5 jogos

OS ÁRBITROS MAIS "CASEIROS"

árbitro	jogos	aprov.
Leandro Bizzio Marinho (SP)	11	69,7%
Rodrigo Batista Raposo (DF)	6	66,7%
Sandro Meira Ricci (SC)	12	63,9%
Ricardo Marques Ribeiro (MG)	19	61,4%
Caio Max Augusto Vieria (RN)	6	61,1%

OS ÁRBITROS MENOS "CASEIROS"

árbitro	jogos	aprov.
Eduardo Tomaz de Aquino Valadão (GO)	8	33,3%
Heber Roberto Lopes (SC)	10	36,7%
Igor Junio Benevenuto (MG)	7	38,1%
Marcelo Aparecido Ribeiro de Souza (SP)	16	41,7%
Péricles Bassols Pegado Cortez (PE)	13	41%

MAIS PÊNALTIS ASSINALADOS

Leandro Pedro Vuaden (RS)	15
Rodolpho Toski Marques (PR)	9
Ricardo Marques Ribeiro (MG)	7
Raphael Claus (SP)	7
Wagner Reway (MT)	6
Rafael Traci (PR)	6

Obs.: Árbitros que apitaram no mínimo cinco partidas.

RANKING PLACAR DO BRASILEIRO 1971-2017

	Clube	Pontos
1º	São Paulo	224
2º	Corinthians	203
3º	Internacional	185
4º	Atlético-MG	186
	Grêmio	186
6º	Cruzeiro	180
7º	Palmeiras	177
8º	Santos	159
9º	Flamengo	153
10º	Vasco	129
11º	Fluminense	127
12º	Botafogo	102
13º	Atlético-PR	60
	Guarani	60
15º	Coritiba	56
16º	Goiás	51
17º	Sport	45
18º	Portuguesa	38
19º	Bahia	37
20º	Vitória	32
21º	Ponte Preta	31
22º	São Caetano	30
23º	Bragantino	27
24º	Operário-MS	18
25º	Paraná	15
26º	Santa Cruz	14
27º	Bangu	12
28º	Juventude	11
29º	América-RJ	10
30º	Brasil-RS	8
	Figueirense	8
32º	Londrina	7
33º	Avaí	5
	Náutico	5
35º	América-MG	4
	Ceará	4
37º	Chapecoense	3
	Joinville	3
	Remo	3
40º	Santo André	1
	Uberlândia	1

Corinthians é o novo líder!

Maior campeão paulista e agora o maior vencedor do Brasileirão desde 1971, o Timão assumiu a liderança do Ranking Placar de títulos pela primeira vez após levar duas taças em 2017

por Rodolfo Rodrigues

Com 14 títulos no século 21, o Corinthians saiu do oitavo para o primeiro lugar no Ranking Placar de títulos. Maior campeão do Paulistão, com 28 conquistas, o alvinegro passou a ser também agora o maior vencedor do Campeonato Brasileiro desde 1971, com sete títulos. Assim, chegou aos 409 pontos (contra 242 que tinha em 2001). Nesse período, o Corinthians ganhou quatro Brasileiros, duas Copas do Brasil, uma Libertadores, um Mundial, uma Recopa, um Rio-São Paulo, cinco Paulistas e uma Série B.

O Santos, até o fechamento da edição, então líder em 2016, caiu para o segundo lugar com 400 pontos, seguido pelo São Paulo, com 396. Ambos não conquistaram títulos em 2017. O Flamengo, quarto colocado, ganhou o Carioca e foi para 393 pontos. Finalista da Copa Sul-Americana, o rubro-negro, caso fique com o título internacional, pode ir a 403 pontos e chegar à vice-liderança do ranking.

O Cruzeiro, campeão da Copa do Brasil, ganhou 12 pontos em 2017, manteve-se na sexta colocação, mas aumentou sua diferença em relação ao Inter, o sétimo colocado, e diminuiu em relação ao Palmeiras, quinto colocado, que não pontuou em 2017. Já o Grêmio, campeão da Libertadores, pulou para 321 pontos e ficou a apenas cinco do rival Internacional. O tricolor gaúcho, porém, ainda tem a chance de ganhar mais 25 pontos este ano caso conquiste o Mundial de Clubes da Fifa.

© ALEX ANDRE BATTISULLI

Cássio ergue a taça que garantiu a liderança do Ranking Placar

1º CORINTHIANS
409 PONTOS

3 COPAS DO BRASIL 1995, 2002 e 09
1 LIBERTADORES 2012
5 TORNEIOS RIO-SP 1950, 53, 54, 66 e 2002
1 RECOPA 2013
1 BRASILEIRO SÉRIE B 2008
7 BRASILEIROS 1990, 98, 99, 2005, 11, 15 e 17
2 MUNDIAIS 2000 e 2012
28 ESTADUAIS 1914, 16, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 41, 51, 52, 54, 77, 79, 82, 83, 88, 95, 97, 99, 2001, 03, 09, 13 e 17

2º SANTOS
400 PONTOS

5 TORNEIOS RIO-SP 1959, 63, 64, 66 e 97
1 COPA DO BRASIL 2010
2 RECOPAS 1969 e 2012
1 COPA CONMEBOL 1998
2 BRASILEIROS 2002 e 2004
1 ROBERTÃO 1968
3 LIBERTADORES 1962, 63 e 2011
2 MUNDIAIS 1962 e 63
5 TAÇAS BRASIL 1961, 62, 63, 64 e 65
22 ESTADUAIS 1935, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 73, 78, 84, 2006, 07, 10, 11, 12, 15 e 16

3º SÃO PAULO
396 PONTOS

2 RECOPAS 1993 e 94
1 SUPERCOPA DA LIBERTADORES 1993
1 SUL-AMERICANA 2012
1 COPA CONMEBOL 1994
1 TORNEIO RIO-SP 2001
1 SUPERCAMPEONATO PAULISTA 2002
3 LIBERTADORES 1992, 93 e 2005
6 BRASILEIROS 1977, 86, 91, 2006, 07 e 08
3 MUNDIAIS 1992, 93 e 2005
20 ESTADUAIS 1943, 45, 46, 48, 49, 53, 57, 70, 71, 75, 80, 81, 85, 87, 89, 91, 92, 98, 2000 e 05

4º FLAMENGO
393 PONTOS*

1 LIBERTADORES 1981
1 COPA MERCOSUL 1999
1 TORNEIO RIO-SP 1961
1 COPA DOS CAMPEÕES 2001
1 MUNDIAL 1981
6 BRASILEIROS 1980, 82, 83, 87, 92 e 2009
3 COPAS DO BRASIL 1990, 2006 e 13
34 ESTADUAIS 1914, 15, 20, 21, 25, 27, 39, 42, 43, 44, 53, 54, 55, 63, 65, 72, 74, 78, 79, 79 especial, 81, 86, 91, 96, 99, 2000, 01, 04, 07, 08, 09, 11, 14 e 17

*Se ganhar a Copa Sul-Americana vai para 403 pontos e sobe para o 2º lugar

OS CRITÉRIOS DO RANKING

25 PONTOS Interclubes (Intercontinental e Copa Toyota) e Mundial de Clubes da Fifa; **20 PONTOS** Copa Libertadores e Campeonato Sul-Americano de Campeões; **15 PONTOS** Campeonato Brasileiro e Torneio Roberto Gomes Pedrosa; **12 PONTOS** Copa do Brasil e Taça Brasil; **10 PONTOS** Copa Mercosul, Supercopa Libertadores e Copa Sul-Americana; **7 PONTOS** Copa Conmebol e Recopa Sul-Americana; **6 PONTOS** Campeonatos e Supercampeonatos Paulista e Carioca; **4 PONTOS** Primeira Liga, Torneio Rio-São Paulo, Campeonatos e Supercampeonatos Mineiro e Gaúcho, Copas Sul/Sul-Minas, Centro-Oeste, Copa Nordeste/Campeonato do Nordeste, Copa Norte-Nordeste e Copa dos Campeões; **3 PONTOS** Série B, Campeonatos e Supercampeonatos Paranaense, Baiano e Pernambucano; **2 PONTOS** Copa Norte, Copa Verde, Campeonatos Catarinense, Cearense, Goiano e Paraense; **1 PONTO** Outros Estaduais, Série C; **0,5 PONTO** Série D

5º PALMEIRAS
357 PONTOS

5 TORNEIOS RIO-SP 1933, 51, 65, 93 e 2000
1 COPA MERCOSUL 1998
1 COPA DOS CAMPEÕES 2000
2 BRASILEIROS SÉRIE B 2003 e 2013

1 LIBERTADORES 1999

5 BRASILEIROS 1972, 73, 93, 94 e 2016

2 ROBERTÕES 1967 e 69

3 COPAS DO BRASIL 1998, 2012 e 15

2 TAÇAS BRASIL 1960 e 67

22 ESTADUAIS 1920, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 40, 42, 44, 47, 50, 59, 63, 66, 72, 74, 76, 93, 94, 96 e 2008

6º CRUZEIRO
348 PONTOS

2 SUPERCOPAS DA LIBERTADORES 1991 e 92
1 TAÇA BRASIL 1966
2 COPAS SUL-MINAS 2001 e 02
1 RECOPA 1998
1 COPA CENTRO-OESTE 1999
1 SUPERCAMPEONATO MINEIRO 2002

5 COPAS DO BRASIL 1993, 96, 2000, 03 e 17

3 BRASILEIROS 2003, 13 e 14

2 LIBERTADORES 1976 e 97

37 ESTADUAIS 1926, 28, 29, 30, 40, 43, 44, 45, 56, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 87, 90, 92, 94, 96, 97, 98, 2003, 04, 06, 08, 09, 11 e 14

7º INTERNACIONAL
326 PONTOS

2 RECOPAS 2007 e 11
1 COPA DO BRASIL 1992
1 SUL-AMERICANA 2008

3 BRASILEIROS 1975, 76 e 79

2 LIBERTADORES 2006 e 10

1 MUNDIAL 2006

45 ESTADUAIS 1927, 34, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 81, 82, 83, 84, 91, 92, 94, 97, 2002, 03, 04, 05, 08, 09, 11, 12, 13, 14, 15 e 16

8º GRÊMIO
321 PONTOS

1 MUNDIAL 1983

1 RECOPA 1996
1 COPA SUL 1999

3 LIBERTADORES 1983, 95 e 2017

5 COPAS DO BRASIL 1989, 94, 97, 2001 e 16

2 BRASILEIROS 1981 e 96

36 ESTADUAIS 1921, 22, 26, 31, 32, 46, 49, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 95, 96, 99, 2001, 06, 07 e 10

*Se ganhar o Mundial de Clubes da Fifa vai para 346 pontos e sobe para o 7º lugar

9º VASCO
281 PONTOS

1 TORNEIO SUL-AMERICANO 1948
1 COPA DO BRASIL 2011
3 TORNEIOS RIO-SP 1958, 66 e 99
1 COPA MERCOSUL 2000
1 BRASILEIRO SÉRIE B 2009

4 BRASILEIROS 1974, 89, 97 e 2000

1 LIBERTADORES 1998

24 ESTADUAIS 1923, 24, 29, 34, 36, 45, 47, 49, 50, 52, 56, 58, 70, 77, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 98, 2003, 15 e 16

10º FLUMINENSE
271 PONTOS

3 BRASILEIROS 1984, 2010 e 12

1 ROBERTÃO 1970

1 COPA DO BRASIL 2007
2 TORNEIOS RIO-SP 1957 e 60
1 PRIMEIRA LIGA 2016
1 BRASILEIRO SÉRIE C 1999

31 ESTADUAIS 1906, 07, 08, 09, 11, 17, 18, 19, 24, 36, 37, 38, 40, 41, 46, 51, 59, 64, 69, 71, 73, 75, 76, 80, 83, 84, 85, 95, 2002, 05 e 12

11º ATLÉTICO-MG
247 PONTOS

1 BRASILEIRO 1971
2 COPAS CONMEBOL 1992 e 97
1 COPA DO BRASIL 2014
1 RECOPA SUL-AMERICANA 2014
1 BRASILEIRO SÉRIE B 2006

1 LIBERTADORES 2013

44 ESTADUAIS 1915, 26, 27, 31, 32, 36, 38, 39, 41, 42, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 62, 63, 70, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 91, 95, 99, 2000, 07, 10, 12, 13, 15 e 17

12º BAHIA
180 PONTOS

1 BRASILEIRO 1988
1 TAÇA BRASIL 1959
3 COPAS DO NORDESTE 2001, 02 e 17

47 ESTADUAIS 1931, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 98, 99, 2001, 12, 14 e 15

13º BOTAFOGO
173 PONTOS

4 TORNEIOS RIO-SP 1962, 64, 66 e 98
1 BRASILEIRO 1995
1 TAÇA BRASIL 1968
1 COPA CONMEBOL 1993
1 BRASILEIRO SÉRIE B 2015

20 ESTADUAIS 1907, 10, 12, 30, 32, 33, 34, 35, 48, 57, 61, 62, 67, 68, 89, 90, 97, 2006, 10 e 13

14º SPORT
172 PONTOS

1 BRASILEIRO 1987
1 COPA DO BRASIL 2008
3 COPAS DO NORDESTE 1994, 2000 e 14
1 COPA NORTE-NORDESTE 1968

41 ESTADUAIS 1916, 17, 20, 23, 24, 25, 28, 38, 41, 42, 43, 48, 49, 53, 55, 56, 58, 61, 62, 75, 77, 80, 81, 82, 88, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 2000, 03, 06, 07, 08, 09, 10, 14 e 17

15º CORITIBA
135 PONTOS

1 BRASILEIRO 1985
2 BRASILEIROS SÉRIE B 2007 e 10

38 ESTADUAIS 1916, 27, 31, 33, 35, 39, 41, 42, 46, 47, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 86, 89, 99, 2003, 04, 08, 10, 11, 12, 13 e 17

16º PAYSANDU
108 PONTOS

2 BRASILEIROS SÉRIE B 1991 e 2001
1 COPA DOS CAMPEÕES 2002
1 COPA NORTE 2002
1 COPA VERDE 2016

47 ESTADUAIS 1920, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 76, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 92, 98, 2000, 01, 02, 05, 06, 09, 10, 13, 16 e 17

17º VITÓRIA
103 PONTOS

4 COPAS NORDESTE 1997, 99, 2003 e 10
1 SUPERCAMPEONATO BAIANO 2002

28 ESTADUAIS 1908, 09, 53, 55, 57, 64, 65, 72, 80, 85, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 99, 2000, 03, 04, 05, 07, 08, 09, 10, 13, 16 e 17

SEGUE A LISTA

22º - FORTALEZA (86 pontos)
23º - AMÉRICA-MG (75 pontos)
24º - GOIÁS (72 pontos)
25º - PAULISTANO-SP (66 pontos)
26º - NÁUTICO (63 pontos)
27º - ABC-RN (55 pontos)
28º - RIO BRANCO-AC (47 pontos)
29º - NACIONAL-AM (43 pontos)
30º - AMÉRICA-RJ (42 pontos)
31º - AMÉRICA-RN (39 pontos)
32º - SAMPAIO CORRÊA (39,5 pontos)
33º - CSA-AL (38 pontos)
34º - RIO BRANCO-ES (37 pontos)
35º - CRICIÚMA (36 pontos)
36º - FIGUEIRENSE (34 pontos)
36º - SERGIPE (34 pontos)
38º - AVAÍ (33 pontos)
39º - VILA NOVA (32 pontos)
40º - ATLÉTICO-GO (31 pontos)
41º - YPIRANGA-BA (30 pontos)
41º - RÍVER-PI (30 pontos)
41º - CRB-AL (30 pontos)
44º - PORTUGUESA-SP (29 pontos)
45º - BOTAFOGO-PB (28,5 pontos)
46º - GOIÂNIA (28 pontos)
46º - JOINVILLE (28 pontos)
48º - PARANÁ (27 pontos)
49º - MOTO CLUB-MA (25 pontos)
49º - CAMPINENSE-PB (25 pontos)
51º - MIXTO-MT (24 pontos)
51º - TUNA LUSO-PA (24 pontos)
51º - OPERÁRIO-PR (24 pontos)
51º - SÃO PAULO ATHLETIC (24 pontos)
55º - VILLA NOVA-MG (23 pontos)
56º - CHAPECOENSE (22 pontos)
57º - CONFIANÇA-SE (21 pontos)
57º - BRITÂNIA-PR (21 pontos)
59º - JUVENTUDE (19 pontos)
59º - ATLÉTICO-RR (19 pontos)
59º - BARÉ-RR (19 pontos)
59º - LONDRINA (19 pontos)
63º - FERROVIÁRIO-CE (18 pontos)
63º - GAMA-DF (18 pontos)
63º - DESPORTIVA-ES (18 pontos)
63º - AMÉRICA-PE (18 pontos)
63º - AA DAS PALMEIRAS (18 pontos)
68º - RIO NEGRO-AM (17 pontos)
68º - MACAPÁ-AP (17 pontos)
68º - FLAMENGO-PI (17 pontos)
68º - FERROVIÁRIO-RO (17 pontos)
72º - TREZE-PB (15 pontos)

18º CEARÁ
96 PONTOS

1 COPA NORDESTE 2015
1 COPA NORTE-NORDESTE 1969

44 ESTADUAIS 1915, 16, 17, 18, 19, 22, 25, 31, 32, 39, 41, 42, 48, 51, 57, 58, 61, 62, 63, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 2002, 06, 11, 12, 13, 14 e 17

18º SANTA CRUZ
96 PONTOS

1 COPA NORDESTE 2016
1 COPA NORTE-NORDESTE 1967
1 BRASILEIRO SÉRIE C 2013

29 ESTADUAIS 1931, 32, 33, 35, 40, 46, 47, 57, 59, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 83, 86, 87, 90, 93, 95, 2005, 11, 12, 13, 15 e 16

COELHO NA CARTOLA

Com uma boa campanha, o América-MG superou o decepcionante Internacional e conquistou a Série B pela segunda vez, retornando à primeira divisão ao lado de Ceará e Paraná

O Coelho sai da toca da Série B

©AMÉRICA-MG/OFICIAL

Pela segunda vez, um dos grandes do futebol brasileiro, rebaixado à segunda divisão na era dos pontos corridos, voltou à primeira divisão sem conquistar o título da Série B. Sem conseguir comprovar seu grande favoritismo, o Internacional teve um início ruim na Segundona, deu depois uma ótima arrancada, mas acabou derrapando na reta final e foi ultrapassado pelo América-MG. O Coelho, do técnico Enderson Moreira, o mesmo que caiu com o clube na Série A de 2016, mostrou-se mais regular na competição e merecidamente ficou o título da Série B, seu segundo na história – havia sido campeão há 20 anos, em 1997. Assim, o time mineiro se igualou a Coritiba, Goiás, Palmeiras, Paraná e Paysandu, que também venceram duas vezes a Segundona. Entre os destaques do time campeão, estavam o veterano centroavante Bill, artilheiro da equipe com 9 gols, o atacante Luan, ex-Palmeiras e Cruzeiro, o meia Ruy, ex-Coritiba, os rodados Renan Oliveira, ex-Atlético-MG, Edno e Gérson Magrão, além do bom goleiro João Ricardo e o promissor meia Matheusinho.

Comandado pelo técnico Antônio Carlos Zago, que havia sido campeão gáucho sobre o próprio Inter no primeiro semestre, o Colorado demorou para emplacar na Série B. Mesmo contanto com bons remanescentes do time de 2016, como o goleiro Danilo Fernandes, o zagueiro Ernando, o volante Rodrigo Dourado e o atacante Nico López, e reforçado com jogadores como Uendel, Carlinhos, Edenílson, Camilo e Willian Pottker, além de D'Alessandro, que voltou de empréstimo ao River Plate-ARG, o Inter não conseguiu mostrar sua superioridade perante os rivais da Segundona. Assim, logo na terceira rodada, a direção do clube trocou de treinador e apostou em Guto Ferreira, que estava no Bahia, para reconduzir o time à série A. Com Guto, o time ainda demorou para engrenar, sem conseguir chegar à liderança no primeiro turno. No returno, porém, o Colorado deu uma arrancada (venceu dez jogos em 11 rodadas) e pulou para o primeiro lugar. Na reta final, porém, entre a 32ª e a 36ª rodada, não venceu, caiu para a vice-liderança e, antes mesmo deo campeonato terminar, mandou Guto Ferreira embora.

Promovido como vice-campeão, o Inter igualou o Vasco de 2016, outro grande que subiu sem o título.

Por outro lado, outros dois clubes que há tempos não disputavam o Brasileirão estão de volta à Série A: o Ceará, treinado por Marcelo Chamusca, que não jogava a primeira divisão desde 2011, e o Paraná, do técnico Matheus Costa, ausente na Série A desde 2007. O time nordestino, dono da segunda melhor média de público da competição (20 555), teve como destaques o centroavante Élton, ex-Vasco, o meia Pedro Ken, o atacante Maikon Leite e o vovô Magno Alves, de 41 anos. Já o Paraná teve como principais nomes os atacantes Renatinho, autor de 9 gols, e Alemão, além do zagueiro Iago Maidana.

Do outro lado da tabela, as grandes decepções foram os pernambucanos Náutico e Santa Cruz, rebaixados à Série C após campanhas pífias, ao lado do ABC de Natal e da Luverdense.

O Guarani, que chegou a liderar a competição nas primeiras rodadas, também acabou decepcionando, mas se livrou da degola na última rodada.

Já o Londrina, campeão da Primeira Liga, foi uma das surpresas da competição, ao lado do Oeste, na briga por uma vaga no G4.

RESUMO

Período	12/5 a 25/11
Clubes	20
Jogos	380
Gols	820
Média de gols	2,16
Média de público	5957
Renda média	R$ 104876,84

MELHOR MÉDIA DE PÚBLICO

Internacional 23328

MAIOR PÚBLICO

56005

Ceará 1 x 0 ABC
25/11/2017, Castelão
Fortaleza-CE

MENOR PÚBLICO

119

Náutico 1 x 2 Vila Nova-GO
18/11/2017, Arruda
Recife-PE

MAIOR GOLEADA

Luverdense 4 x 0 Brasil de Pelotas
13/6/2017, Arena Pantanal
Cuiabá-MT

Paraná 4 x 0 Santa Cruz
29/7/2017, Durival de Britto
Curitiba-PR

Guarani 0 x 4 Paraná
19/9/2017, Brinco de Ouro
Campinas-SP

ARTILHEIROS

16 GOLS
Mazinho (Oeste) e Bérgson (Paysandu)

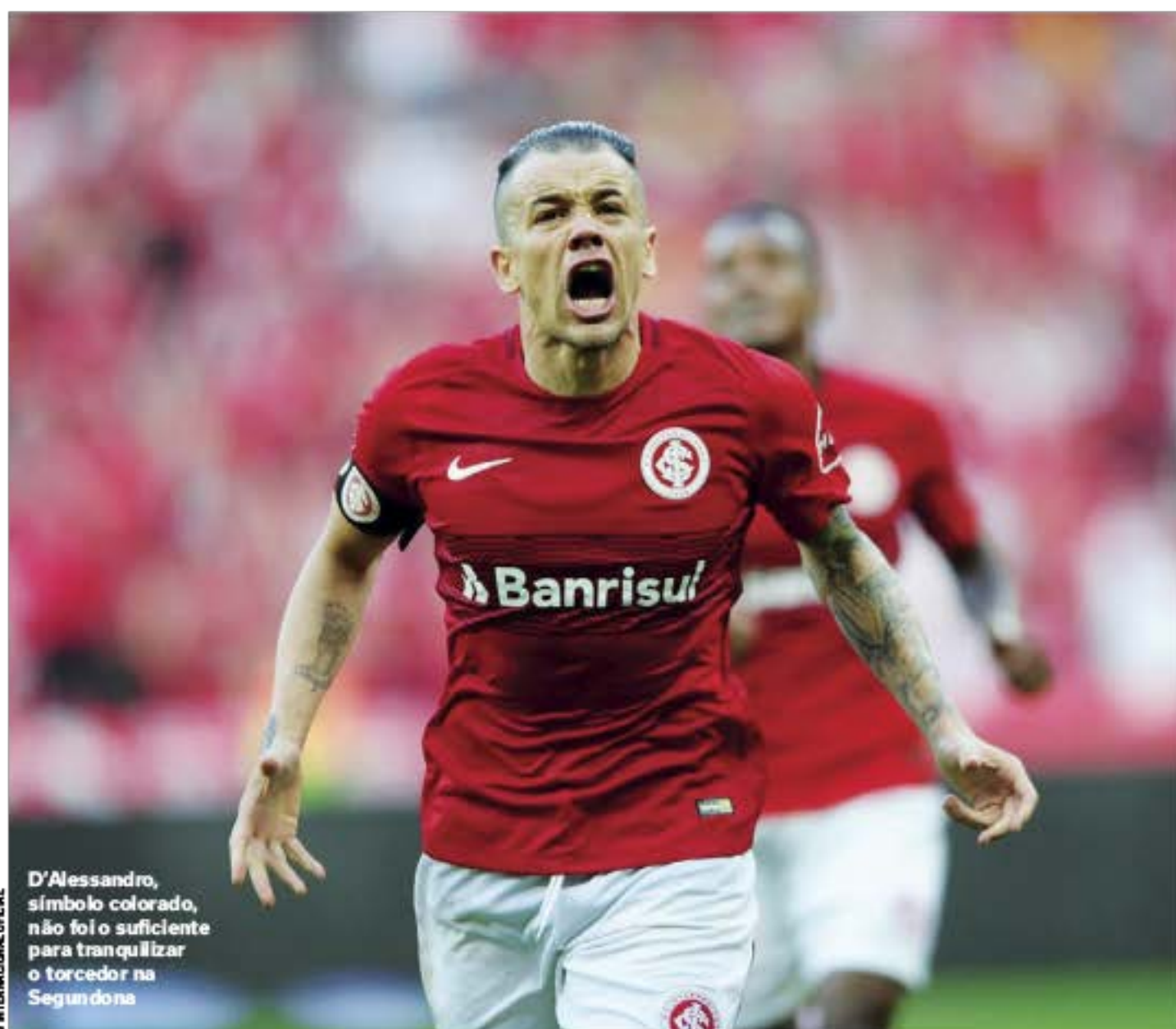
12 GOLS
Henan (Figueirense)

11 GOLS
Jonatas Belusso (Londrina), Tiago Marques (Juventude) e Alan Mineiro (Vila Nova-GO)

10 GOLS
Rodolfo e Thaciano (Boa), Lucão (Criciúma) e William Pottker (Internacional)

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	Clube	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º	América-MG	73	38	20	13	5	46	25
2º	Internacional	71	38	20	11	7	54	26
3º	Ceará	67	38	19	10	9	46	32
4º	Paraná	64	38	18	10	10	49	28
5º	Londrina	62	38	18	8	12	56	46
6º	Oeste	59	38	14	17	7	43	31
7º	Vila Nova	58	38	15	13	10	38	30
8º	Brasil de Pelotas	51	38	15	6	17	43	50
9º	Juventude	51	38	13	12	13	35	38
10º	Boa Esporte	50	38	12	14	12	40	42
11º	Paysandu	48	38	13	9	16	41	41
12º	Figueirense	48	38	12	12	14	44	49
13º	Criciúma	48	38	12	12	14	41	46
14º	Goiás	45	38	12	9	17	35	46
15º	CRB	45	38	12	9	17	35	50
16º	Guarani	44	38	11	11	16	36	46
17º	Luverdense	44	38	10	14	14	38	40
18º	Santa Cruz	37	38	8	13	17	43	54
19º	ABC	34	38	9	7	22	28	49
20º	Náutico	32	38	8	8	22	29	51

Promovidos à Série A de 2018
Rebaixados à Série C de 2018

D'Alessandro, símbolo colorado, não foi o suficiente para tranquilizar o torcedor na Segundona

© INTERNACIONAL OFICIAL

TRÊS TRADICIONAIS CLUBES DO NORDESTE (CSA, FORTALEZA E SAMPAIO CORRÊA) CONSEGUIRAM O ACESSO PARA A SÉRIE B DE 2018 AO LADO DO SÃO BENTO, DE SOROCABA-SP. O CSA, DO TÉCNICO FLÁVIO ARAÚJO, GANHOU SEU PRIMEIRO TÍTULO NACIONAL SOBRE O FORTALEZA

RESUMO

Período	14/5 a 21/10
Clubes	20
Jogos	415
Gols	193
Média de gols	2,15
Média de público	4 309
Renda média	R$ 82555,37

MELHOR MÉDIA DE PÚBLICO
Fortaleza-CE 18 175

MAIOR PÚBLICO
43 778
Fortaleza 1 x 2 CSA
14/10/2017, Castelão
Fortaleza-CE

MENOR PÚBLICO
98
Mogi Mirim 3 x 0 Macaé
2/9/2017, Vail Chaves
Mogi Mirim-SP

MAIOR GOLEADA
Joinville 8 x 1 Mogi Mirim-SP
9/9/2017, Arena Joinville
Joinville-SC

ARTILHEIROS

13 GOLS
Rafael Grampola (Joinville)

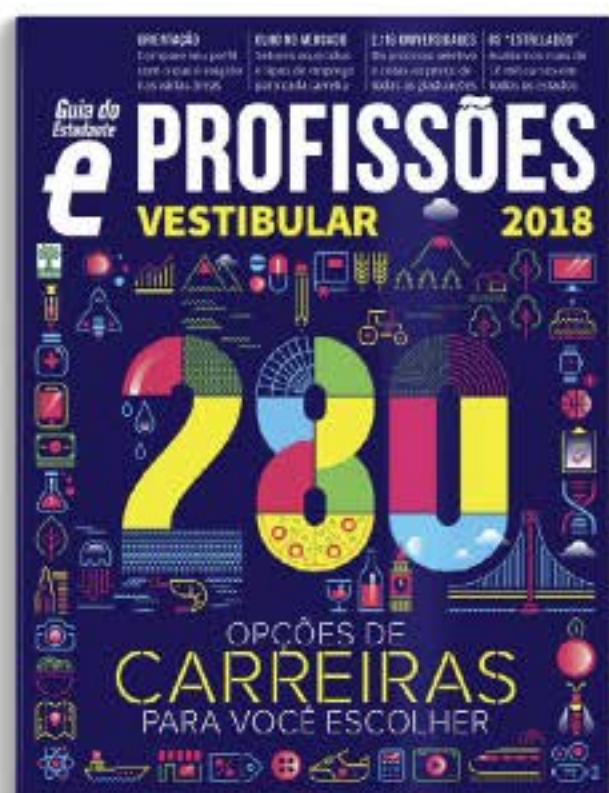
8 GOLS
André Luís (Ypiranga), Max (Tombense), Michel (CSA) e Tito (Confiança)

7 GOLS
Cláudio Maradona (Macaé), David Batista (Volta Redonda), Dico (Botafogo-PB) e Isac (Sampaio Corrêa)

A hora da taça: CSA campeão da Série C

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	Clube	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º	CSA-AL	45	24	12	9	3	27	14	13
2º	Fortaleza-CE	35	24	9	8	7	26	20	6
3º	São Bento-SP	38	22	10	8	4	23	11	12
4º	Sampaio Corrêa-MA	37	22	10	7	5	28	24	4
5º	Tupi-MG	31	20	8	7	5	22	20	2
6º	Volta Redonda-RJ	26	20	6	8	6	25	19	6
7º	Tombense-MG	26	20	6	8	6	19	20	-1
8º	Confiança-SE	26	20	6	8	6	23	27	-4
9º	Joinville-SC	25	18	6	7	5	28	23	5
10º	Botafogo-SP	25	18	6	7	5	25	20	5
11º	Salgueiro-PE	24	18	7	3	8	19	16	3
12º	Ypiranga-RS	23	18	5	8	5	23	21	2
13º	Cuiabá-MT	23	18	4	11	3	17	17	0
14º	Remo-PA	22	18	5	7	6	19	21	-2
15º	Botafogo-PB	21	18	6	3	9	18	21	-3
16º	Bragantino-SP	21	18	4	9	5	16	19	-3
17º	Moto Club-MA	20	18	5	5	8	18	20	-2
18º	Macaé-RJ	19	18	5	4	9	16	28	-12
19º	Mogi Mirim-SP	13	18	3	4	11	15	34	-19
20º	ASA-AL	13	18	2	7	9	11	23	-12

Promovidos à Série B de 2018
Rebaixados à Série D de 2018

COM DOIS FINALISTAS INÉDITOS EM COMPETIÇÕES NACIONAIS, O OPERÁRIO FERROVIÁRIO, DE PONTA GROSSA-PR, FICOU COM O TÍTULO DA QUARTA DIVISÃO AO BATER O GLOBO, DA CIDADE DE CEARÁ MIRIM-RN. AO LADO DELES, SUBIRAM TAMBÉM PARA A SÉRIE C DE 2018 O ATLÉTICO ACREANO-AC E JUAZEIRENSE-BA. JÁ AMÉRICA-RN E PORTUGUESA DECEPCIONARAM NA COMPETIÇÃO

RESUMO

Período	21/5 a 10/9
Clubes	68
Jogos	266
Gols 630	
Média de gols	2,37
Média de público	1159
Renda média	R$ 19790,48

MELHOR MÉDIA DE PÚBLICO

América-RN 8094

MAIOR PÚBLICO

12799

América-RN 1 x 1 Juazeirense-BA (13/8/2017, Arena das Dunas, Natal-RN)

MENOR PÚBLICO

16

Real Ariquemes-RO 0 x 1 Princesa do Solimões-AM (25/6/2017, Valerião, Ariquemes-RO)

MAIOR GOLEADA

Luziânia-GO 5 x 0 Sete de Dourados-MS (3/6/2017, Serra do Lago, Luziânia-GO)

Atlético Acreano-AC 5 x 0 Real Ariquemes-RO (4/6/2017, Florestão, Rio Branco-AC)

ARTILHEIROS

9 gols

Eduardo (Atlético Acreano-AC)

Weverton (Princesa do Solimões-AM)

7 gols

Bruno (Gurupi-TO)

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	Clube	PG	J	V	E	D	GP	GC
1°	Operário Ferroviário-PR	34	16	11	1	4	23	8
2°	Globo-RN	33	16	11	0	5	21	15
3°	Atlético Acreano-AC	25	14	7	4	3	27	13
4°	Juazeirense-BA	22	14	5	7	2	24	16
5°	América-RN	26	12	8	2	2	18	9
6°	URT-MG	19	12	5	4	3	8	8
7°	São José de Porto Alegre-RS	18	12	5	3	4	16	8
8°	Maranhão-MA	16	12	4	4	4	18	14
9°	São Bernardo-SP	19	10	5	4	1	11	6
10°	Espírito Santo-ES	18	10	5	3	2	11	6
11°	Santos-AP	17	10	4	5	1	18	13
12°	Villa Nova-MG	17	10	4	5	1	11	8
13°	Guarany de Sobral-CE	16	10	5	1	3	15	15
14°	Gurupi-TO	16	10	4	4	2	14	13
15°	Ceilândia-DF	14	10	4	2	4	11	9
16°	Fluminense-BA	13	10	2	7	1	13	9
17°	Portuguesa-RJ	15	8	4	3	1	10	4
18°	Princesa do Solimões-AM	14	8	4	2	2	13	8
19°	Rio Branco-AC	14	8	4	2	2	11	9
20°	Brusque-SC	13	8	4	1	3	10	7
21°	Altos-PI	12	8	3	3	2	17	9
22°	Sousa-PB	12	8	3	3	2	10	8
23°	Aparecidense-GO	11	8	3	2	3	10	9
24°	Boavista-RJ	11	8	3	2	3	11	11
25°	Comercial-MS	11	8	3	2	3	11	11
26°	União Rondonópolis-MT	11	8	3	2	3	9	10
27°	Metropolitano-SC	11	8	3	2	3	6	9
28°	Jacobina-BA	10	8	3	1	4	12	14
29°	Campinense-PB	10	8	2	4	2	7	6
30°	São Francisco-PA	10	8	2	4	2	10	12
31°	Parnahyba-PI	9	8	3	0	5	8	9
32°	Desportiva-ES	8	8	2	2	4	6	9
33°	Luziânia-GO	10	6	2	4	0	11	5
34°	River-PI	9	6	3	0	3	8	9
35°	XV de Piracicaba-SP	9	6	3	0	3	7	8
36°	Trem-AP	9	6	3	0	3	7	11
37°	Anápolis-GO	9	6	2	3	1	8	6
38°	Inter de Lages-SC	8	6	2	2	2	4	4
39°	Ituano-SP	8	6	2	2	2	4	4
40°	Bangu-RJ	8	6	2	2	2	7	8
41°	Itumbiara-GO	8	6	2	2	2	5	6
42°	São Raimundo-PA*	7	6	3	1	2	11	7
43°	Portuguesa-SP	7	6	2	1	3	5	4
44°	Red Bull Brasil-SP	7	6	2	1	3	5	5
45°	Coruripe-AL	7	6	2	1	3	9	10
46°	América-PE	7	6	2	1	3	3	5
47°	Atlético Pernambucano-PE	7	6	2	1	3	9	12
48°	Central-PE	7	6	2	1	3	7	11
49°	Cordino-MA	7	6	2	1	3	5	9
50°	Guarani de Juazeiro-CE	7	6	2	1	3	3	7
51°	Fast Clube-AM	7	6	1	4	1	6	7
52°	Sergipe-SE	6	6	2	0	4	7	11
53°	Murici-AL	6	6	2	0	4	7	12
54°	Caldense-MG	6	6	2	0	4	6	11
55°	Foz do Iguaçu-PR	6	6	1	3	2	4	6
56°	Itabaiana-SE*	5	6	2	2	2	8	10
57°	São Raimundo-RR	5	6	1	2	3	7	9
58°	Novo Hamburgo-RS	5	6	1	2	3	4	6
59°	Genus-RO	5	6	1	2	3	7	10
60°	São Paulo-RS	4	6	1	1	4	7	12
61°	PSTC-PR	4	6	1	1	4	3	10
62°	Tocantins de Miracema-TO	4	6	1	1	4	5	14
63°	Sinop-MT	3	6	0	3	3	5	11
64°	Baré-RR	3	6	0	3	3	3	9
65°	Potiguar de Mossoró-RN	2	6	0	2	4	4	11
66°	Audax-SP	1	6	0	1	5	4	9
67°	Sete de Dourados-MS	1	6	0	1	5	3	13
68°	Real Ariquemes-RO	1	6	0	1	5	3	14

* O São Raimundo-PA e o Itabaiana-SE foram punidos com a perda de 3 pontos por utilizarem atletas de forma irregular.

Promovidos à Série C de 2018